

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
DIRETORIA DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL E INOVAÇÃO MESTRADO
PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL

GABRIELA BRIGIDO DE AQUINO

A EXPERIÊNCIA DE UMA DISCIPLINA ELETIVA DE ESTUDO DE GÊNERO EM
UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO NO BAIRRO DE
BRASILIA TEIMOSA (PE)

RECIFE
2024

GABRIELA BRIGIDO DE AQUINO

**A EXPERIÊNCIA DE UMA DISCIPLINA ELETIVA DE ESTUDOS DE GÊNERO EM
UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO NO BAIRRO DE
BRASÍLIA TEIMOSA (PE)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao Mestrado Profissional de Sociologia em
Rede Nacional da Fundação Joaquim
Nabuco, na modalidade “intervenção
pedagógica”, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Juventude e Questões
Contemporâneas

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Cibele Barbosa
daSilva Andrade.

RECIFE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Fundação Joaquim Nabuco - Biblioteca)

A657e Aquino, Gabriela Brigido de

A Experiência de uma disciplina eletiva de estudo de gênero em uma escola pública estadual de ensino médio no bairro de Brasília Teimosa (PE). / Gabriela Brigido de Aquino. - Recife: O Autor, 2024.

117 p.: il.

Orientadora: Dra. Cibele Barbosa da Silva Andrade

Trabalho de conclusão de curso (Mestrado) – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – ProfSocio, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2024

Inclui bibliografia

1. Educação. 2. Estudo de Gênero. I. Andrade, Cibele Barbosa da Silva, orient. II. Título

CDU: 37

FOLHA DE APROVAÇÃO

Gabriela Brigido de Aquino

A experiência de uma disciplina eletiva de estudo de gênero em uma escola pública estadual de ensino médio no bairro de Brasília Teimosa (PE)

Trabalho aprovado 27 de setembro de 2024 banca PRESENCIAL.

BANCA EXAMINADORA COM PARTICIPAÇÃO PRESENCIAL

PROFESSORES PARTICIPANTES DA BANCA

Cibele Barbosa da Silva Andrade

Orientadora / Examinadora Interna – ProfSocio/ Fundaj

Ana de Fátima Pereira Sousa Abranches

Examinadora Interna – ProfSocio/Fundaj

Silvia Costa Couceiro

Examinadora Externa – Fundaj

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho a minha família, meu filho Jorge e meu esposo Weyller Diogo que me deu força, coragem e apoio nesse caminho difícil. À minha mãe que mesmo não estando entre nós, sempre acreditou que eu chegaria longe.

Agradeço às amigas do trabalho e do mestrado que fiz no decorrer dessa empreitada: Iane, Tereza, Amanda, Erika. A gestão da escola me apoiou o tempo todo e me possibilitou para que eu pudesse assistir às aulas do mestrado Kátia, Elaine, Alice, Viviane, Marilda. A turma da cozinha que sempre foram ótimos colegas de trabalho e que proporciona um ótimo alimento para os alunos, e a turma da limpeza que proporciona um ambiente saudável e limpo para todos.

Agradeço a cada professor e professora que pude conhecer nessa Instituição FUNDAJ quanto nas Instituições parceiras do PROFSOCIO.

Por fim é com muito carinho e gratidão pela orientação, amizade, paciência e principalmente compreensão da minha orientadora Cibele que com o passar do tempo percebi o quanto ela confia em seus orientandos e como somos capazes de chegar aos nossos destinos.

EPÍGRAFE

“O sexo de um corpo é simplesmente complexo demais. Não existe o isso ou aquilo. Antes, existem nuances de diferença, [...] rotular alguém homem ou mulher é uma decisão social.”

Anne Fausto Sterling

RESUMO

Entre os anos de 2021 e 2023, foi desenvolvido um projeto educacional voltado ao estudo de gênero em uma escola estadual situada no bairro periférico de Brasília Teimosa, na cidade de Recife, no estado de Pernambuco. Este projeto teve como objetivo implementar uma eletiva de estudo de gênero para alunos do 2º e 3º anos do ensino médio, promovendo uma intervenção pedagógica a partir de atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Estudo de Gênero (NEG). A iniciativa de fundar o Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) se deu pela Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco em colaboração com a Secretaria de Educação de Pernambuco. A intervenção pedagógica como eletiva ocorre em dois períodos de seis meses no ano de 2023, mas também houve atividades em 2021, durante a pandemia, focadas em conscientizar e esclarecer os estudantes sobre formas de violência física, psicológica e financeira. Em 2022, o projeto não obteve o desenvolvimento esperado devido à forma esporádica e mínima de execução das aulas, o que comprometeu a continuidade da eletiva. A condução das atividades pedagógicas baseou-se na criação de sequências didáticas adaptadas conforme os anseios e questionamentos dos estudantes. Assim, a progressão das aulas ocorria em resposta aos interesses e demandas levantadas ao final de cada encontro. A metodologia utilizada incluiu rodas de diálogo, atividades escritas, produção de vídeos, diários de registro, entrevistas com os alunos, apresentações em feiras escolares, além de momentos de culminância dos conteúdos discutidos em sala de aula. Esse conjunto de práticas pedagógicas visava estimular o pensamento crítico e reflexivo dos estudantes em relação à construção sociocultural do conceito de gênero. Ao final de cada período, os alunos produziam materiais e trabalhos que sintetizavam as reflexões e aprendizagens desenvolvidas ao longo das atividades, demonstrando o impacto e os resultados da eletiva.

Palavras-chave: Educação, Gênero, Eletiva e Secretaria da mulher.

ABSTRACT

Between 2021 and 2023, an educational project focused on the study of gender was developed in a state school located in the peripheral neighborhood of Brasília Teimosa, in the city of Recife. This project aimed to implement a gender study elective for students in the 2nd and 3rd years of high school, promoting a pedagogical intervention based on activities developed by the Gender Study Center (NEG). The initiative was created by the Women's Department of the State of Pernambuco in collaboration with the Pernambuco Department of Education. The pedagogical intervention took place over two six-month periods in 2023, but there were also activities in 2021, during the pandemic, focused on raising awareness and enlightening students about forms of physical, psychological and financial violence. In 2022, the project did not achieve the expected development due to the sporadic and minimal way in which classes were carried out, which compromised the continuity of the elective. The conduct of pedagogical activities was based on the creation of didactic sequences that were adapted according to the students' desires and questions. Thus, the progression of classes occurred in response to the interests and demands raised at the end of each meeting. The methodology used included dialogue circles, written activities, video production, diaries, interviews with students, presentations at school fairs, in addition to moments of culmination of the content discussed in the classroom. This set of pedagogical practices aimed to stimulate students critical and reflective thinking in relation to the sociocultural construction of the concept of gender. At the end of each period, students produced materials and work that summarized the reflections and learning developed throughout the activities, demonstrating the impact and results of the elective.

Keyword: Education, Gender, Elective subject e Women's secretary.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPMI – Comissão Parlamentar Mista de Inquérito

EREM – Escola de Referência do Ensino Médio

ETE - Escola Técnica Estadual

FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco

GEIDH - Gerência de Políticas Educacionais de Educação Inclusiva, Direitos Humanos e Cidadania

GRE - Gerência Regional de Educação

IES - Instituição de Ensino Superior

NEG - Núcleo de Estudo de Gênero

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

SECMULHER - Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco

SEDE - Secretaria Executiva de Desenvolvimento da Educação

SEDUC - Secretaria de Educação do Estado

SDS - Secretaria de Defesa Social

SUPED - Superintendência Pedagógica da Secretaria Executiva de Educação Integral e Profissional

UNERGS - Unidade de Educação para as Relações de Gênero e Sexualidade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dados quantitativo sobre Violência Doméstico - SDE

Figura 2 – Dado comparativo de 2 anos

Figura 3 – Censo

Figura 4 – VI Expo Pedagógica

Figura 5 – Representação das mulheres brasileiras

Figura 6 – Chegando Junto

Figura 7 – Produzindo o trabalho da apresentação

Figura 8 – A história do Matriarcado

Figura 9 – O que é gênero

Figura 10 – Identidade de Gênero

Figura 11 – Divisão de trabalho entre os gêneros no cotidiano

Figura 12 – A construção social do gênero

Figura 13 – O significado das mulheres na ciência

Figura 14 – Efeito matilda

Figura 15 – Apresentando os trabalhos parte 1

Figura 16 – Apresentação do trabalho parte 2

Figura 17 – Apresentação parte 3

Figura 18 – Modelo de ementa entregue ao professor do Estado de Pernambuco

Figura 19 – Aula 1

Figura 20 – Apresentação da música

Figura 21 – Debate sobre Vestimenta

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Tabela 1 – Quantidade de Alunos

Tabela 2 – Idade

Tabela 3 – Gênero (Início da Eletiva)

Tabela 4 – Gênero (Final da eletiva)

Tabela 5 – Entendem a diferença entre gênero e orientação sexual (antes da eletiva)

Tabela 6 – Entendem a diferença entre gênero e orientação sexual (depois da eletiva)

Tabela 7 – Realização do trabalho doméstico (antes da eletiva)

Tabela 8 – Realização do trabalho doméstico (depois da eletiva)

Tabela 9 – Significado de gênero (antes da eletiva)

Tabela 10 – Significado de gênero (antes da eletiva)

Tabela 11 – Relações de poder (antes da eletiva)

Tabela 12 – Relação de poder (depois da eletiva)

Tabela 13 – O que motivou a escolher a eletiva

Tabela 14 – Opinião sobre a eletiva depois do curso

Sumário

AGRADECIMENTOS	5
EPÍGRAFE	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE QUADROS E TABELAS	11
1. INTRODUÇÃO	13
1.1. A Criação e Solidificação da Secretária da Mulher em Pernambuco – SECMULHER	24
1.2. O Surgimento do Núcleo de Estudo de Gênero - NEG na Educação Básica do Estado de Pernambuco	28
1.3. Estatística da Violência Contra Mulher no Estado de Pernambuco	31
2 A PRODUÇÃO DE UMA ELETIVA SOBRE ESTUDO DE GÊNERO	36
2.1 Elaboração da Eletiva	37
2.2 Elaboração das Aulas	39
2.3 Relatos das Aulas	41
3 O PERCURSO 2021-2023 DO NÚCLEO DE GÊNERO DA ESCOLA ANALISADA ATRAVÉS DE UMA ELETIVA	45
3.1 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2021	45
3.2 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2022	51
3.3 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2023.1	53
4 ANALISANDO A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	63
4.1 Do que Entendemos e Compreendemos Sobre o que É Gênero: Falas dos Estudantes da Escola Pesquisada	64
4.2 Analisando o Questionário: Início da Eletiva e o Fechamento da Eletiva	70
5 A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL DO PROJETO NA ESCOLA PESQUISADA	80
5.1 Como é a Comunidade Entorno da Escola	80
5.2 Características da Comunidade Escolar da Instituição Educacional Trabalhada	82
5.3 Núcleo de Estudo de Gênero (NEG): Só É para Estudantes?	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A – Produção do plano de aula e sequência didática	90
Anexo I	98

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa como os estudantes de uma escola pública do Estado de Pernambuco compreendem e percebem a questão de gênero, por meio de uma disciplina eletiva sobre o tema. Este estudo é realizado em um contexto histórico marcado por debates polêmicos acerca da abordagem de gênero nas escolas, muitas vezes associado à chamada “ideologia de gênero” — um conceito que não encontra respaldo em literaturas acadêmicas relacionadas ao ensino. A noção de “ideologia”, por definição, refere-se a um conjunto de ideias desenvolvidas por um grupo de indivíduos; no entanto, o conceito de gênero envolve discussões tanto no campo biológico quanto sociocultural.

O gênero pode ser compreendido a partir de duas perspectivas principais: a biológica, que define o sexo do indivíduo com base em características físicas e cromossômicas; e a sociocultural, que considera a construção social e cultural dos papéis e identidades de gênero, a partir de normas, costumes e expectativas vinculadas a corpos biologicamente diferentes. Esses papéis são atribuídos e reforçados por estruturas de poder nas sociedades.

No cenário escolar, o tema “gênero” é abordado para fomentar o respeito às ocorrências e promover a convivência pacífica e respeitosa entre pessoas com diferentes modos de se expressar afetiva e corporalmente. Assim, a disciplina eletiva “Estudos de Gênero” visa desenvolver uma compreensão crítica sobre o conceito de gênero, suas construções sociais e suas implicações no cotidiano.

A proposta didática desta eletiva visa não apenas contribuir para o esclarecimento teórico sobre gênero, mas também fomentar a conscientização acerca da importância do respeito às diferenças no espaço escolar. Por meio de atividades dinâmicas e interativas, pretende-se sensibilizar os educandos para o entendimento das múltiplas formas de vivência e expressão de gênero na sociedade contemporânea.

As relações socioculturais desenvolvidas no âmbito das instituições educacionais, sobretudo no ensino básico, evidenciam o papel central da escola na formação dos indivíduos para o convívio social. A partir dessas interações, possibilita-se construir uma cultura de respeito e equidade, orientada pela reflexão crítica sobre a diversidade.

O trabalho de Tavarayama e Dupim (2019) argumenta que a escola desempenha um papel fundamental na promoção da convivência respeitosa entre indivíduos com diferentes costumes, crenças e comportamentos. Os autores afirmam que:

“...entendemos que é na escola que a formação para a convivência com as diferenças de fato se inicia, pois é no ambiente escolar que a criança tem seu primeiro contato com outra forma de realidade e organização da sociedade” (TAVARAYAMA & DUPIM, 2019, p. 35).

O ambiente escolar proporciona um espaço propício para a introdução de projetos que favoreçam uma convivência educacional e social positiva, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades necessárias para a vida em sociedade. O ambiente educacional oferece uma variedade de disciplinas, interações sociais e regras profissionais essenciais para a formação do indivíduo, especialmente durante a fase crucial de amadurecimento ético e moral.

A integração de temas relacionados ao gênero no currículo escolar reflete a evolução cultural da sociedade e contribui significativamente para a formação de hábitos saudáveis no convívio social. A abordagem do gênero e da diversidade na escola visa promover a compreensão e o respeito, combatendo preconceitos e estigmas como bullying, racismo, homofobia, misoginia e transfobia. Esses esforços são fundamentais para dismantelar práticas prejudiciais e marginalizados, promovendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Portanto, a inclusão de estudos sobre gênero no contexto educacional não só enriquece a formação educacional dos estudantes, mas também desempenhar um papel crucial na construção de um ambiente social mais respeitoso e justo.

O conceito de gênero, na perspectiva social, tem suas origens na obra do psicólogo e sexólogo norte-americano John Money, que, em 1955, introduziu o conceito em seus estudos sobre redesignação sexual. Money argumentou que o gênero é determinado por interações sociais construídas pela comunidade para designar os papéis associados a cada gênero.

De acordo com Lattanzio e Ribeiro (2018), o conceito de gênero, conforme estabelecido por Money, passou a integrar o corpus acadêmico como uma área de estudo significativa. Os autores analisam a trajetória de Money e destacam:

“...contudo, o gênero carrega uma pré-história clínica que remonta à década de 1950, quando o psicólogo John Money introduziu o termo pela primeira vez no corpo

conceitual científico. Tal conceito veio dar credibilidade à ideia de que não existe uma relação natural entre o sexo anatômico de uma pessoa e sua identidade sexual ou, como veio a ser chamada, sua identidade de gênero” (LATTANZIO & RIBEIRO, 2018, p. 409–425).

Após os estudos pioneiros de Money, outros acadêmicos, como Robert Stoller (1966) e Ralph Greenson (1967), ampliaram o conceito de gênero. Stoller e Greenson contribuíram para a trajetória histórica do conceito, explorando sua evolução e impacto no ambiente social, conforme analisado por Lattanzio e Ribeiro (2018).

Na perspectiva de Stoller (1966), conforme discutido por Lattanzio e Ribeiro (2018), o conceito de gênero, juntamente com os fenômenos de imprinting (impressão) e transexualismo, sugere que a formação da identidade de gênero ocorre antes mesmo da plena consciência individual do indivíduo em um grupo social. Stoller, em seu contato com indivíduos transexuais entre 1966 e 1968, observou que a identidade de gênero está inerentemente ligada ao indivíduo desde antes da sua autoidentificação. No entanto, em seu trabalho de 1978, Stoller continuou a argumentar que um dos principais fatores associados à feminilidade masculina seria a influência da mãe. De acordo com Stoller, a exposição prolongada ao ambiente feminino e ao contato com a mãe poderia influenciar a transição de um indivíduo do masculino para o feminino.

Stoller também reconheceu que algumas manifestações de identidade de gênero não se encaixavam facilmente nas categorias estabelecidas por seus estudos. Em suas análises, ele apontou que conceitos como “incorporação”, “introjeção” e “identificação” refletem atividades motivadas dirigidas a objetos externos que não são reconhecidos como parte do eu. Stoller destacou a necessidade de uma psique suficientemente desenvolvida para integrar esses objetos internos, mas também sugeriu que a teoria deveria considerar mecanismos não mentais que permitam que a realidade externa seja internalizada. Como descrito por Lattanzio e Ribeiro (2018):

“As palavras ‘incorporação’, ‘introjeção’ e ‘identificação’ conotam uma atividade motivada, dirigida a um objeto que não é reconhecido como parte de si mesmo. Isso significa que deve haver uma psique (mente) suficientemente desenvolvida para apreender o objeto (parcial) e desejar alojá-lo no interior de si (...). Mas nossa teoria deve também reservar um lugar para outros mecanismos, não mentais (quer dizer, não motivados pelo indivíduo), graças aos quais a realidade externa possa também encontrar seu lugar no interior” (STOLLER, 1978, apud LATTANZIO & RIBEIRO, 2018, p. 419).

Na continuidade da compreensão do conceito de gênero, Greenson (1966) complementa o trabalho de Stoller ao introduzir os conceitos de simbiose e des-identificação em relação à mãe, abordando como o gênero é integrado à identidade do indivíduo. Segundo Greenson, a identidade de gênero é formada através das influências introduzidas na infância, sendo moldada por imitações inconscientes de um dos pais que está mais presente na vida cotidiana da criança. Lattanzio e Ribeiro (2018) discutem as contribuições de Greenson e apresentam uma descrição de sua pesquisa:

“Aos um ano e alguns meses, Lance começou a demonstrar uma compulsão por usar as roupas de sua mãe e de sua irmã. Na escola, Lance preferia brincar com meninas e tentava vestir roupas femininas. Greenson atendeu o garoto por quatorze meses, com sessões de quatro vezes por semana. O tratamento consistiu em Greenson assumir o papel de pai substituto, oferecendo um modelo masculino de identificação. Com o tempo, Lance substituiu os laços de identificação com a mãe e a feminilidade pelos laços com Greenson. Um exemplo desse processo é que Lance, inicialmente, brincava apenas com uma boneca Barbie, identificando-se com ela e chamando-a de ‘eu’. Posteriormente, passou a chamar a boneca de ‘ela’ e começou a brincar com o boneco Ken, o namorado da Barbie. Finalmente, Lance começou a usar botas de cowboy, semelhantes às de Greenson, com grande orgulho” (GREENSON, 1966, apud LATTANZIO & RIBEIRO, 2018).

A análise dos estudos de Greenson revela que a construção da identidade de gênero pode estar relacionada a uma transformação neural que, em alguns casos, pode ser interpretada como um distúrbio mental. Greenson observou que a necessidade de identificação com um dos pais, frequentemente a mãe, pode levar a uma rejeição do gênero atribuído ao nascimento. Esses estudos, no entanto, mostraram limitações, especialmente quando a identificação com um gênero oposto não se correlacionava diretamente com a presença de um dos pais na vida cotidiana da criança. Apesar dessas limitações, prevaleceu a ideia de que a rejeição do gênero de nascimento era atribuída a uma combinação de fatores neurológicos e influências sociais na primeira infância.

Esses estudos refletiam uma visão binária de gênero, limitando-se às categorias masculino e feminino e aos papéis culturais associados a cada um. Mesmo com o reconhecimento de falhas na compreensão das causas da identificação com o gênero oposto, a teoria predominante sustentava que a discordância com o gênero atribuído ao nascimento era um problema neurológico, exacerbado pela interação social na infância.

Os estudos realizados por pesquisadores como Stoller e Greenson, focados na psique do indivíduo e no comportamento socioafetivo vinculado ao corpo e à mente, oferecem uma perspectiva sobre como o gênero é internalizado e manifestado. Esses trabalhos inicialmente exploraram a identidade de gênero a partir de uma abordagem clínica psicanalítica. Com o tempo, a discussão sobre gênero expandiu-se para incluir perspectivas socioculturais que consideram o comportamento humano como uma construção desenvolvida a partir das interações sociais e do gênero normativo estabelecido pela sociedade.

A análise da construção social do gênero revela que as relações de gênero são moldadas por poderes culturais predominantes que definem quais gêneros são dominantes e quais são subordinados, além de influenciar o comportamento dos indivíduos tanto no contexto coletivo quanto familiar. Simone de Beauvoir (1970) aborda essa dinâmica ao afirmar que o gênero é uma construção social: “não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres.” Essa frase ilustra como a identidade de gênero é, em grande medida, determinada pela classificação social e pelos papéis esperados para cada gênero, conforme as normas biológicas e sociais estabelecidas.

Beauvoir argumenta que o conceito de mulher varia significativamente entre diferentes sociedades, refletindo o poder social e cultural associado a cada gênero. No contexto brasileiro, por exemplo, as mulheres frequentemente enfrentam uma “dupla jornada”, equilibrando múltiplas responsabilidades como chefe de família, dona de casa, mãe, profissional e estudante. Segundo dados apresentados pelo site Brasil de Fato¹, cerca de 83% das mulheres brasileiras enfrentam essa jornada dupla em seu cotidiano.

O conceito de gênero, enquanto área de estudo, está intrinsecamente ligado à representação sociocultural dos indivíduos, os quais são frequentemente baseadas na anatomia observada, como a genitália, e nos papéis traçados para eles dentro de suas sociedades. Foucault (1979) fornece uma compreensão profunda sobre como o poder influencia as relações sociais e molda a interação dos indivíduos numa sociedade. Segundo Foucault, as relações de poder são fundamentais para a determinação do gênero e para os papéis atribuídos a cada membro da comunidade, refletindo os padrões culturais e comportamentais predominantes.

¹ O site Brasil de Fato é uma agência de rádio brasileira que nasceu no ano de 2003 através dos movimentos sociais populares. Com o intuito de divulgar semanalmente matérias sobre política brasileira de cunho informativo para a classe trabalhadora. <https://www.brasildefato.com.br/2024/03/09/dupla-jornada-atinge-83-das-mulheres-quase-metade-sem-ajuda-de-parceiros-revela-pesquisa>

Ao longo do tempo, o conceito de gênero foi inicialmente abordado sob uma perspectiva médica e patológica, sendo frequentemente associado a distúrbios ou disfunções neurológicas. Essa visão reducionista, que tratava o gênero como um problema de saúde mental, foi reforçada por diversas décadas por meio da aplicação do sufixo “-ismo” ao final de termos relacionados as questões de gênero. Essa abordagem sugeria que as variações na identidade de gênero eram resultados de um determinismo biológico ou de anomalias neurológicas, desconsiderando as influências sociais e culturais que moldam a identidade de gênero.

O conceito de gênero, amplamente analisado em diversos estudos, é frequentemente abordado como um fator sociocultural que define as normas sobre quem devemos ser e qual gênero e sexualidade devemos adotar. A evolução da perspectiva sobre gênero ao longo do tempo reflete as construções normativas predominantes na sociedade.

A construção de gênero é desenvolvida nos contextos sociais dos indivíduos, muitas vezes marginalizando aqueles que não se conformam com as expectativas normativas associadas ao sexo biológico com o qual nasceram. O ambiente educacional, por sua vez, desempenha um papel crucial em desmistificar e desafiar essas normas, promovendo uma compreensão mais inclusiva e respeitosa das identidades de gênero.

Heilborn e Rodrigues (2018) discutem como o conceito de gênero se insere no campo das ciências sociais, oferecendo uma nova perspectiva sobre sua interseção com o estudo da sexualidade. Eles destacam que as estruturas e conceitos relacionados ao gênero e ao sexo têm sido objeto de estudo desde a metade do século XX até o início do século XXI. A partir desse movimento, surgiu a necessidade de entender o gênero como um fator social, e não apenas biológico. A biologia, ao classificar o corpo humano com base na composição celular, não consegue capturar as complexas interações sociais e culturais que moldam a identidade de gênero.

Fausto-Sterling (2002) argumenta que a biologia, por si só, não explica o sentido do gênero além das características físicas do corpo. A biologia estrutura e classifica as células conforme padrões preestabelecidos, mas não se adapta às mudanças sociais e às variações que ocorrem nos indivíduos. Fausto-Sterling exemplifica essa questão com a história de Pâtion, que será detalhada mais adiante. Com a explicação do fator biológico, torna-se claro que as ciências sociais estudam o comportamento humano considerando como a sociedade e a cultura se

desenvolvem em função das interações e acordos sociais entre os indivíduos. Heilborn e Rodrigues (2018) descrevem o gênero e o sexo da seguinte maneira:

A distinção sexo/gênero foi se constituindo como ferramenta conceitual e política e representou um argumento decisivo nas lutas em torno dos direitos das mulheres. Nesse processo de diferenciação, o primeiro termo – sexo – remete à natureza e, de maneira mais específica, à biologia, e o segundo termo – gênero – se refere às construções culturais das características consideradas femininas e masculinas. (HEILBORN, Maria Luiza, RODRIGUES, Carla. 2018).

As pesquisadoras Heilborn e Rodrigues (2018) destacam como a trajetória da construção do gênero, conforme estudada nas ciências sociais, permitiu ao movimento feminista desenvolver suas próprias teorias e lutar pelos direitos políticos e sociais das mulheres. O trabalho de Scott (1990) é particularmente relevante para os movimentos feministas no Brasil, especialmente aqueles que emergiram durante o golpe militar de 1964. Nos anos 1970, o movimento feminista brasileiro começou a ganhar visibilidade por diversas iniciativas sociais.

Scott (1990) enfatiza que os conceitos de gênero e sexo são tratados de maneira a refletir as relações estruturadas e definidas pela sociedade. Em seu estudo, Scott argumenta que a identidade de gênero de cada indivíduo é moldada pelas relações sociais e biológicas, que coexistem para assegurar a aceitação simultânea de homens e mulheres com base em suas características genitais e comportamentais estabelecidas socialmente. Scott (1990) afirma que:

"Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, 1990. p.75).

Os debates sobre o conceito de gênero e sua construção social são complexos e continuam a evoluir devido à sua integração nas estruturas socioculturais das comunidades. Gênero não se limita apenas às características físicas e corporais, mas também está intrinsecamente ligado à construção da sexualidade dos indivíduos, sendo reforçado nas esferas institucionais primárias. Althusser (1987) argumenta que o Estado utiliza aparelhos ideológicos e repressivos para reproduzir e controlar os indivíduos nas sociedades. Entre esses aparelhos, que regulam as normas, costumes e formas de interação social, destacam-se a família, a igreja

e a escola. A família e a igreja são consideradas instituições primárias, enquanto a escola é vista como uma instituição secundária, responsável pela transmissão e modificação do conhecimento e das interações sociais, reestruturadas ao longo do tempo com o surgimento de novas culturas familiares e educacionais.

Nesse contexto, a importância do estudo de gênero em ambientes educacionais torna-se evidente, pois esses espaços têm o potencial de disseminar conhecimento, desafiar paradigmas e contribuir para a transformação da sociedade e de sua cultura. Assim como os movimentos feministas ganharam força juntamente com os movimentos sociais e durante o golpe militar de 1964, o estudo de gênero também encontrou um espaço crescente no ambiente acadêmico.

Louro (1987) explora como o ambiente escolar pode tanto reforçar as segregações entre os gêneros quanto atuar como um veículo para promover mudanças sociais e culturais. A escola, como uma instituição, consegue consolidar costumes e regras, mas também pode servir como um espaço para a introdução de novos conhecimentos e práticas que fomentem transformações na sociedade. As mudanças sociais, por sua vez, frequentemente refletem-se nas regras institucionais do ambiente escolar.

No trabalho de Silva (2022), é analisada a trajetória da imposição social por parte de movimentos direitistas no Brasil, que argumentam que os estudos de gênero no ambiente escolar servem como uma forma ideológica de transformar indivíduos do gênero normativo para os gêneros não normativos. Segundo essa perspectiva, os espaços educacionais são vistos como ferramentas que tanto podem promover a transformação social quanto reforçar tradições estabelecidas.

A construção de ambientes de conhecimento e pesquisa que busquem desconstruir o conceito de gênero moldado por uma sociedade patriarcal é de extrema importância para promover a conscientização sobre o respeito e a valorização da vida do outro. Silva (2019) destaca a necessidade de uma participação política ativa em movimentos sociais que abordam questões de gênero e sexualidade, enfatizando a importância de sermos ouvidos e reconhecidos em uma sociedade patriarcal.

(Sobre)Vivemos em uma constante “quebra de braço” com as simbologias de um mundo que tenta nos apunhalar de todos os lados. A vida, como atividade política, é ou pode ser negociada, debatida, (re)sentida, negada, comercializada, ideologizada, reconfigurada. O que quero dizer é, no que tange às questões de gênero e sexualidade,

os problemas sociais emergem quando nos deparamos com os significados que damos às possibilidades de ser e existir enquanto lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, não-binários, feministas, heterossexuais ou nada disso. (SILVA, Silas Veloso de Paula. 2019. Pg.22).

O autor mencionado analisa, em seu trabalho, a trajetória das relações entre o patriarcado e a religião católica, observando como, diante do avanço dos movimentos feministas, surgem barreiras para desacreditar e criminalizar esses movimentos a partir de uma perspectiva ideológica conservadora.

Teixeira (2019) examina o desenvolvimento dos ataques aos movimentos feministas e a resistência à diversidade de gênero no espaço religioso e conservador, que impedirá a consolidação dos direitos igualitários para indivíduos fora do grupo padrão da sociedade e que desafiam o paradigma patriarcal.

No mundo contemporâneo, os movimentos sociais evidenciam a necessidade de adaptar as sociedades aos novos perfis de indivíduos. De acordo com Teixeira (2019), o Brasil não fica atrás na repressão a movimentos que desafiem a supremacia do patriarcado como a única forma legítima de organização social. A chamada “ideologia de gênero” é tratada como um “aquele que leva a culpa no lugar de outro” por parte dos setores religiosos e conservadores, que alegam que qualquer oposição aos “bons costumes” da família tradicional brasileira—um slogan frequentemente utilizado por candidatos da direita extremista—seria considerada pecaminosa.

Portanto, pode-se afirmar que, no contexto colonial, a família patriarcal desempenhava um papel funcional e instrumental na regulação da vida social, conforme descrito por Teixeira (2019), e continua a exercer essa função na contemporaneidade.

Os movimentos contrários às mudanças sociais relacionadas à desigualdade de gênero utilizam frequentemente o ambiente familiar e escolar como instrumentos para consolidar normas culturais e comportamentais que definem como os indivíduos devem ser e se comportar. Esses espaços são manipulados para perpetuar uma cultura social que reforça os padrões normativos e limita a aceitação da diversidade.

A escola, idealmente, deveria ser um espaço onde o coletivo aprende a investigar informações e a compreender que a diferença é uma parte natural da experiência humana. No entanto, na prática, a instituição educacional frequentemente privilegia discursos normativos

sobre o que constitui o gênero dos sujeitos. Em vez de promover a inclusão, a escola pode criar regras sociais que forcem o “estranho” a se adaptar ao padrão dominante ou a ser excluído do ambiente.

Andrade e Barros (2002) destacam que instituições reguladoras, como a família, a igreja e a escola, desempenham um papel crucial na mudança ou manutenção das normas socioculturais de uma comunidade. Eles esclarecem que os espaços de conhecimento, como as instituições educacionais, são fundamentais para o desenvolvimento de uma sociedade, e que seu papel deve ser a promoção da diversidade e da compreensão, em vez da perpetuação de normas restritivas.

“...contribuem diversas instituições sociais, como a família, a Igreja, as escolas, dentre outras que, ao segregar os espaços e incorporar o discurso que diferencia os sujeitos pelo gênero, reproduzem, também, as desigualdades que se cristalizam na sociedade”. (ANDRADE, Carolina Riente de, BARROS, Amon Narciso de. 2009. p. 90 – 103.)

No desenvolvimento de um trabalho pedagógico voltado para a intervenção por meio de uma eletiva, é crucial compreender que as relações de gênero observadas durante as aulas representam uma tentativa de esclarecer aos educandos a construção social do gênero. A proposta é evidenciar que o gênero é uma construção social e não uma determinação biológica, buscando responder às dúvidas e anseios dos alunos ao longo das sequências de aula.

Nesse contexto, é relevante entender a origem e os objetivos dos Núcleos de Estudo de Gênero (NEG.), criados pela Secretaria da Mulher (SECMULHER) e pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco. O projeto inicialmente focava no enfrentamento da violência contra a mulher, mas ao ser implementado nas escolas de perfil ETE e EREM, revelou a necessidade de adaptar sua abordagem às características únicas e complexas de cada instituição. Assim, surgiu a necessidade de expandir o foco do projeto para incluir temas como o respeito aos grupos LGBTQI+ e às mulheres negras.

A metodologia utilizada neste trabalho inclui a construção didática da eletiva “Estudo de Gênero”. Esta eletiva pedagógica envolveu uma série de atividades, como rodas de diálogo, produção escrita dos educandos sobre os temas abordados, construção de um diário de classe pela docente, apresentação de vídeos, documentários, discussão de textos bibliográficos e gravação das aulas. Além disso, foram aplicados questionários semiestruturados para avaliar o

entendimento dos alunos sobre o significado de gênero, identidade e as relações de poder entre homens e mulheres. Os dados coletados foram apresentados em gráficos de barras, indicando idade, gênero e as reações dos alunos antes e após as aulas sobre gênero. A análise desses dados visa verificar como a eletiva sobre estudo de gênero contribuiu para o esclarecimento do tema e a compreensão dos educandos.

O trabalho está estruturado em cinco partes, com o objetivo principal de esclarecer o significado de gênero para os estudantes e destacar a importância da educação na construção de uma sociedade igualitária, não preconceituosa, não homofóbica e não misógina. A inclusão do estudo de gênero no ensino básico é apresentada como uma estratégia fundamental para combater a violência contra mulheres, tanto brancas quanto negras, e pessoas LGBTQI+.

O primeiro capítulo explora a criação e implementação dos Núcleos de Estudo de Gênero (NEG), examinando a dinâmica do projeto nas escolas. Este capítulo utiliza uma revisão bibliográfica abrangente, incluindo revistas, periódicos, livros, sites, documentários, artigos e relatórios políticos, para contextualizar a elaboração e a trajetória do NEG. A análise enfatiza a importância da Secretaria da Mulher (SECMULHER), um órgão consolidado por lei e fortalecido por mulheres que reconhecem a necessidade desse espaço para a reivindicação de direitos.

O primeiro capítulo é subdividido em três tópicos: o primeiro aborda a criação do SECMULHER; o segundo analisa o surgimento do NEG; e o terceiro apresenta dados comparativos sobre a violência contra a mulher antes, durante e após a criação do SECMULHER e a implementação dos NEG nas instituições de ensino superior (IES) e nas escolas de referência em ensino médio (EREM).

O segundo capítulo utiliza uma variedade de fontes, incluindo livros, artigos e músicas, para ilustrar a implementação e as possibilidades de uma eletiva focada em gênero no ensino básico. Além disso, são apresentados relatos dos estudantes e da pesquisadora sobre as experiências vivenciadas em sala de aula, bem como sobre o processo de ensino-aprendizagem.

O terceiro capítulo descreve a experiência da pesquisadora durante os três anos de atuação no Núcleo de Estudo de Gênero da escola pesquisada. Esta seção é baseada em registros variados, como sites, fotografias e artigos produzidos ao longo do trabalho na eletiva. O capítulo detalha a dinâmica das atividades realizadas e os impactos observados no ambiente escolar.

O quarto capítulo emprega livros de autores especializados em gênero e educação, artigos, fotografias e relatos transcritos para descrever o desenvolvimento das aulas. Este capítulo detalha como as aulas foram conduzidas, incluindo vídeos gravados durante cada sessão que documentam os debates e as expressões dos alunos ao longo do processo.

O quinto capítulo foca na interação entre o ambiente escolar e a comunidade ao seu redor. Para esta análise, foram utilizados artigos e sites oficiais do município de Recife, visando coletar dados e informações sobre a comunidade local.

1.1.A Criação e Solidificação da Secretária da Mulher em Pernambuco – SECMULHER

Nesta parte do capítulo será realizado o levantamento bibliográfico que traça o surgimento do Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) como projeto, até sua solidificação. O período abordado será de 2007 até 2014, revisitando o contexto social e político que deu suporte ao desenvolvimento do projeto.

O Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) é uma iniciativa elaborada pela Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco (SECMULHER), em parceria com a Secretaria de Educação do Estado (SEDUC), visando conscientizar a população sobre a violência contra a mulher. A SECMULHER foi criada pela Lei nº 13.205, de 19 de janeiro de 2007, e passou por modificações legais em 2015, com uma nova regência que ajustou suas atribuições e abrangência.

“A SecMulher-PE foi criada pela Lei nº 13.205, de 19 de janeiro de 2007, sob a nomenclatura de Secretaria Especial da Mulher. Em 6 de janeiro de 2011, com a Lei nº 14.264, passou a ser uma Secretaria de Estado com a denominação de Secretaria da Mulher. Atualmente, a SecMulher-PE é regida pela Lei nº 15.452, de 15 de janeiro de 2015, que dispõe sobre a estrutura e o funcionamento do Poder Executivo de Pernambuco”. (SECRETÁRIA Da MULHER . Acesso: 20de Dezembro de 2023).

O trabalho da Secretaria da Mulher de Pernambuco (SECMULHER) visa promover projetos relacionados às violências praticadas contra mulheres e o grupo LGBTQIA+. Conforme descrito em seu site oficial, a missão dessa secretaria é promover os direitos das mulheres no estado de Pernambuco, visando a igualdade de gênero e o empoderamento feminino, em consonância com o quinto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS),

estabelecido para ser alcançado até 2030. Os valores fundamentais da SECMULHER incluem transparência, ética, diálogo, participação social, compromisso, inovação e cooperação. O objetivo central dessa autarquia é formular, desenvolver, coordenar, apoiar e monitorar políticas públicas que promovam a melhoria das condições de vida das mulheres em Pernambuco. O público-alvo da secretaria abrange segmentos da população feminina em idade reprodutiva e madura, tanto em áreas urbanas quanto rurais, conforme descrito em informações retiradas do site oficial da SECMULHER.

A criação da Secretaria da Mulher ocorreu em janeiro de 2007, com a nomeação da Doutora Cristina Maria Buarque, pesquisadora efetiva da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), como a primeira secretária. Uma das principais áreas de pesquisa e atuação de Buarque tem sido o reforço das políticas públicas voltadas para as mulheres, uma área na qual ela contribuiu significativamente durante os sete anos em que esteve à frente da secretaria. Em uma entrevista concedida ao Anuário da Secretaria da Mulher, nº 11, Buarque destacou a importância de mulheres ocuparem espaços públicos para a defesa dos direitos das mulheres, afirmando:

“É preciso a presença feminista para que se garanta uma posição nas disputas. Sem nenhuma dúvida, foi essa estratégia que levou a Secretaria da Mulher de Pernambuco, como ocorrera com o primeiro Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Mulher, a alcançar níveis interessantes de execução de ações, combinando a efetivação de direitos nos campos setoriais como saúde, educação e segurança, com o fortalecimento das iniciativas das mulheres em favor de sua emancipação. Por isso, pensar ou fazer políticas públicas para as mulheres sem uma poderosa presença feminista na formulação, implementação e monitoramento das ações é muito pouco eficiente. Na maioria absoluta dos casos, a ausência do feminismo nessa ordenação descamba, por melhor que sejam as intenções, para o assistencialismo ou para a sofisticação de ações que reproduzem o lugar tradicional das mulheres”. (Secretaria da Mulher do Governo de Pernambuco, 2017. pg.24.)

Cristina Maria Buarque deixou a Secretaria da Mulher em 2014, com diversos projetos em andamento, entre eles: *Nenhuma Pernambucana sem Documento* (2007), *Violência Contra Mulher é Coisa de Outra Cultura* (2007), *Núcleo de Estudos de Gênero* (NEG, 2011), *Violência Contra Mulher é Jogo Sujo* (2011), entre outros que foram aperfeiçoados ao longo dos anos, conforme as demandas e necessidades da sociedade.

Durante seu mandato, Buarque também apresentou um relatório ao Senado Federal, em 2012, como parte da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) sobre a violência contra a mulher. Esse relatório detalhou os trabalhos realizados pela SECMULHER em Pernambuco, destacando as políticas públicas implementadas para enfrentar a violência de gênero. O documento demonstrou o comprometimento do estado de Pernambuco em combater a violência contra a mulher, apresentando as ações já desenvolvidas e as que ainda seriam executadas.

Antes da criação da Secretaria da Mulher, em 2006, existiam poucos projetos voltados para o enfrentamento da violência contra a mulher, evidenciando a importância da criação desse órgão para a ampliação e fortalecimento das políticas públicas de combate à violência de gênero no estado.

“...instalação de 04 (quatro) Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (Deams), 02 (dois) Centros de Referência de Atendimento à Mulher Vítima de Violência (Centro de Referência Márcia Dangremon - Olinda PE e Centro de Referência Clarice Lispector - Recife/PE), 01 (uma) Casa-Abrigo (Casa-Abrigo Sempre Viva - Recife/PE), 05 (cinco) organismos municipais de políticas para as mulheres (Recife, Olinda, Camaragibe (desativado em 2007), Paulista e Moreno) e um serviço de saúde especializado em pronto-atendimento: o Serviço de Apoio à Mulher Wilma Lessa. (Pernambuco. 2012.)

A criação da Secretaria da Mulher em 2007 impulsionou projetos com foco preventivo, como as campanhas mencionadas anteriormente. Esses projetos visavam alcançar todo o território estadual, promovendo ações que demonstram a necessidade de mulheres engajadas na luta por seus direitos, especialmente no que tange à proteção e à melhoria das condições de vida de pessoas que enfrentam violência devido ao seu gênero.

Um dos principais projetos desenvolvidos foi o de Produção de Conhecimento, cujo objetivo é fomentar estudos e concursos que abordam as lutas feministas em diversas áreas da sociedade. Esse projeto criou espaços de discussão e transferência de conhecimento, visando melhorar o acolhimento de mulheres vítimas de violência, além de abordar temas como educação, saúde, profissionalização, economia e outras necessidades humanas fundamentais.

Em 2007, foi lançado o *Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero*, sendo o primeiro projeto da secretaria voltado especificamente para a promoção do conhecimento. Este prêmio incentivava a produção de redações no ensino básico e de trabalhos acadêmicos no ensino

superior, tendo sido realizado em parceria com diversas instituições: Secretaria de Ciência e Tecnologia, Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Companhia Editora de Pernambuco (CEPE) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE).

O conhecimento foi e é uma das ferramentas mais eficazes para quebrar os paradigmas culturais de uma sociedade patriarcal e machista. A partir dele, permite-se transformar as formas de tratamento dadas aos gêneros, combatendo a submissão imposta em diversos aspectos da vida cotidiana e familiar. Além disso, o incentivo à educação para mulheres, ao voto, e à igualdade profissional — livre de estereótipos de gênero — é essencial para garantir direitos básicos e construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A partir do projeto *Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero*, criou-se o caminho para a implementação dos Núcleos de Gênero em espaços educacionais, com foco especial no ensino médio, prioritariamente em escolas de referência como as *EREM* (Escola de Referência em Ensino Médio) e as *ETE* (Escola Técnica Estadual). No entanto, o ensino superior também foi fortalecido com a implementação desses núcleos, consolidando-se como espaços para a produção de conhecimento e a análise crítica das dinâmicas sociais.

Desenvolver projetos que acompanham as transformações socioculturais de uma sociedade revela a profundidade dos desafios enfrentados nas relações humanas, especialmente nas questões de gênero. Ao utilizar a educação como ferramenta de mudança, esses projetos visam transformar as comunidades em referências no tratamento de questões relacionadas à diversidade, respeito ao gênero e sexualidade dos indivíduos.

Paulo Freire (1987) afirmava que a educação é a maior revolução que um oprimido pode realizar contra o seu opressor. Seguindo essa linha de pensamento, a Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco (SECMULHER) enxergou na criação de espaços educativos, críticos, produtivos e capazes de modificar a realidade, uma forma eficaz de prevenção e transformação social. Esses núcleos se tornaram ambientes propícios para o debate, conscientização e combate às violências de gênero, promovendo uma sociedade mais igualitária e justa.

Através da educação, a sociedade pode se reestruturar, adotando uma postura mais inclusiva e respeitosa em relação às diversidades de gênero e sexualidade.

1.2.O Surgimento do Núcleo de Estudo de Gênero - NEG na Educação Básica do Estado de Pernambuco

A criação dos Núcleos de Estudo de Gênero nas escolas do Estado de Pernambuco surgiu da necessidade de promover a conscientização sobre a violência contra as mulheres e, mais adiante, fomentar o respeito à diversidade de gênero e sexualidade. O projeto, inicialmente elaborado em 2007, só foi implementado concretamente em 2011. Em 2012, esse projeto foi oficialmente detalhado em um documento enviado à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) sobre a violência contra a mulher, reafirmando o compromisso das autoridades estaduais, especialmente da Secretaria da Mulher e da Secretaria de Educação, em apoiar e expandir essa iniciativa.

Nesse primeiro momento, o foco do projeto estava nas Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM) e no Ensino Superior, proporcionando um ambiente de conscientização e debate sobre as questões de gênero e violência, buscando transformar a cultura social e educacional por meio do conhecimento e respeito mútuo.

O Ofício Nº 184/2012, enviado à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) sobre Violência Contra a Mulher, expôs as estratégias e ações da Secretaria da Mulher de Pernambuco, na gestão de Cristina Buarque, voltadas para a conscientização sobre a violência de gênero no ambiente educacional. Um dos pontos centrais desse ofício foi a criação dos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento à Violência Contra a Mulher nas instituições de ensino, tanto no Ensino Superior quanto nas Escolas de Referência em Ensino Médio (EREMs).

No tópico 4.1, intitulado “Acompanhando as Ações do Plano”, o documento destacou a importância de cada etapa de prevenção e suporte para construir uma sociedade livre de violência. No subitem 4.1.1, foi apresentado o projeto que visava à criação dos Núcleos de Gênero nas escolas e universidades, uma ação central para a prevenção e conscientização, conforme explicitado: “à criação de Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento à Violência contra a Mulher nas Instituições de Ensino Superior e nas Escolas de Referência em Ensino Médio” (Pernambuco, 2012).

Esses núcleos, além de promover a preservação dos direitos das mulheres e conscientizar sobre as questões de gênero, também atuavam como ferramentas de ensino e aprendizagem. Visando formar uma geração capaz de reconhecer e combater a violência, os núcleos se consolidaram como espaços de diálogo e transformação social. O documento ainda destacava o progresso na implementação dos núcleos e a expansão dessas iniciativas nas escolas, fortalecendo a estrutura de prevenção e educação em torno das comunidades escolares.

Por entender que a educação é uma área em processo de inclusão da temática de gênero, principalmente, no que se refere à violência contra as mulheres, a SecMulher investiu no estímulo à criação de Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento à Violência contra a Mulher no âmbito da educação formal, nas Instituições de Ensino Superior (IES) e nas Escolas de Referência em Ensino Médio (EREM). Esses núcleos têm por objetivo promover a formação em gênero de agentes multiplicadores, acelerando, assim, a quebra de paradigmas e de preconceitos contra as mulheres. Dessa forma, em 2012, o Estado de Pernambuco conta com 16 (dezesesseis) núcleos implantados 5, sendo 11 (onze) nas IES e 05 (cinco) nas EREM. (Pernambuco. Envio de Relatório referente aos trabalhos da Secretaria da Mulher para o Enfrentamento da Violência Contra a Mulher. 2012.)

Em 6 de dezembro de 2021, a Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (ALEPE) realizou uma Reunião Solene para celebrar os 10 anos de existência do Núcleo de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher. Essa solenidade marcou uma década de trabalho voltado para a conscientização e prevenção da violência de gênero no ambiente educacional. Nesse mesmo ano, a Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, por meio das Gerências Regionais de Educação (GRE), organizou o I Encontro dos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência Contra a Mulher. Esse evento visou fortalecer a troca de experiências e boas práticas entre os núcleos espalhados pelas escolas do estado.

Os núcleos têm uma estrutura flexível e adaptável, sendo moldados conforme as necessidades específicas de cada comunidade escolar. Isso possibilita uma abordagem mais eficaz para tratar questões de violência de gênero, respeitando as particularidades de cada contexto social. Um livro foi produzido, compilando a dinâmica e os objetivos de cada núcleo implantado nas escolas, destacando especialmente o trabalho voltado para o combate à violência de gênero nos espaços sociais e educativos.

Na escola onde foi conduzida a pesquisa, o Núcleo de Estudos de Gênero foi implementado em 2016. Desde então, ele desempenha um papel fundamental na proteção das alunas e na conscientização dos alunos sobre a importância de não perpetuar a violência contra as mulheres.

As iniciativas voltadas para a promoção de um ambiente educacional mais acolhedor e esclarecido em relação às questões de gênero têm se intensificado, especialmente com o trabalho desenvolvido pelos Núcleos de Estudos de Gênero. A Secretaria de Educação de Pernambuco, reconhecendo a importância dessas ações, passou a promover formações contínuas para os coordenadores e responsáveis pelos núcleos nas escolas.

Em 2022, ocorreu a *Jornada de Formação dos Núcleos de Estudos de Gênero*, uma iniciativa para aprimorar a capacitação dos coordenadores, possibilitando a troca de experiências e o fortalecimento das práticas pedagógicas que visam combater a violência de gênero e promover o respeito entre os educandos. As reuniões, realizadas de forma online por meio das Gerências Regionais de Educação (GREs), foram um espaço de diálogo e reflexão, permitindo que coordenadores e gestores escolares compartilhassem desafios e soluções encontradas para integrar essas temáticas de maneira eficaz no cotidiano escolar.

Essas formações não só ajudam a construir um ambiente escolar mais inclusivo, mas também servem para consolidar a ideia de que o respeito, a dignidade e a compreensão das diferenças são pilares fundamentais para a convivência social. Ao envolver os educandos nesse processo, a Secretaria visa formar cidadãos mais conscientes e capazes de manter relacionamentos saudáveis, afetivos ou não, baseados no respeito mútuo e na empatia.

As iniciativas de formação contínua e encontros especializados, como os realizados em 2022 e 2023, são fundamentais para a promoção da igualdade e do respeito às diversidades de gênero e sexualidade no ambiente escolar. O curso disponibilizado pela Secretaria da Educação e pela Secretaria da Mulher de Pernambuco através da plataforma AVA foi um passo importante para capacitar os coordenadores dos Núcleos de Estudos de Gênero (NEG), garantindo que eles estejam bem preparados para lidar com as complexidades e desafios dessas temáticas.

O *I Encontro dos Grupos de Pesquisa em Gênero e Sexualidade* realizado em dezembro de 2022 também foi crucial para a troca de conhecimentos e práticas entre os profissionais envolvidos. Organizado pelas Secretarias e unidades responsáveis, o evento serviu como um espaço para discussão aprofundada sobre as questões de gênero e sexualidade, reforçando o

papel da educação como um meio eficaz de transformar atitudes e promover uma maior conscientização sobre o respeito às diferenças.

Essas ações são reflexo de um compromisso mais amplo com a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao investir na formação dos educadores e coordenadores dos Núcleo de Estudos de gênero (NEG) e ao proporcionar espaços de diálogo e aprendizado contínuo, o governo de Pernambuco está contribuindo significativamente para a formação de uma geração que valoriza e respeita a diversidade, promovendo mudanças sociais positivas e eficazes nas comunidades.

1.3. Estatística da Violência Contra Mulher no Estado de Pernambuco

O trabalho da Secretaria da Mulher de Pernambuco (SECMULHER) foi fundamental para o mapeamento e enfrentamento da violência de gênero e doméstica no estado. A análise dos dados disponíveis no site da Secretaria de Defesa Social (SDS) de Pernambuco ilustra a importância e o impacto das políticas públicas implementadas pela SECMULHER.

Em 2006, Pernambuco registrou cerca de 319 assassinatos de mulheres, um número alarmante que destacava a gravidade da violência de gênero no estado. Em contraste, em 2012, esse número caiu para aproximadamente 210 mulheres assassinadas. Essa redução significativa pode ser atribuída a uma série de iniciativas e programas promovidos pela SECMULHER, que visavam não apenas a proteção das vítimas, mas também a conscientização e a mudança de comportamentos sociais.

A criação e a solidificação da SECMULHER desempenharam um papel crucial nesse cenário. A secretaria foi responsável por implementar programas e projetos que visavam a proteção das mulheres em situação de violência e a promoção de ações educativas para prevenir a violência de gênero. Entre as ações destacadas, está a criação dos Núcleos de Estudos de Gênero, a promoção de campanhas de conscientização e a colaboração com outras instituições para fortalecer a rede de apoio às vítimas.

Os dados demonstram uma correlação positiva entre o trabalho desenvolvido pela SECMULHER e a diminuição dos casos de violência contra mulheres no estado. A redução nos índices de feminicídio é um reflexo das políticas públicas e das estratégias de enfrentamento

adotadas pela secretaria. Essa trajetória mostra como a implementação de políticas eficazes e a criação de estruturas adequadas para a proteção e apoio às vítimas podem ter um impacto significativo na redução da violência e na promoção de uma sociedade mais segura e justa para todos.

De acordo com a Gerência de Análise Criminal e Estatística – GACE, da Secretaria de Defesa Social – SDS, a taxa de Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLI) contra mulheres recuou 38% após seis anos de atuação integrada do Pacto Pela Vida e da Secretaria da Mulher, coincidindo com a vigência da Lei Maria da Penha. Concretamente, em 2006 houve 319 mulheres assassinadas no Estado, representando uma taxa de CVLI de 7,43 vítimas a cada 100 mil mulheres. Já em 2012, esse número reduziu para 210 mulheres mortas, equivalente a 4,61 vítimas por 100 mil mulheres. (Secretaria de Defesa Social. <https://www.sds.pe.gov.br/noticias/77-geral/7470>. Acesso: 20 de abril de 2024).

A estruturação da Secretaria da Mulher de Pernambuco (SECMULHER) foi um passo crucial para melhorar a proteção e o apoio às mulheres vítimas de violência no estado. A criação da secretaria e a implementação de seus programas demonstram uma dedicação significativa para enfrentar e reduzir a violência de gênero. As ações promovidas pela SECMULHER, como os Núcleos de Estudos de Gênero e campanhas de conscientização, têm contribuído para a redução dos índices de feminicídio e melhorado a rede de apoio às vítimas.

No entanto, apesar dos avanços notáveis observados na redução dos casos de feminicídio entre 2006 e 2012, os dados subsequentes de 2012 a 2023 indicam que ainda há desafios significativos a serem enfrentados. A persistência de altos índices de violência e a necessidade de melhorias nos espaços sociais e nos relacionamentos afetivos revelam que, embora haja progresso, a transformação cultural e a promoção de um convívio saudável ainda são áreas que necessitam de atenção contínua.

O gráfico apresentado a seguir demonstra um caminho que o Estado percorreu e percorre para a redução significativa da violência contra a mulher, o quanto se faz necessário, núcleos que reduza a cultura patriarcal de violência contra o gênero feminino. Mostrando através dos seus dados o quanto as mulheres sofrem em ambientes familiar e doméstico. Dados disponibilizados no site da secretária de defesa social do estado de Pernambuco.



Figura 1– Dados quantitativo sobre Violência Doméstico SDE.

A criação de espaços dedicados à conscientização, o aprimoramento dos serviços de atendimento psicológico e financeiro para mulheres em situação de violência, e a implementação de centros de acolhimento para essas mulheres e seus filhos representam avanços significativos na proteção das vítimas de violência de gênero. Além da Lei Maria da Penha, essas medidas são fundamentais para oferecer suporte abrangente e adequado.

No entanto, a falta de investimentos contínuos na Secretaria da Mulher de Pernambuco resultou em um retrocesso preocupante. A ausência de recursos adequados e a diminuição do suporte institucional contribuíram para o aumento dos índices de violência contra as mulheres no estado. Esses problemas foram ressaltados por vereadoras e deputadas que lutam contra a violência praticada contra as mulheres. Dani Portela² denunciou o fechamento de casa-abrigo no Estado.

“Segundo a deputada, abusos e violações dos direitos humanos estão entre os problemas denunciados, além da falta de itens básicos como alimentos, medicamentos, materiais de limpeza e produtos de higiene pessoal. “A situação de fome, de precariedade e de violência é a realidade dos abrigos das mulheres em Pernambuco... As vítimas relataram que estavam se sentindo encarceradas e não protegidas ou cuidadas, porque elas estão dentro de casas de acolhimento nessas condições. Enquanto isso, os agressores, muitas vezes, continuam por aí, livres”, relatou. (PORTELA, Dani. Jornal da ALEPE, 2023).

²Deputada Estadual no estado de Pernambuco. <https://www.alepe.pe.gov.br/2023/09/12/parlamentares-apontam-omissao-do-estado-na-protecao-as-mulheres-vitimas-de-violencia/>

De acordo com dados recentemente divulgados pelo site Marco Zero³, Pernambuco retornou ao grupo dos oito estados com maiores taxas de violência contra as mulheres. As informações apresentadas neste recorte estatístico incluem dois estados que não pertencem à região Nordeste. No entanto, optou-se por manter esses dados no quadro apresentado, considerando a relevância do demonstrativo evolutivo da violência contra a mulher no período de dois anos. Esse recorte visa fornecer uma visão comparativa que possibilita uma análise mais ampla e integrada da evolução desse fenômeno, facilitando a identificação de tendências e direcionamentos de políticas públicas voltadas para a segurança e proteção feminina.

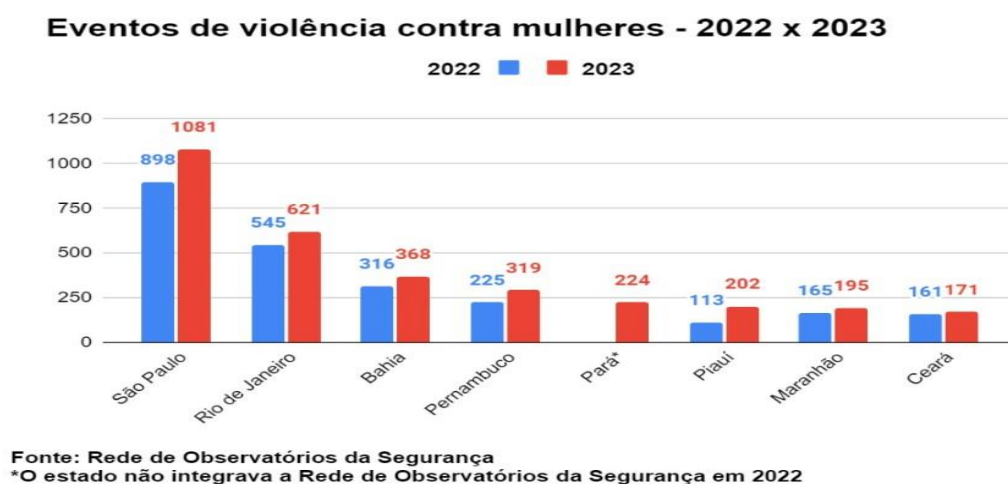


Figura 2 – Dados Comparativos de 2 Anos.

Esses dados sublinham a urgência de uma reavaliação e fortalecimento das políticas públicas voltadas para a proteção e o suporte às vítimas. É essencial assegurar que os centros de acolhimento e os serviços de apoio recebam os investimentos necessários para operar eficazmente. A continuidade do financiamento e o aprimoramento das estratégias de enfrentamento da violência são cruciais para garantir que os avanços obtidos não sejam revertidos e para promover um ambiente mais seguro e justo para todas as mulheres.

Com base nesse levantamento, percebe-se que a administração pública deve se manter atenta quanto a vivências afetivas que terminam em noções de violência de gênero. Para isso, é

³ Marco Zero é uma organização civil sem fim lucrativo que promove um jornalismo investigativo e independente. <https://marcozero.org/>

necessário buscar soluções no seio dos ambientes coletivos de produção de saber e aprendizagem, desde o momento em que o indivíduo é inserido na instituição escolar. Algum tipo de abordagem educacional e preventiva deve ser inserida nos currículos escolares para gerar entendimentos críticos dos problemas de gênero, sexualidade e violência. Ao lidar com esses assuntos precocemente, a educação pode ter um papel decisivo na constituição de futuros cidadãos mais críticos e respeitosos, importante para a próxima geração, tornando a sociedade mais igualitária e segura.

2 A PRODUÇÃO DE UMA ELETIVA SOBRE ESTUDO DE GÊNERO

Este capítulo descreve o processo de construção e implementação da eletiva⁴ de Estudos de Gênero no ambiente escolar para estudantes do ensino médio. A proposta dessa disciplina eletiva foi desenvolvida com o intuito de promover a conscientização dos jovens sobre questões de gênero, desafiando preconceitos e promovendo o respeito pela diversidade de gênero e sexualidade, distinta dos padrões normativos tradicionais.

O desenvolvimento da eletiva envolveu a consideração do contexto da comunidade escolar, para integrar o tema de gênero de forma que fosse relevante e acessível aos alunos. A intervenção introduziu o conceito de gênero de maneira a desmistificar e desconstruir preconceitos, preparando os estudantes para compreender e respeitar as identidades de gênero e sexualidades não conformistas.

Além disso, a construção da eletiva considerou a necessidade de abordar o tema de gênero de forma sensível e informativa, ciente de que em algumas escolas brasileiras, o conceito de gênero pode ser mal interpretado como uma ideologia controversa. O desafio foi, portanto, criar um currículo que evitasse a percepção de que o ensino de gênero se trata de uma ideologia, focando em fornecer informações baseadas em evidências e promover um diálogo construtivo.

O objetivo foi garantir que a eletiva fosse entendida como uma disciplina educacional legítima, alinhada com os objetivos acadêmicos e não como uma plataforma para discutir teorias complexas e potencialmente controversas.

Assim, a construção e a implementação da eletiva foram orientadas para fornecer uma base sólida de conhecimento e compreensão sobre gênero, adaptando-se ao contexto e às

⁴ A disciplina eletiva é uma inovação curricular introduzida pelo Novo Ensino Médio, sancionado em 2017 pelo então presidente Michel Temer e implementado nas escolas a partir de 2021. Trata-se de uma modalidade que possibilita aos professores a construção de disciplinas autorais, permitindo que abordem conteúdos de estudo baseados em suas áreas de especialização e interesse, com o intuito de promover uma aprendizagem mais diversificada e conectada às demandas contemporâneas dos estudantes.

necessidades da comunidade escolar, e promovendo um ambiente de aprendizado respeitoso e inclusivo.

O ambiente escolar desempenha múltiplos papéis na formação dos indivíduos, abrangendo não apenas o ensino de conteúdos acadêmicos, mas também a socialização, a aprendizagem das normas de convivência, e a preparação para o mundo do trabalho. Dentro desse contexto, a introdução de uma eletiva que aborda aspectos do gênero, integrando os conhecimentos ao cotidiano dos alunos e aos espaços de convivência, revela a importância da informação na formação juvenil.

A construção de uma eletiva dedicada ao estudo de gênero é particularmente significativa, ao proporcionar aos estudantes uma compreensão aprofundada sobre as diversas dimensões do gênero e suas implicações na vida cotidiana. Ao explorar como as relações de gênero se manifestam no dia a dia dos indivíduos e nas interações sociais, essa eletiva contribui para a formação crítica dos alunos, ajudando-os a compreender e a refletir sobre as normas e expectativas sociais que influenciam suas vidas e relações.

Além disso, ao incorporar o estudo de gênero ao currículo escolar, a eletiva promove um ambiente de aprendizado que valoriza a diversidade e a inclusão, preparando os jovens para interagir de maneira mais empática e respeitosa com os outros. Isso é particularmente relevante em uma fase da vida em que os indivíduos estão desenvolvendo suas identidades e se ajustando às dinâmicas sociais e culturais.

Portanto, a inclusão de uma eletiva sobre gênero no espaço escolar não apenas enriquece a formação acadêmica dos estudantes, mas também desempenha um papel crucial na construção de uma sociedade mais informada e inclusiva, refletindo a importância de integrar temas contemporâneos e relevantes ao currículo escolar.

2.1 Elaboração da Eletiva

A concepção da eletiva no contexto escolar emergiu como uma resposta à implementação do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) na instituição de ensino investigada. Este processo implicou uma análise detalhada das necessidades dos alunos relativas ao convívio saudável e inclusivo dentro do ambiente escolar. A observação revelou que a escola acolhia

uma diversidade de identidades de gênero e orientações sexuais, incluindo alunos e alunas transgêneros, lésbicas, homossexuais, entre outras identidades não normativas, cuja presença foi gradualmente identificada através das interações e da convivência escolar.

A eletiva foi desenvolvida com o propósito de promover a compreensão e o respeito pelas diferenças de gênero e orientação sexual, além de abordar a prevenção da violência de gênero. Um aspecto fundamental do projeto foi a criação de um ambiente escolar que oferecesse segurança e acolhimento, evidenciando que a escola pode atuar como um microcosmo seguro e controlado do "mundo real", onde os alunos podem expressar-se livremente e serem respeitados.

Para a formulação da eletiva, foi realizada uma análise abrangente da comunidade escolar, levando em consideração a composição e as necessidades dos alunos. Foram identificadas as principais demandas e desafios enfrentados pelos estudantes no contexto das relações interpessoais. Esta análise incluiu a observação das questões de gênero mais prevalentes na escola e dos problemas emergentes nas interações entre os educandos.

Com base nessa avaliação, foram desenvolvidas a intervenção pedagógica e conteúdos adaptados para atender às necessidades específicas do grupo. A eletiva foi estruturada para promover a compreensão sobre gênero, incentivar o respeito mútuo e prevenir a violência, alinhando-se aos objetivos do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) e às características da comunidade escolar.

A seleção dos textos de apoio para a intervenção pedagógica foi orientada pela demanda específica gerada pela dinâmica cotidiana dos educandos, e a implementação da intervenção se deu na forma de uma eletiva. Durante a execução das aulas, foram realizadas adaptações contínuas para alinhar o conteúdo às realidades vivenciais dos estudantes.

Para desenvolver uma disciplina que seja reflexiva, dinâmica e construtiva, é essencial compreender a história da instituição e as especificidades da comunidade escolar. Este entendimento permite a elaboração de uma intervenção pedagógica que não apenas atenda às necessidades dos indivíduos, mas também tenha um impacto significativo na transformação da realidade local.

A ementa da eletiva foi elaborada com base nas características da escola e nos perfis dos educandos, sendo fundamental para o desenvolvimento dos planos de aula. A ementa serve como um guia para a produção e organização das aulas, estabelecendo os objetivos pedagógicos a serem alcançados e descrevendo os produtos pedagógicos a serem desenvolvidos. Essa abordagem garante que o conhecimento transmitido em sala de aula seja relevante e prático, facilitando a construção conjunta do saber entre professor e alunos.

ELETIVA 1º SEMESTRE 2023		JOÃO BEZERRA	
EMENTA DA ELETIVA	CARGA HORÁRIA SEMANAL: 2 HORAS AULAS	PRODUTO A SER APRESENTADO:	Protótipo de jogo de tabuleiro que será usado como ferramenta para o auxílio do ensino e aprendizagem de estudo de gênero para alunos do ensino médio.
TÍTULO:	Estudo de Gênero: um espaço de informações.		
PROFESSOR(A):	Gabriela Brígido de Aquino		
JUSTIFICATIVA:	Há necessidade de entender como a construção sociocultural do conceito gênero é entendida na sociedade brasileira, bem como a desconstrução dos educandos sobre o que seria gênero, e como produzir pensamentos críticos.		
OBJETIVOS:	<ul style="list-style-type: none"> Refletir sobre o que é gênero e suas relações de poder; Observar as relações de gênero na sociedade; Debater sobre a construção de gênero na sociedade brasileira; Desenvolver pensamentos críticos sobre os temas trabalhados em sala de aula. 	MATERIAIS NECESSÁRIOS:	<ul style="list-style-type: none"> Textos impressos; Lápis de cor; Cartolinas coloridas; Cola e tesoura.

Figura 18 – Modelo de ementa entregue ao professor do Estado de Pernambuco.

Atualmente, a Secretaria de Educação adotou um novo formato de ementa, que inclui informações mais detalhadas sobre a produção do conteúdo trabalhado em sala de aula e suas interdisciplinaridades. Este novo modelo de ementa é descrito no Anexo I.

2.2 Elaboração das Aulas

Os procedimentos para a elaboração das aulas das eletivas 2023.1 e 2023.2 foram fundamentados na análise prévia das turmas, com base no contato anterior que tiveram quando eram alunos do 1º ano. As características dos adolescentes dessas turmas apresentaram diferenças significativas.

A turma de 2023.1 consistia em estudantes que buscavam informações e compreensão sobre suas identidades. Em contraste, a turma de 2023.2 foi mais desafiadora, uma vez que um pequeno grupo de alunos se inscreveu na eletiva atraído pelo termo "Gênero", com o intuito de investigar se a disciplina abordaria o que eles denominavam de "ideologia de gênero". Em resposta a esse interesse, iniciou-se a disciplina com uma explicação detalhada sobre o conceito de ideologia e o contexto por trás dessa terminologia, frequentemente utilizada, mas raramente questionada. Após essa introdução, a aula magna abordou o conceito fundamental de gênero.

Ao observar as características e a personalidade da turma, foi se destrinchando os conteúdos.

Para a primeira turma, foram desenvolvidas aulas focadas na compreensão do conceito de gênero e sua evolução histórica. Após a seleção dos temas, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para identificar literaturas que enriquecessem o perfil e os tópicos abordados. A ementa e toda a estrutura da eletiva foram elaboradas do zero, apesar de ser fundamentada no projeto existente do Núcleo de Estudo de Gênero (NEG), desenvolvido em parceria entre a Secretaria da Mulher e a Secretaria de Educação. Embora este projeto seja novo na escola e esteja sendo implementado como um experimento, ele visa explorar temas relevantes para as relações sociais e a construção de gênero em uma turma de 2º ano, composta por estudantes que frequentam a escola presencialmente desde 2022, após o período de pandemia global. Esta turma está inserida em uma comunidade periférica com um perfil mais conservador e pró-família.

Um dos recursos bibliográficos utilizados na análise e elaboração das aulas foi composto por publicações produzidas pelo governo do Estado de Pernambuco, em colaboração com a Secretaria da Mulher, tais como "Mulheres Construindo a Igualdade (Caderno Etnico racial)" e "Gênero e Educação (Caderno da Igualdade nas Escolas)." Além disso, foram consultados outros livros que se alinhavam aos objetivos estabelecidos para as aulas. Por exemplo, na aula sobre "O que é gênero?"—tema mantido em todas as ementas elaboradas para as eletivas de gênero—foi definido o objetivo a ser alcançado: introduzir o conceito de gênero de maneira que os alunos compreendessem que este vai além da composição biológica. Para as turmas de 2023.1 e 2023.2, a eletiva recebeu o nome de "Estudo de Gênero: Um Espaço de Informação e Aprendizado," ajustando-se às necessidades emergentes ao longo da disciplina.

Após a análise das manifestações e interesses dos alunos, foram selecionados temas pertinentes às suas preocupações e ao seu cotidiano, incluindo corpo, trabalho, feminismo,

patriarcalismo, entre outros tópicos relevantes. Para a turma de 2023.1, as aulas foram estruturadas em torno dos seguintes temas: "O que é gênero", "Identidade de gênero", "Efeito Matilda", "Construção social do gênero", "O significado das mulheres na ciência", "Divisão do trabalho entre os gêneros no cotidiano" e "A história do matriarcado."

Para a turma de 2023.2, foram abordados temas que se revelaram mais questionáveis e provocativos, em função do perfil característico dos alunos. Entre os temas discutidos, incluiu-se "Quem disse o que devo usar? As relações de poder entre gêneros", bem como outras narrativas desenvolvidas conforme as necessidades da turma. Um dos questionamentos levantados por um grupo de alunos foi sobre o conceito de ideologia de gênero, sua existência e a relação desta com o propósito da disciplina. O Capítulo 3 detalha a abordagem dada a essa situação, incluindo uma explicação sobre o conceito de ideologia.

A construção de uma eletiva no ensino básico demanda flexibilidade e adaptabilidade, reconhecendo que os estudantes frequentemente ingressam sem um conhecimento prévio claro sobre o assunto e com diversas dúvidas. Os alunos são indivíduos em desenvolvimento que necessitam de orientações sobre convivência ética e moral em contextos coletivos. Uma eletiva deve, portanto, atender às necessidades da comunidade escolar e ao contexto externo da escola, incluindo o mundo do trabalho.

É essencial compreender as demandas dos estudantes e seus pares para promover a formação de indivíduos instruídos e que cultivem uma cultura de paz em seu entorno, contribuindo para a construção de uma geração mais reflexiva e menos violenta.

2.3 Relatos das Aulas

A construção das aulas foi conduzida com base na interação social manifestada pelos estudantes em relação aos temas abordados. A dinâmica em sala de aula poderia ser profundamente influenciada por ideias divergentes em relação ao conteúdo apresentado e teorizado.

Nas aulas 5 e 6 da sequência didática, conforme descrito no Anexo, foi abordada a relação entre o corpo e os limites impostos pelos gêneros. Durante essas sessões, surgiram questionamentos substanciais acerca da interação entre a sociedade, o corpo e as construções de gênero. Os alunos demonstraram um engajamento expressivo na exploração e na expressão

de suas identidades e ansiedades, evidenciando um profundo envolvimento com os temas discutidos. A formulação dos temas para a análise desses comportamentos, combinada com a utilização de textos para fomentar debates, promoveu o estabelecimento de uma relação de confiança e abertura entre os participantes e o instrutor. Os estudantes expressaram suas dúvidas e preocupações relacionadas à auto identificação e à construção de suas identidades de maneira espontânea e autêntica.

Durante uma das aulas, na qual foi abordado o tema do corpo, os alunos elaboraram perguntas como: “Se o corpo fala, por que o meu não expressa quem eu sou? , falas de P. “Ser sensível e gostar de cuidar do corpo não deveria ser classificado como afeminado, professora?” outra fala de um aluno. “O nosso corpo deveria nascer sem gênero e sexo definidos? ” questão levantada por uma aluna, entre outras questões. Essas perguntas evidenciam a profundidade e a complexidade das reflexões dos alunos sobre a relação entre o corpo, gênero e identidade.

De acordo com Althusser (1987), em seu estudo sobre os aparelhos ideológicos de Estado, a formação do indivíduo é profundamente influenciada pela instituição familiar, a qual tem o papel de educar o indivíduo para a convivência em sociedade, aplicando tanto as regras do convívio coletivo quanto as particularidades do núcleo familiar. Segundo Althusser (1987), a escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento dos indivíduos e na construção da consciência coletiva, sendo um espaço destinado à desconstrução ou ao reforço das normas de convivência social e ao respeito entre indivíduos de diferentes formas e estilos. O ambiente escolar, portanto, deve promover a construção dos limites individuais e a formação de uma ética de respeito mútuo.

As aulas do Núcleo de Estudos de Gênero ocorriam após o horário de almoço, no período das 13h30 às 15h10, totalizando duas aulas consecutivas. Durante essas sessões, realizavam-se debates sobre uma variedade de temas relevantes. Um aspecto crucial deste processo é a perspectiva do observador sobre as contribuições dos alunos ao longo dos debates. Os estudantes frequentemente apresentavam questões relacionadas às suas dúvidas sobre o corpo, a sexualidade e a percepção das fobias em relação à diversidade. Com o intuito de assegurar uma documentação precisa e detalhada das discussões e do desenvolvimento do projeto, todas as aulas foram registradas por meio de gravações, cujas transcrições das falas discentes durante os encontros encontram-se anexas ao presente trabalho.

Os debates eram iniciados por meio de perguntas direcionadoras, como, por exemplo, "Quem determinou que deveríamos usar certas roupas e por que aceitamos essas normas?". Esse tipo de questionamento promovia reflexões profundas entre os alunos, levando ao surgimento de novas questões e à construção de uma compreensão mais crítica dos temas discutidos.

No início de cada aula, o tema a ser abordado era apresentado juntamente com uma explicação sobre o significado desse tema para a sociedade brasileira e, especificamente, para a sociedade pernambucana. Considerando a diversidade regional do Brasil e as variações no tratamento dos conceitos de gênero e sexualidade em diferentes partes do país, a eletiva foi projetada para refletir essa diversidade em sua abordagem.

A eletiva se caracterizou por sua flexibilidade e adaptabilidade, ajustando-se continuamente às necessidades e realidades dos alunos. O objetivo era transformar conceitos em consciência coletiva, promovendo mudanças significativas nas relações humanas e contribuindo para um entendimento mais inclusivo e respeitoso das questões de gênero e sexualidade.

Ao trabalhar a compreensão dos jovens sobre o conceito de gênero e os significados simbólicos por trás dos movimentos em defesa do direito de ser quem desejamos ser ressalta a importância de alcançarmos, primeiramente, a aceitação de nós mesmos e, em seguida, a aceitação daqueles que nos cercam.

Na elaboração das aulas, utilizei a obra de Zaganini (2020), que aborda a intervenção pedagógica em sala de aula com foco no estudo da mulher negra e no racismo brasileiro.

Zaganini explora como esses temas estão entrelaçados com o cotidiano dos alunos e a necessidade de ouvir suas experiências e perspectivas. Ela enfatiza a importância do espaço educacional para a compreensão e a reflexão sobre essas questões, destacando a relevância de integrar a escuta ativa e a sensibilidade aos contextos dos estudantes na prática pedagógica.

Analisar o conteúdo presente na comunidade a partir do que o aluno traz à sala de aula é respeitá-lo como um ser que possui algo a oferecer ao contexto educativo, portanto é respeitá-lo a partir de uma concepção conceitual e regional de Sociologia. Assim sendo, pode-se destacar a origem social do educando, assim como sua concepção filosófica de mundo, como sendo o requisito necessário para se pensar a mudança no paradigma escolar através da sequência didática na perspectiva da Sociologia. (ZAGANINI, Geralda de

Compreender o mundo dos alunos e integrar seu cotidiano ao espaço educacional demonstra uma preocupação genuína com suas vivências e frustrações. Essa abordagem ressalta que, embora existam desafios, sempre há caminhos para superar obstáculos e alcançar objetivos. O processo de auto avaliação e reflexão sobre a percepção do próprio mundo constitui o primeiro passo para promover mudanças significativas, tanto no âmbito familiar quanto na comunidade e no ambiente escolar.

Estabelecer um relacionamento de confiança e respeito entre alunos e professora foi uma tarefa essencial para o sucesso da eletiva. As aulas foram conduzidas com a colaboração ativa dos alunos, que contribuíram com perguntas, reflexões, dúvidas e questionamentos, além de participarem na elaboração dos trabalhos visuais e escritos.

Ao final do processo, o espaço educacional foi continuamente desconstruído, reconstruído e ajustado. Essa dinâmica permitiu a produção de conhecimentos significativos e resultou em trabalhos extraordinários por parte dos estudantes.

3 O PERCURSO 2021-2023 DO NÚCLEO DE GÊNERO DA ESCOLA ANALISADA ATRAVÉS DE UMA ELETIVA

O Capítulo 3 descreve o funcionamento do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) na escola pesquisada durante o período de 2021 a 2023, um intervalo significativamente afetado pela pandemia de COVID-19. Este período trouxe alterações profundas na dinâmica de ensino e no acesso à informação sobre as relações de gênero.

Durante o ano de 2021, o NEG enfrentou desafios adicionais devido às restrições impostas pela pandemia, que exigiram uma adaptação das metodologias tradicionais de ensino e a incorporação de plataformas digitais para a disseminação de conteúdo. Esse contexto específico resultou em um perfil distinto dos educandos e nas características do funcionamento do NEG.

Nos anos seguintes, 2022 e 2023, a recuperação gradual das atividades presenciais e a normalização das práticas educacionais permitiram novas abordagens e ajustes na implementação do NEG. A evolução nas condições de ensino e a adaptação às novas realidades educacionais moldaram as características e o impacto do programa, refletindo as mudanças na forma como o conteúdo sobre gênero foi abordado e recebido pelos estudantes.

3.1 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2021

O Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) da escola pesquisada, atuante durante o ano de 2021, período em que o Brasil e o mundo estavam imersos na pandemia de COVID-19, focou na compreensão e enfrentamento da violência doméstica em suas diversas formas. Esse enfoque surgiu em resposta aos numerosos relatos recebidos pela escola sobre casos de violência doméstica sofridos por alunas, tanto por parte de familiares quanto de companheiros.

Dada a localização da escola em uma comunidade periférica, caracterizada por condições socioeconômicas desfavorecidas e conhecida por altos índices de violência, o trabalho de conscientização do NEG se tornou ainda mais relevante.

O desenvolvimento das atividades do Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) em 2021 foi adaptado para o contexto pandêmico, sendo realizado de forma híbrida. Inicialmente, as atividades foram conduzidas remotamente, utilizando plataformas digitais para alcançar os alunos e fornecer informações sobre violência doméstica. A partir do segundo semestre do ano, com a gradual flexibilização das restrições, o NEG retomou as atividades presenciais, permitindo um retorno às interações diretas e ao suporte mais próximo para os estudantes.

O Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) foi implementado como uma eletiva com o objetivo de promover a preservação da vida das mulheres e educar os meninos para prevenir a violência de gênero. Durante o período de 2021, o tema central dessa eletiva, denominado "Dialogando entre os Gêneros", foi estruturado com base nas características observadas da turma e teve como objetivo principal a conscientização sobre a violência praticada entre os gêneros.

A eletiva focou em como a educação e a intervenção precoce podem reduzir as incidências de violência contra meninas e mulheres. Abordando as diferentes formas de violência de gênero e destacou a importância da intervenção educacional na formação de atitudes respeitadas e igualitárias.

A metodologia implementada na eletiva "Dialogando entre os Gêneros", desenvolvida durante o ano de 2021, foi orientada para a promoção do conhecimento e a normalização da não violência. Este enfoque foi particularmente relevante considerando o contexto pandêmico, que exigiu adaptações significativas nas práticas educacionais. A metodologia adotada incluiu as seguintes estratégias:

- **Rodas de Diálogo:** Foram organizadas rodas de diálogo para facilitar discussões aprofundadas e reflexivas sobre a violência de gênero e suas diversas manifestações. Esses encontros proporcionaram um ambiente seguro para que os estudantes expressassem suas opiniões e experiências, promovendo um entendimento coletivo das dinâmicas de violência e suas consequências.
- **Pesquisa Temática:** Os alunos participaram de atividades de pesquisa focadas em temas relacionados à violência de gênero, examinando as origens históricas e sociais do ódio contra as mulheres. Esta abordagem visou proporcionar uma compreensão crítica das raízes e das manifestações da violência de gênero.
- **Análise Histórica e Respeito à Individualidade:** incluiu uma análise histórica para contextualizar as normas sociais e destacar a importância de respeitar a individualidade

de cada pessoa, independentemente do gênero. Esta perspectiva histórica e cultural foi essencial para compreender as mudanças nas normas de gênero e a necessidade de respeito à diversidade.

- **Reconstrução da Coletividade:** Em resposta ao distanciamento social imposto pela pandemia, a eletiva enfatizou a reconstrução do senso de coletividade. As atividades colaborativas visaram fortalecer a empatia e o trabalho em equipe entre os alunos, promovendo uma comunidade mais coesa e solidária.
- **Exibição de Documentários e Entrevistas:** Foram exibidos documentários e realizadas entrevistas com mulheres que experienciaram violências, oferecendo uma perspectiva realista e aprofundada sobre as vivências das vítimas. Estas atividades contribuíram para uma compreensão mais empática e informada das questões abordadas.
- **Debates e Reflexões contextuais:** Os debates e as discussões sobre os relatos cotidianos dos alunos foram fundamentais para ilustrar a prevalência e a diversidade das formas de violência, não apenas físicas, mas também psicológicas e emocionais. A análise crítica desses relatos ajudou a destacar a complexidade das experiências de violência de gênero.

Essa metodologia visou proporcionar uma compreensão abrangente e crítica da violência de gênero, promovendo a construção de uma cultura de respeito e igualdade. A adaptação das práticas pedagógicas ao contexto pandêmico e o enfoque na empatia e na coletividade foram essenciais para o sucesso da eletiva.

Como resultado das atividades desenvolvidas na eletiva "Dialogando entre os Gêneros" durante o ano de 2021, três importantes frutos foram obtidos:

1. **Participação na VI Exposição Pedagógica (2021):** O trabalho foi apresentado na VI Exposição Pedagógica realizada em 2021. Este evento proporcionou uma plataforma para a exposição dos resultados e das metodologias empregadas na eletiva, permitindo a troca de experiências e a discussão sobre práticas educacionais inovadoras.
2. **Publicação de Artigo na Revista SUPED em Ação (Edição 01/2022):** Um artigo derivado do trabalho desenvolvido foi publicado na Revista SUPED em Ação, edição 01/2022. O artigo aborda as metodologias e os impactos da eletiva, contribuindo para a

disseminação do conhecimento e das práticas pedagógicas sobre gênero. O artigo está disponível no seguinte link: Revista SUPED em Ação⁵.

3. **Apresentação na IX Mostra de Inovações Pedagógicas (Categoria de Ciências Humanas/Gênero):** O trabalho também foi apresentado na IX Mostra de Inovações Pedagógicas, na categoria de Ciências Humanas/Gênero. Esta apresentação destacou as inovações metodológicas e os resultados obtidos, promovendo a reflexão e a discussão sobre o ensino de gênero e a prevenção da violência.

Esses frutos refletem o impacto e a relevância do trabalho realizado, evidenciando o compromisso com a promoção de uma educação inclusiva e a conscientização sobre questões de gênero.



Figura 4 – VI Expo Pedagógica.

No período compreendido entre o final de 2021 e o início de 2022, a sala designada para a implementação do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) foi submetida a um processo de revitalização estética. Este processo incluiu a pintura da sala, que passou a ser conhecida como "Mulheres que Lutam". A escolha desse nome e da arte que o acompanhava visava simbolizar e representar a luta contínua pela igualdade de gênero e o empoderamento feminino.

A arte escolhida para a sala foi cuidadosamente projetada para refletir a diversidade e a inclusão, incorporando representações visuais de mulheres de diferentes origens e identidades.

⁵ <https://sites.google.com/view/supedemacao/p%C3%A1gina-inicial?authuser=3>

A pintura incluiu figuras que representam mulheres negras, indígenas, brancas e transgêneros. Essa abordagem artística visou celebrar a diversidade das experiências femininas e a luta coletiva contra as desigualdades e a violência de gênero.

Este esforço para criar um ambiente visualmente acolhedor e representativo reforça o compromisso do NEG com a promoção de uma educação inclusiva e a conscientização sobre a importância do respeito e da igualdade para todas as identidades de gênero.



Figura 5– Representação das mulheres brasileiras.

O ano de 2021 foi marcado por intensas dificuldades enfrentadas por indivíduos que sofreram não apenas os impactos diretos da pandemia de COVID-19, mas também as diversas formas de violência dentro de suas residências, em um contexto em que o acesso a socorro e a visibilidade das situações de violência foram severamente restringidos.

Durante esse período crítico, foi realizada uma palestra intitulada "Chegando Junto", ministrada pela Secretária da Mulher de Recife. A palestra abordou questões relacionadas à violência contra a mulher, enfatizando que essa violência não se limita apenas à forma física. A abordagem destacou a necessidade de reconhecer e combater todas as manifestações de violência, proporcionando uma conscientização mais abrangente sobre o problema.

Este evento representou uma importante iniciativa para promover a discussão e o conhecimento sobre as múltiplas dimensões da violência de gênero, mesmo em um contexto desafiador como o da pandemia.



Figura 6 – Chegando junto.

Ao concluir o ciclo do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) com a turma em questão, observou-se que este grupo estava prestes a se despedir da escola, uma vez que eram estudantes do 3º ano do ensino médio. Este processo de finalização marcou o término de um percurso significativo de formação, no qual a eletiva desempenhou um papel crucial na promoção de relações humanas saudáveis, fato reconhecido pelos estudantes através de falas e frases ditas por cada um deles através de debates e das rodas de diálogos.

O tema do encontro do dia 20 de agosto foi sobre “as mulheres e seus conhecimentos de remédios naturais” em que foram ouvidos os relatos cotidianos deles a respeito do que as mães e as avós faziam quando eles adoeciam. Alguns dos relatos foram sobre que tomavam banho de colônia (folha), quando estavam com muita febre, ou quando estavam mal da barriga, tomavam chá de boldo, entre outras ervas naturais para a cura do corpo. Foi percebido, também, que o conhecimento do tratado do corpo externo, com o cabelo, as unhas, a pele, vinham delas, também. Os meninos disseram que suas mães eram responsáveis por ensiná-los como se lavar, quando pequenos. As meninas disseram que eram as suas mães que ensinavam a elas sobre higiene pessoal. As histórias contadas, sobre como esses remédios naturais eram/reforçaram a importância da valorização dessa ancestralidade feminina. (Aquino, Gabriela Brigido. Revista SUPED em Ação. 2022.1).

A implementação do NEG – Núcleo de Estudo de Gênero teve um impacto substancial na formação dos alunos, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero e das práticas de respeito mútuo. Através da eletiva, os estudantes tiveram a oportunidade de se engajar em discussões críticas e atividades que visavam transformar suas atitudes e comportamentos em relação às relações interpessoais. Projeto esse que pode ser visualizado na produção do artigo enviado a revista SUPED em Ação.

Em relatos de experiências em sala de aula no artigo “Projeto Dialogando entre os Gêneros” (Aquino, 2022), a aula ministrada no dia 3 de setembro de 2021 explorou o tema “Violência contra a Mulher e o seu Posicionamento.” Durante essas sessões, uma aluna expressou uma opinião comum, porém controversa, afirmando: “Ah, professora, as mulheres apanham porque querem!” e acrescentou: “Tem uma mulher na rua que vive apanhando do marido, acho que ela gosta, pois não se separa nem deixa ele, professora!”. Esses comentários refletem a complexidade das percepções sociais sobre a violência doméstica, evidenciando a necessidade de uma abordagem educativa que desconstrua mitos e promova uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e controle envolvidas. A partir dessas frases ocorreu a reflexão sobre o que é violência e as suas características, como a violência psicológica e financeira ocasionam essa dependência. Com isso o discurso muda e a frase que mais ficou evidente foi do aluno Y: “É, professora, ser dependente de alguém é ruim mesmo! ”. Dentre outras frases que mostrou a mudança na concepção do comportamento em relação as pessoas que sofriam esses tipos de violência.

A conclusão deste ciclo educativo não apenas marcou o fim de um período de aprendizado para os alunos, mas também simbolizou um avanço na construção de uma cultura de respeito e igualdade dentro da comunidade escolar. A formação proporcionada pelo NEG contribuiu para preparar os estudantes para interações mais respeitadas e conscientes em seus futuros contextos sociais e profissionais.

3.2 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2022

No ano em questão, a escola enfrentou o desafio de retornar ao sistema de ensino presencial após um período de ensino remoto, ao mesmo tempo em que se adaptava às novas diretrizes do Novo Ensino Médio. Esse contexto trouxe implicações significativas para a implementação das atividades do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG).

A integração das aulas do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) ao currículo reformulado do Novo Ensino Médio resultou em modificações na abordagem pedagógica. Em vez de realizar as atividades específicas do núcleo de gênero de forma independente, os conteúdos relacionados a gênero foram incorporados nas aulas de Projeto de Vida. Esta adaptação visou garantir que

os temas de gênero continuassem sendo abordados de maneira relevante e eficaz, apesar das mudanças estruturais no sistema de ensino.

Essas modificações exigiram um esforço considerável para alinhar os objetivos do Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) com os novos formatos e exigências educacionais, destacando a necessidade de flexibilidade e inovação na abordagem pedagógica para manter a eficácia da educação sobre questões de gênero.

O perfil dos estudantes das turmas de terceiro ano durante o período analisado revelou características marcadas pelos impactos psicológicos e sociais da pandemia. Observou-se que os alunos apresentavam apatia significativa, uma consequência direta das condições adversas vivenciadas durante o isolamento social. Essa apatia se manifestava em comportamentos de desconcentração, ansiedade elevada, desleixo e desmotivação.

Os estudantes, que estavam em uma fase crítica de transição do desenvolvimento humano—da adolescência para a juventude—experimentaram profundas mudanças em seu comportamento e em suas interações sociais. O período de isolamento forçado comprometeu a capacidade dos jovens de se engajar em atividades coletivas e em experiências típicas da adolescência, como a formação de grupos sociais e o início de relacionamentos afetivos. Esse contexto é ainda mais relevante considerando que o Brasil é conhecido por suas altas taxas de gravidez na adolescência.

Nesse cenário, a escola assumiu um papel crucial na tentativa de reparar e mitigar os efeitos negativos deixados pela pandemia. O ambiente escolar tornou-se um espaço essencial para a reabilitação das dinâmicas sociais e emocionais dos alunos, promovendo esforços para restaurar a integração e o engajamento dos estudantes em um momento desafiador.

Durante o ano de 2022, o Núcleo de Estudos de Gênero (NEG) desempenhou um papel fundamental na readaptação dos estudantes ao convívio social, focando na compreensão e na promoção de relações de gênero equitativas. A abordagem pedagógica desse período visou não apenas restaurar a interação social entre os alunos, mas também educá-los sobre a importância da igualdade de gênero no contexto do mundo do trabalho.

O currículo do núcleo incluiu a análise de vídeos e materiais educativos que abordavam a discriminação enfrentada por mulheres em diversas esferas da vida, como no mercado de

trabalho, na vida sexual e nas normas de vestuário, entre outras situações. Essas atividades foram projetadas para sensibilizar os alunos sobre as desigualdades e preconceitos existentes na sociedade, e para promover uma compreensão mais profunda de seu papel na luta pela igualdade e pelos direitos das mulheres.

O ano de 2022 foi marcado como um período de reconstrução, onde o foco foi a reintegração dos indivíduos em ambientes de interação coletiva e a compreensão do papel que desempenham nesses contextos sociais. Essa etapa foi essencial para a formação de uma consciência crítica e para a construção de uma cultura de respeito e igualdade entre os gêneros.

3.3 Núcleo de Gênero Trabalhado em 2023.1

A eletiva desenvolvida no período de 2023 foi a primeira a ser estruturada com um conteúdo flexível, adaptável às características da turma inscrita. Diferentemente dos anos anteriores, onde o foco era em turmas de 3º ano, o grupo atual consiste em estudantes do 2º ano do ensino médio. O processo inicial de implementação da disciplina envolveu um levantamento detalhado do perfil dos alunos inscritos.

A análise revelou uma composição diversificada entre os participantes, incluindo meninas e meninos cisgêneros, meninos homossexuais e indivíduos que se identificam com gênero neutro. Destaca-se, entre os alunos, um jovem com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que expressou um desejo significativo de se inscrever na eletiva com o objetivo de “compreender melhor os colegas e respeitar as pessoas pelo que elas são” palavras proferidas por ele.

Esse enunciado evidencia a presença de uma ampla gama de identidades de gênero e orientações sexuais na escola, que inclui lésbicas, indivíduos de gênero neutro, bissexuais, homossexuais e transgêneros, tanto no gênero masculino quanto no feminino. A diversidade do público educacional é uma característica marcante da instituição, e a eletiva de gênero tem se mostrado uma ferramenta crucial para promover o entendimento e o respeito mútuo entre os alunos.

Durante o ano letivo de 2023, a eletiva de gênero passou por um processo de reformulação e ganhou uma nova denominação e ementa, diferenciando-se das edições anteriores. Este

período marcou a fase piloto da disciplina, com a intenção de estabelecê-la como uma componente curricular fixa para o semestre subsequente (2023.2).

A proposta curricular incluía debates aprofundados sobre a origem dos conceitos de gênero e suas instituições na sociedade contemporânea. Os estudantes foram incentivados a refletir sobre como essas estruturas de gênero se manifestam no cotidiano individual e em seus grupos de relacionamento.

A implementação da eletiva neste período visou demonstrar a vitalidade e a continuidade do Núcleo de Estudos de Gênero, consolidando sua presença e relevância no ambiente educacional. O formato piloto da disciplina permitiu uma avaliação prática de sua eficácia e adaptação, preparando o caminho para sua integração permanente no currículo escolar.

A eletiva de gênero desenvolvida ao longo de 2023 abordou uma variedade de temas centrais para a compreensão e análise das questões de gênero. Os tópicos explorados incluíram:

- **O que é gênero:** Definições e conceitos fundamentais.
- **O significado das mulheres na ciência:** Contribuições históricas e contemporâneas das mulheres nas ciências.
- **Identidade de gênero:** Compreensão e nuances das identidades de gênero.
- **Efeito Matilda:** A invisibilidade das contribuições femininas na ciência.
- **A construção social do gênero:** Como o gênero é construído e perpetuado socialmente.
- **Divisão do trabalho entre os gêneros no cotidiano:** Análise das desigualdades no ambiente de trabalho e em outras esferas.
- **A história do matriarcado:** Investigação sobre sociedades matriarcais históricas.
- **Como surgiu o patriarcado:** Estudo das origens e evolução do patriarcado.
- **Marxismo tóxico e seus impactos nos meninos:** Análise crítica do impacto das ideologias patriarcais no desenvolvimento masculino.

Cada um desses temas foi abordado de maneira ampla e objetiva, com o objetivo de promover uma compreensão profunda das questões de gênero e fomentar o respeito por si mesmo, pelos outros e pelas diversas identidades de gênero.

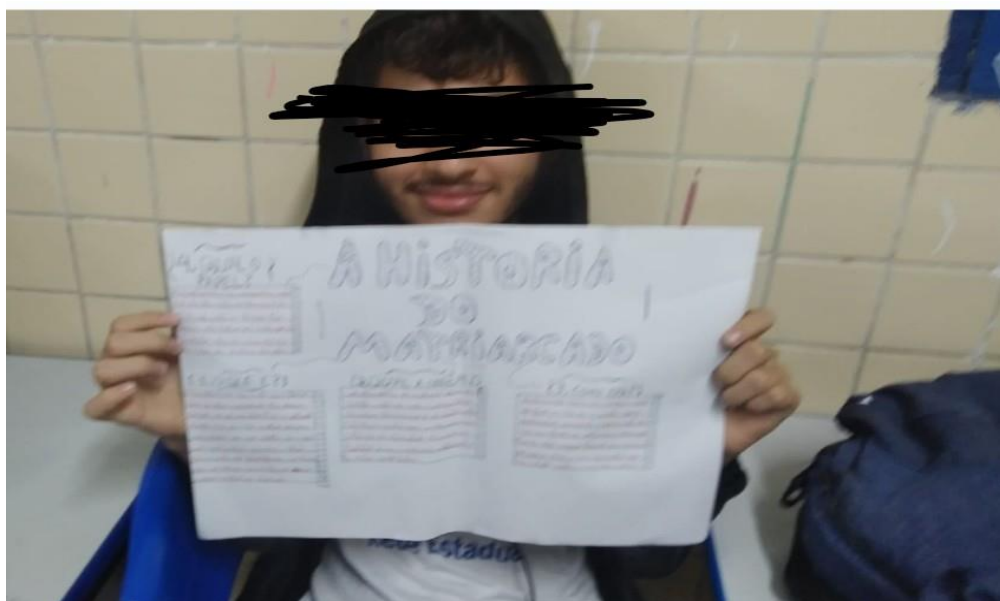
As eletivas, a partir de 2022, culminam em uma apresentação final dos trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre. Para o encerramento do curso de 2023, a escolha foi pela

apresentação oral acompanhada de cartazes. A turma foi dividida em sete grupos, cada um dos quais selecionou um dos temas abordados em sala de aula. Os grupos foram responsáveis por desenvolver e apresentar suas pesquisas através de uma combinação de arte e elaboração narrativa sobre o tema escolhido.



Figura 7 – Produzindo o trabalho de apresentação.

Segue a descrição do que cada grupo escolheu para apresentar no dia da culminância⁶:



⁶ Culminância: consiste em uma apresentação de um trabalho final elaborado pelos alunos, resultante das atividades desenvolvidas ao longo da disciplina eletiva. Essa apresentação é direcionada ao corpo discente, ao corpo docente e aos funcionários da instituição de ensino, representando uma síntese e exposição dos resultados obtidos.

Figura 8 – A história do matriarcado.

A história do matriarcado:

- **Tema:** Investigação sobre sociedades matriarcais e a origem do patriarcado.
- **Apresentação:** O grupo preparou um cartaz informativo que traçava a história das sociedades matriarcais e a evolução para sistemas patriarcais. A apresentação incluiu uma linha do tempo e uma análise crítica sobre como o patriarcado moldou as estruturas sociais e de poder ao longo da história.

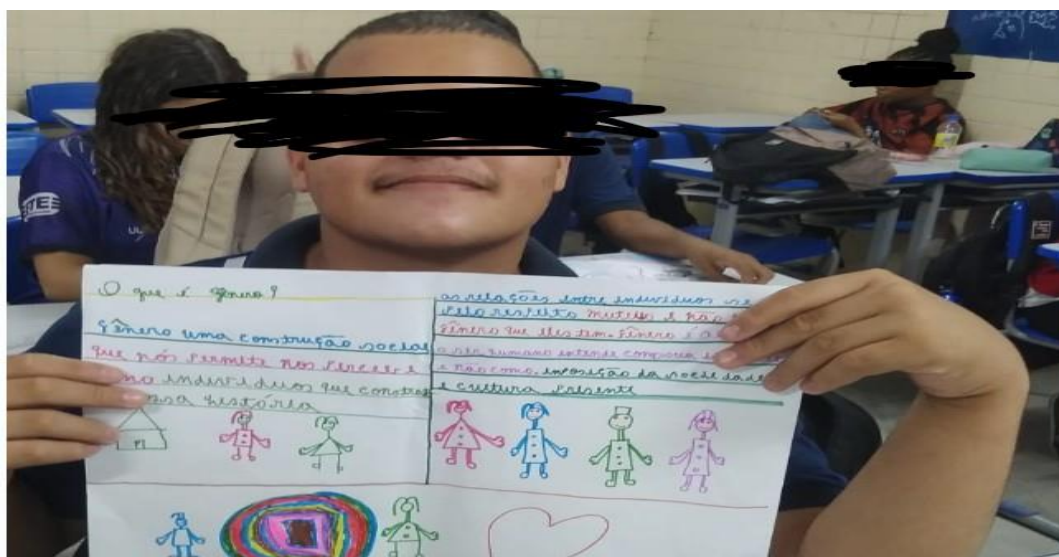


Figura 9– O que é gênero?

O que é gênero:

- **Tema:** Definições e conceitos fundamentais sobre gênero.
- **Apresentação:** O grupo elaborou um cartaz explicativo que abordou as definições básicas e os principais conceitos relacionados a gênero. A apresentação incluiu uma breve explanação sobre as diferenças entre sexo e gênero, bem como a importância de entender esses conceitos para promover o respeito e a inclusão.

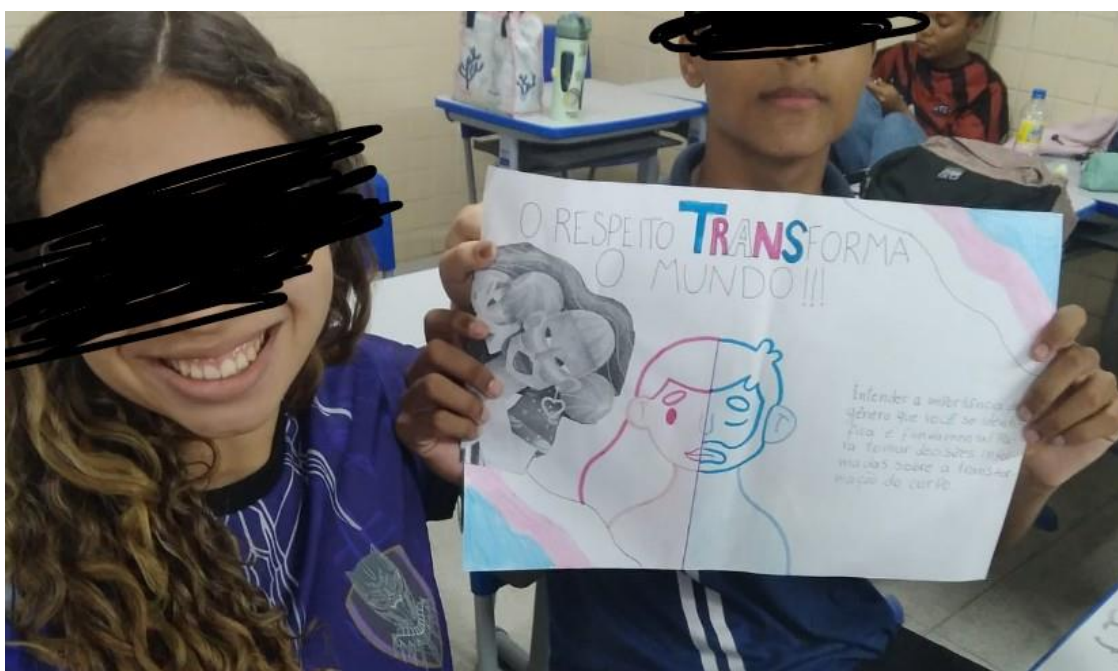


Figura 10 – Identidade de gênero.

Identidade de gênero:

- **Tema:** Compreensão e nuances das identidades de gênero.
- **Apresentação:** Os alunos prepararam uns cartazes explicativos que abordavam diferentes identidades de gênero e suas características. A apresentação incluiu uma discussão sobre a importância da aceitação e do reconhecimento das identidades de gênero diversas.

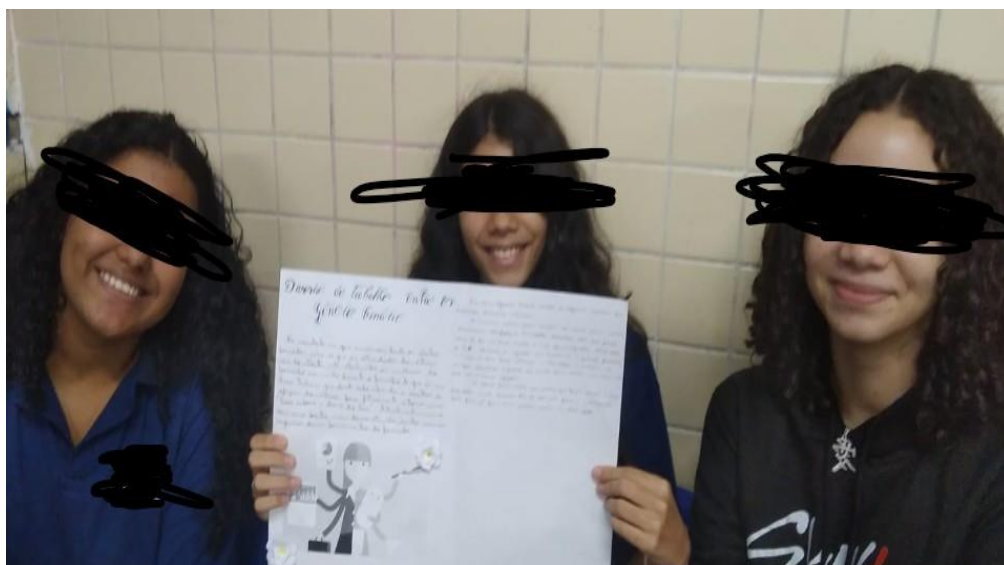


Figura 11 – Divisão do trabalho entre os gêneros no cotidiano.

Divisão do trabalho entre os gêneros no cotidiano:

- **Tema:** Análise das desigualdades no ambiente de trabalho e em outras esferas.
- **Apresentação:** Os alunos prepararam imagens e textos que mostram disparidades na divisão do trabalho entre gêneros em diferentes contextos, como no mercado de trabalho e nas responsabilidades domésticas. A apresentação incluiu uma discussão sobre as implicações dessas desigualdades.

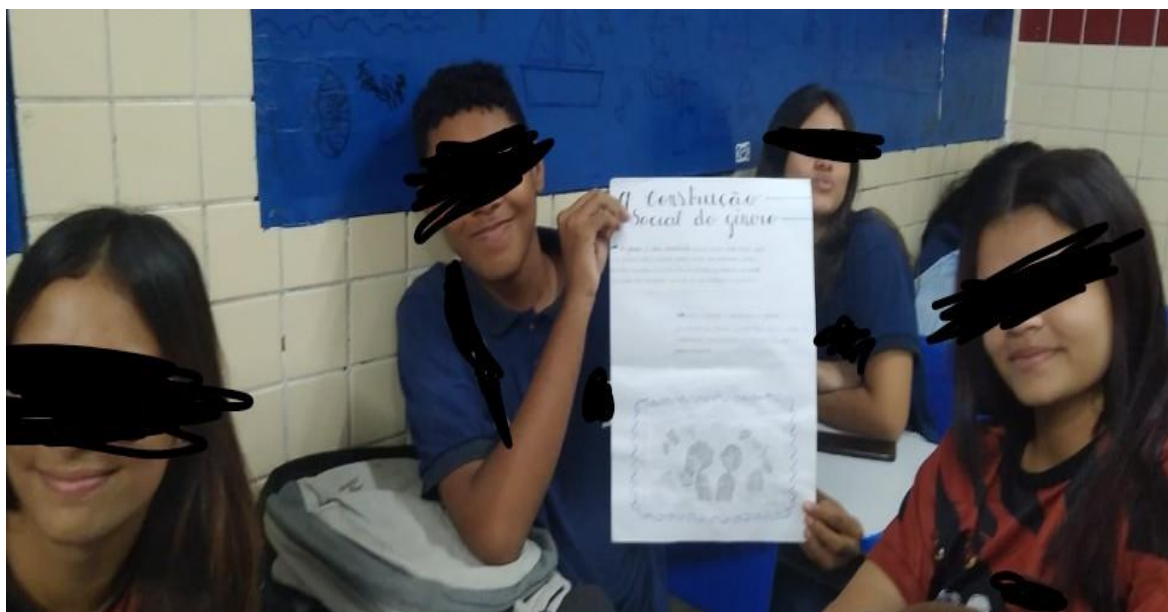


Figura 12 – Construção social do gênero.

A construção social do gênero:

- **Tema:** Como o gênero é construído e perpetuado socialmente.
- **Apresentação:** Este grupo criou uma representação em imagens mostrando as situações cotidianas dos papéis de gêneros como são socialmente construídos e reforçados. Seguida de uma discussão sobre como essas construções sociais afetam a percepção e o tratamento das pessoas de diferentes gêneros.



Figura 13 – O significado das mulheres na ciência.

O significado das mulheres na ciência:

- **Tema:** Contribuições das mulheres nas ciências ao longo da história.
- **Apresentação:** O grupo criou um cartaz destacando figuras femininas importantes na ciência, suas descobertas e contribuições significativas. A apresentação foi acompanhada de uma narração da trajetória de algumas dessas mulheres e os desafios que enfrentaram.

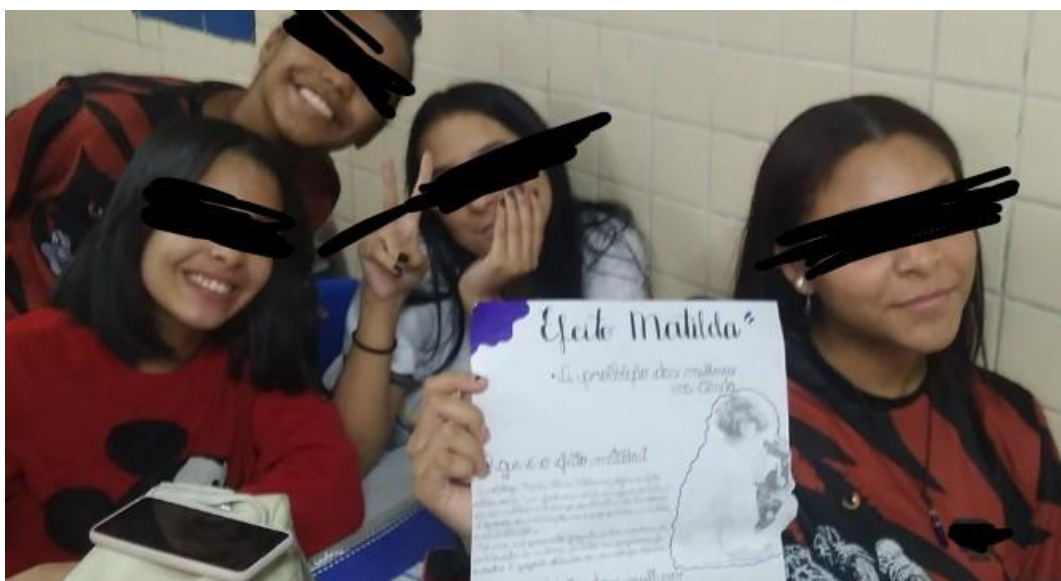


Figura 14 – Efeito Matilda.

Efeito Matilda:

- **Tema:** Invisibilidade das contribuições femininas na ciência.
- **Apresentação:** O grupo desenvolveu uma apresentação em cartaz que detalhava o Efeito Matilda, ilustrando como as contribuições das mulheres na ciência frequentemente são desconsideradas ou minimizadas. Incluíram exemplos históricos e estudos de caso para evidenciar o fenômeno.

Cada grupo teve a oportunidade de explorar e apresentar seu tema de forma criativa, utilizando diferentes métodos e abordagens para promover uma compreensão mais profunda dos conceitos discutidos durante a eletiva.

E, finalmente, a apresentação desse trabalho, que é de grande importância, é o resultado de um projeto cuidadosamente elaborado e moldado desde o início. Cada detalhe foi meticulosamente planejado e desenvolvido, começando com a seleção dos temas mais adequados para o grupo de estudantes específico.

A eletiva foi estruturada com um tema inicial para identificar como abordar os próximos tópicos de acordo com o perfil da turma. Entre 2021 e 2023.1, observou-se uma evolução nos temas abordados, refletindo a diversidade e as necessidades dos educandos de cada período.

Para a turma de 2023.1, caracterizada por sua dinâmica, questionadora e criativa, os temas foram ajustados para atender a esse perfil distinto. A adaptação dos temas e a flexibilidade na abordagem permitiram um envolvimento mais profundo e significativo dos estudantes, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais rico e interativo.

Assim, a eletiva não apenas cumpriu seu papel de promover a conscientização sobre gênero, mas também se adaptou às mudanças e desafios enfrentados durante os anos pandêmicos, mostrando a importância da flexibilidade e da adaptação no processo educativo.



Figura 15 – Apresentando os trabalhos parte 1.



Figura 16 – Apresentando os trabalhos parte 2.



Figura 17 – Apresentando os trabalhos parte 3.

4 ANALISANDO A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O Capítulo 4 abordará como a desinformação proveniente do ambiente familiar e da comunicação pode impactar negativamente as relações sociais de gênero no contexto educacional. Explorar-se-á também como a informação pode desmitificar e desafiar paradigmas relacionados ao conceito de gênero. Em particular, será discutido como a implementação de uma eletiva no ensino básico, com o objetivo de informar os estudantes sobre a construção social de gênero, contribuiu para uma melhoria nas relações dos estudantes com as diferenças dentro do ambiente escolar.

Os estudantes que optaram por esta eletiva como parte de sua carga horária obrigatória demonstraram preocupações e iniciativas significativas para compreender aspectos que impactam sua trajetória durante o desenvolvimento juvenil. Este capítulo visa analisar os resultados da intervenção por meio de diversos instrumentos: questionários aplicados antes e após a conclusão da eletiva, debates realizados em cada aula e os trabalhos produzidos pelos alunos. A observação dessas atividades ilustra a relevância do estudo de gênero durante os anos escolares em que os alunos estão na transição da adolescência para a fase de jovem adulto. Durante essa fase, os estudantes são introduzidos na sociedade com a expectativa de atuar como adultos, enfrentando retaliações significativas relacionadas à violência, tanto a praticada quanto a recebida, muitas vezes sem reconhecer essas situações. Enquanto adolescentes, eles têm a oportunidade de errar e corrigir seus erros enquanto aprendem. No entanto, na fase adulta, as ações podem ser julgadas e penalizadas com consequências mais severas.

Através dos estudos de gênero, é possível implementar intervenções preventivas contra a violência direcionada a mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e outras minorias. A educação desempenha um papel crucial ao evidenciar que a violência é um obstáculo para o desenvolvimento social do indivíduo e que o respeito mútuo é essencial em uma sociedade educada.

A eletiva 2023.2 contou com a participação de 25 alunos do 2º ano do Ensino Médio, em um contexto de introdução do Novo Ensino Médio. Este capítulo examina como os estudantes se percebem como integrantes do desenvolvimento sociocultural da sociedade em que estão inseridos. Todas as aulas foram gravadas e as falas dos alunos foram analisadas durante a elaboração deste trabalho. A captação das imagens dos adolescentes foi autorizada pelos pais;

entretanto, para garantir a proteção dos alunos e o anonimato da escola, os rostos dos participantes foram ocultados.

Neste capítulo, serão abordadas as aulas que se destacaram pela dinâmica do debate e pelo impacto significativo que tiveram na aplicação do conteúdo. Em vez de descrever todas as 10 aulas, o foco será nas sessões que mais contribuíram para a vivência do conteúdo fora da sala de aula e que tiveram maior relevância na relação entre a escola e o cotidiano dos alunos.

Os dados apresentados foram coletados para avaliar a compreensão dos alunos sobre o tema da eletiva, tanto no início quanto ao final do curso. A eletiva foi concluída com a produção de um documentário, uma escolha realizada pelos próprios alunos.

4.1 Do que Entendemos e Compreendemos Sobre o que É Gênero: Falas dos Estudantes da Escola Pesquisada

Na aula intitulada "O que é gênero e sexualidade?", foi conduzido um debate no qual os alunos foram convidados a explorar os conceitos de gênero e sexualidade a partir das perspectivas biológica e social. Os alunos chegaram a um consenso de que, sob a perspectiva biológica, o gênero pode ser identificado através da genitália e dos cromossomos (XX para mulheres e XY para homens).

Para ilustrar a complexidade do conceito de gênero além da biologia, apresentei o caso de Maria Patiño, uma atleta olímpica cuja vida foi drasticamente alterada por um exame de determinação de sexo realizado em 1988. O exame revelou que Patiño possuía o cromossomo Y, o que levou à conclusão de que ela deveria ser classificada como homem, apesar de sua aparência física e características externas serem femininas. Posteriormente, descobriu-se que Patiño era, na verdade, intersexo. Este caso levantou questões importantes sobre a definição de identidade e a influência dos determinantes biológicos na concepção do gênero.

“...depois da raspagem, recebeu um chamado. Alguma coisa não dera certo. Ela voltou para um segundo exame, mas os médicos ficaram em silêncio. Então, quando se dirigia ao estádio olímpico para começar sua primeira corrida, os funcionários de pista deram a notícia: ela tinha sido reprovada no teste de sexo. Ela podia parecer mulher, tinha a força de uma mulher e nunca tivera razão para suspeitar que não fosse mulher, mas o exame revelara que as células de Patiño continham um cromossomo Y e que seus lábios

ocultavam testículos. Além disso, ela não tinha nem ovários nem útero”. (FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo, 2002. p.11).

A partir da história de Maria Patiño, os educandos começaram a questionar se o gênero ao qual pertencemos é realmente determinado pela ciência. O caso de Patiño, que foi classificada como mulher com base em suas características físicas, mas que possuía o cromossomo Y e foi posteriormente identificada como intersexo, levou os alunos a refletirem sobre a adequação dos critérios científicos para a determinação do gênero. Esse questionamento levantou a discussão sobre como avaliar e julgar alguém que nasce com características intersexuais, desafiando a ideia de que o gênero pode ser rigidamente definido apenas pela biologia.



Figura 19 – Aula 1.

Nesse momento, os educandos começaram a expressar frases que revelavam suas confusões sobre os conceitos de gênero e sexualidade. Esse debate foi crucial para questionar e desconstruir paradigmas estabelecidos pela instituição familiar e pela sociedade, os quais esses jovens haviam internalizado como verdades absolutas. A discussão fomentou uma reflexão crítica, desafiando noções preconceituosas e promovendo uma compreensão mais nuançada e inclusiva sobre identidade de gênero e sexualidade.

Durante o debate, os alunos expressaram várias reflexões significativas sobre gênero e sexualidade. Algumas declarações foram particularmente notáveis:

Aluno X: “Professora, então quem é hermafrodita deveria escolher a partir de seu desejo e não do que a ciência diz sobre o sexo que está mais evidente. ”

Aluno Y: “Professora, então a pessoa tem que viver desse jeito, sem que a sua vontade seja respeitada. ”

Aluno Z: “Deviam pensar nos direitos das pessoas de serem o que querem. ”

Essas observações evoluíram para discussões profundas, culminando na compreensão de que sexualidade e gênero, embora distintos, são interligados na esfera social. A declaração que mais se destacou durante o debate foi do aluno A, que afirmou: “Gênero, pelo que eu entendi, é a escolha que cada um faz sobre si mesmo, e acho que devemos nos aceitar e os outros devem simplesmente respeitar, pois a escolha de uma pessoa não fere ninguém. ”

Para aprofundar a discussão, introduzi a frase de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 2014). Solicitei aos alunos que interpretassem essa citação à luz do que haviam debatido e compreendido sobre o conceito de gênero no contexto social.

O debate se intensificou com contribuições significativas dos alunos, incluindo observações como: “Então, quer dizer que a mulher só possui essas características porque alguém determinou que deveria ser assim? ” Outra frase notável foi: “Isso me lembra daquela frase, professora: menino usa azul e menina usa rosa. Parece que foram as pessoas que decidiram quais cores cada gênero deve usar. Quem acredita nisso realmente pensa que gênero se diferencia pela cor, e eu não acho que seja assim. ”

Essas observações destacaram a relevância de apresentar realidades e histórias concretas para modificar a percepção dos alunos, evidenciando a importância da informação e da prova empírica na compreensão das complexidades do mundo e das normas sociais vigentes.

À medida que avançavam as aulas, observou-se uma transformação contínua no pensamento dos alunos sobre o respeito e as lutas enfrentadas pelos gêneros menos favorecidos, especialmente em termos de voz e ação na sociedade. As aulas passaram a adotar uma abordagem mais preventiva e informativa, indo além da mera compreensão dos conceitos de gênero e sexualidade. Os estudantes demonstraram um engajamento que excedeu as expectativas. Os dados das falas dos estudantes se encontram no anexo II deste trabalho.

Um exemplo marcante dessa evolução foi a aula intitulada "A minha voz é um instrumento de luta?", na qual a sala foi dividida em grupos. Cada grupo foi incumbido de selecionar uma música que representasse as lutas feministas e LGBTQIAPN+, e elaborar um relatório explicando a escolha da música. Este exercício proporcionou um momento significativo de aprendizado e reconhecimento das lutas enfrentadas pelas minorias em relação às questões de gênero.

Na aula mencionada, os grupos apresentaram as músicas escolhidas, destacando duas delas devido à relevância dos *insights* que proporcionaram. A música "Triste, Louca ou Má" da banda Francisco, El Hombre, foi interpretada por um grupo de alunas que identificaram na letra uma crítica ao patriarcado e às suas expectativas em relação às mulheres. M., uma das participantes, expressou uma observação significativa:

“Professora, nessa música, vemos o patriarcado e o machismo desde a época das nossas avós até os dias de hoje. Antigamente, as mulheres viviam apenas para a casa, os filhos e o marido. Hoje, mesmo com a liberdade de estudar e trabalhar, ainda somos sobrecarregadas. Se não tivermos filhos, somos chamadas de mulheres vazias; se optarmos por não casar, somos vistas como 'titias'. E mesmo quando casamos e trabalhamos, somos criticadas por deixar a casa suja, os filhos mal cuidados e o marido com necessidades não atendidas. As mulheres nunca têm um momento de sossego.” Relato documentado em vídeo e transcrito.

Esse desabafo revelou a profunda frustração e a carga constante enfrentada pelas mulheres na atualidade.

Outra apresentação notável foi a da música "Homem com H" de Ney Matogrosso, escolhida por um grupo de meninos heterossexuais que inicialmente demonstraram resistência a gêneros não normativos. O grupo não apenas apresentou a música, mas também a dançou, o que foi um ato de reflexão sobre os conceitos discutidos. Em resposta ao questionamento sobre sua escolha e a dança, os alunos explicaram:

“Escolhemos essa música porque ela ilustra o quanto é difícil ser homem em uma sociedade machista e patriarcal. A sociedade muitas vezes define o que significa ser homem apenas pelo 'H' de Homem, mas percebemos que isso não é verdade. Entender e aceitar quem somos, independentemente do gênero, é muito importante. Dançamos a música para mostrar que não somos menos homens por nos envolvermos com colegas e suas diversas escolhas de gênero.” Relato documentado em vídeo e transcrito.

Essas apresentações e discussões evidenciam a importância da informação e da desconstrução de dogmas prejudiciais para a convivência humana. A reflexão e o diálogo promovidos pela eletiva ajudaram a ampliar a compreensão dos alunos sobre as complexidades dos gêneros e das expectativas sociais.

A aula sobre a representatividade da voz destacou a relevância de se manifestar para sobreviver em uma sociedade que muitas vezes marginaliza e silencia aqueles que se desviam das normas de gênero predominantes. Avaliar e compreender as experiências e sentimentos dos indivíduos transcende o conhecimento pessoal, rompendo com os dogmas da instituição familiar que frequentemente perpetuam a violência contra o que é considerado diferente.

Essa análise permite observar que os jovens estão começando a reconhecer e respeitar as escolhas de gênero dos outros como algo natural e legítimo. Eles estão aprendendo que a voz do outro é essencial para as discussões sobre direitos à vida e deve ser valorizada. Este processo evidencia a importância de integrar o estudo de gênero no ambiente educacional, como a escola, para promover uma compreensão mais inclusiva e respeitosa das diversidades de gênero.



Figura 21 – Apresentação da música.

A seguir, abordaremos a aula intitulada “Quem disse o que eu devo usar: a performance do corpo”. Esta aula explora como a performance do corpo pode ser classificada em relação ao gênero e à sexualidade. Durante as discussões, foram selecionados relatos específicos para ilustrar como, através do conhecimento, da crítica e da busca de informação, o indivíduo se torna um ser questionador. Esses relatos evidenciam a capacidade de questionar normas estabelecidas e alterar sua percepção do mundo nas relações interpessoais.



Figura 22 – Debate sobre vestimenta.

Durante a aula intitulada “Quem disse o que eu devo usar: a performance do corpo”, foram discutidas questões relativas à vestimenta e à sua associação com o gênero, abordando como a sociedade impõe determinadas normas para cada gênero, como o uso de blusas, calças, saias e vestidos. Os estudantes observaram que, atualmente, a disponibilidade de roupas unissex oferece maior liberdade em relação às escolhas de vestuário.

O debate revelou a importância de expressar a identidade pessoal através das roupas que se usa, destacando que muitas meninas optam por vestimentas tradicionalmente femininas, enquanto os rapazes seguem a mesma tendência com roupas masculinas. Durante as discussões, surgiram questões como: “Por que no Brasil o uso de saia é associado exclusivamente ao gênero feminino, enquanto em outros lugares, como na Escócia e em algumas tribos originárias brasileiras, tanto homens quanto mulheres usam saias?” Esta questão estimulou uma reflexão sobre o conceito de cultura e como ela pode transformar uma sociedade ao longo de seu desenvolvimento global. A discussão enfatizou a ideia de que as normas culturais variam significativamente entre diferentes contextos e períodos históricos.

As demais aulas da eletiva também foram significativas e acolhedoras, embora as discussões tenham apresentado semelhanças nas temáticas abordadas. Cada aula complementou as anteriores, ampliando os questionamentos sobre a sociedade em que os estudantes vivem. A informação transmitida em cada sessão forneceu uma perspectiva sobre a realidade cotidiana de indivíduos que enfrentam violência devido ao seu gênero e sexualidade. Observou-se, ao longo das aulas, um progresso no conhecimento dos alunos sobre suas próprias identidades de gênero e sexualidade.

Ao final da eletiva, muitos estudantes relataram, em seus depoimentos finais (anexoII), que passaram a se entender melhor em relação ao seu gênero e sexualidade. Esse processo de autoconhecimento permitiu que se relacionassem com outras pessoas de maneira mais positiva e construtiva.

Durante as aulas, os alunos levantaram questões sobre como melhorar a sociedade e promover uma cultura de respeito entre indivíduos. Inicialmente, buscaram estratégias para fazer com que as pessoas aceitassem suas escolhas. No entanto, ao longo do curso, suas perguntas evoluíram para refletir sobre como aceitar e respeitar a si mesmos em uma sociedade e cultura que frequentemente não os aceita.

Essa dinâmica está alinhada com o pensamento da escritora e professora bell hooks, conforme descrito em seu trabalho *Ensinando a Transgredir*. Hooks argumenta que devemos constantemente aprimorar nossas práticas de ensino e aprendizagem, pois o mundo e as pessoas estão em constante mudança. Construir uma educação acolhedora e informativa tem o potencial de transformar uma geração de maneira significativa. Oferecer novos olhares e acolher os estudantes no ambiente escolar nos posiciona como educadores humanizados e sensíveis à realidade diária dos alunos.

4.2 Analisando o Questionário: Início da Eletiva e o Fechamento da Eletiva

O questionário apresentado foi elaborado pela autora com o objetivo de coletar dados sobre os estudantes que participaram da eletiva de 2023.2 sobre estudo de gênero. A análise e apresentação dos resultados incluirão informações sobre a idade dos alunos e suas opiniões sobre o conceito de gênero, antes e após a conclusão da eletiva. Esse questionário se encontra no apêndice C.

A eletiva contou com a participação de 25 estudantes, que incluíam indivíduos transgêneros, cisgêneros masculinos e femininos, pessoas não-binárias e de gênero neutro, entre outros. O questionário foi estruturado para captar uma visão abrangente e diversa das percepções dos alunos.

Os dados serão apresentados de forma gráfica, com gráficos estatísticos que ilustram a mudança nas percepções dos alunos sobre gênero ao longo do curso. A comparação entre as

respostas iniciais e finais permitirá visualizar de maneira quantitativa como os alunos se percebiam antes e após a eletiva, proporcionando uma análise detalhada das transformações ocorridas.

A apresentação dos gráficos será realizada de forma comparativa, ilustrando as mudanças na perspectiva dos alunos em relação às perguntas levantadas. Os gráficos foram elaborados com base nas respostas mais frequentes fornecidas nas respostas abertas do questionário. Esta abordagem permite uma análise detalhada das transformações nas percepções dos alunos sobre o conceito de gênero antes e após a eletiva, evidenciando como o conhecimento e a compreensão dos temas abordados evoluíram ao longo do curso.

A primeira tabela mostra o quantitativo de alunos frequentaram e qual o gênero que mais predominou nessa eletiva, observando que a relação de meninos foi maior que a das meninas, ocasionando discussões mais pontual e acalorada.



Tabela 1 – Quantidade de alunos.

Na tabela seguinte demonstra a idade dos estudantes e se perceber a maioria tem idade de 16 anos, demonstrando a concepção de mundo já formado pela maioria e a caracterização do conceito de gênero como fator de legitimação da forma de tratamento dado entre si.

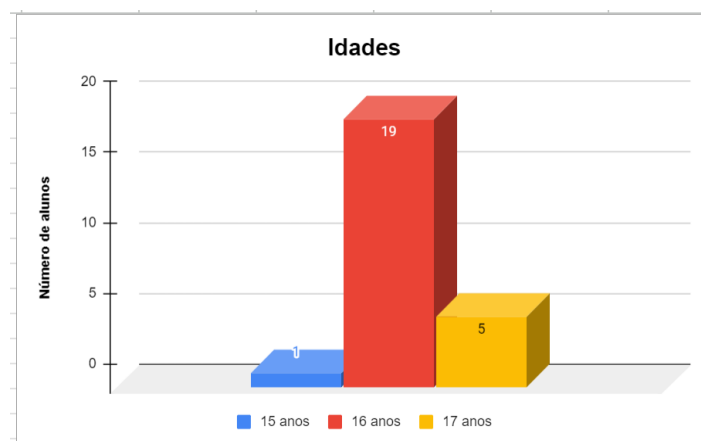


Tabela 2 – Idades dos alunos.

Nas tabelas seguinte, observa-se que, inicialmente, os estudantes demonstravam uma compreensão limitada dos significados dos termos de classificação de gêneros. A análise das respostas iniciais revelou que os alunos não compreendiam plenamente o significado das nomenclaturas. No entanto, após a explicação detalhada dos conceitos e símbolos que ocorreu em sala de aula, houve uma mudança significativa em suas respostas. As tabelas a seguir ilustram os dados comparativos entre as respostas antes e após a explicação dos conceitos aos educandos.

Cada tabela reflete o histórico da compreensão simbólica de cada conceito por parte dos estudantes, conforme observado durante as aulas gravadas e analisadas, e detalhado nos relatos descritos anteriormente.

Os próximos tópicos apresentarão a percepção dos estudantes sobre o gênero a que pertenciam antes e depois da eletiva.

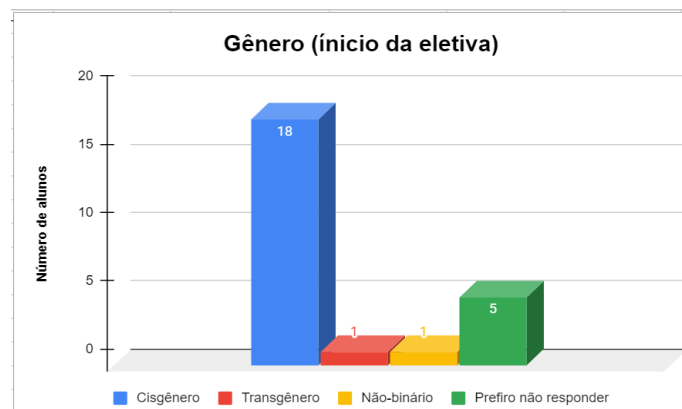


Tabela 3 – Identificação do gênero dos alunos no início da eletiva.

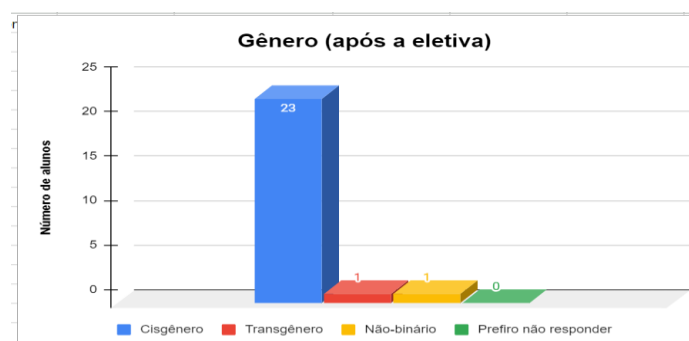


Tabela 4 – Identificação do gênero dos alunos no após a eletiva.

As tabelas 3 e 4 apresentam uma análise comparativa das percepções dos alunos acerca do significado social de gênero e das influências das interações sociais no entendimento dessas questões, antes e após a participação na disciplina eletiva. Na tabela 3, observa-se que, inicialmente, 18 estudantes demonstravam compreensão básica sobre o conceito de gênero e suas nomenclaturas, mesmo antes da introdução formal do conteúdo. Ao final da eletiva, foi aplicado um novo questionário, revelando uma modificação nos resultados e indicando um avanço na compreensão dos alunos sobre o significado social de gênero e suas terminologias.

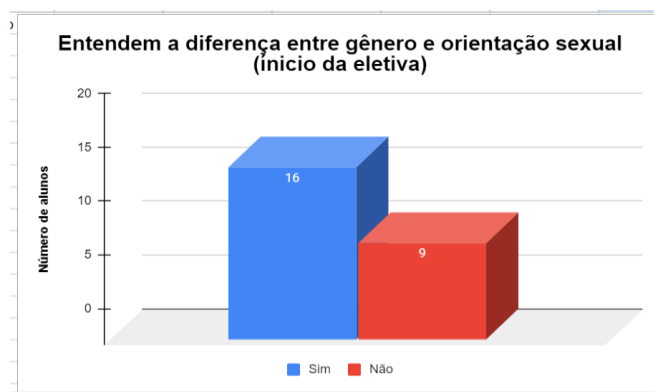


Tabela 5 – Compreensão da diferença entre gênero e orientação sexual (início da eletiva).

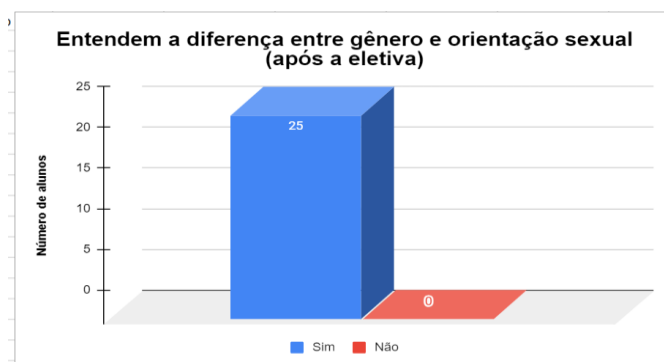


Tabela 6 – Compreensão da diferença entre gênero e orientação sexual (após a eletiva).

As tabelas 5 e 6 apresentam uma análise da percepção dos educandos sobre os conceitos de gênero e orientação sexual. A tabela 5 demonstra que, inicialmente, a maioria dos estudantes compreende a distinção entre esses dois conceitos, conforme evidenciado nas respostas abertas, que indicam a percepção de gênero e orientação sexual como noções distintas. Entretanto, nota-se a presença de alunos que ainda apresentam dificuldades em diferenciar claramente esses conceitos. Na tabela 6, entretanto, observa-se que, após as aulas explicativas sobre gênero e orientação sexual, esses educandos passaram a demonstrar uma compreensão mais aprofunda e clara, evidenciando progresso na internalização dos aspectos conceituais relacionados a gênero e orientação sexual.

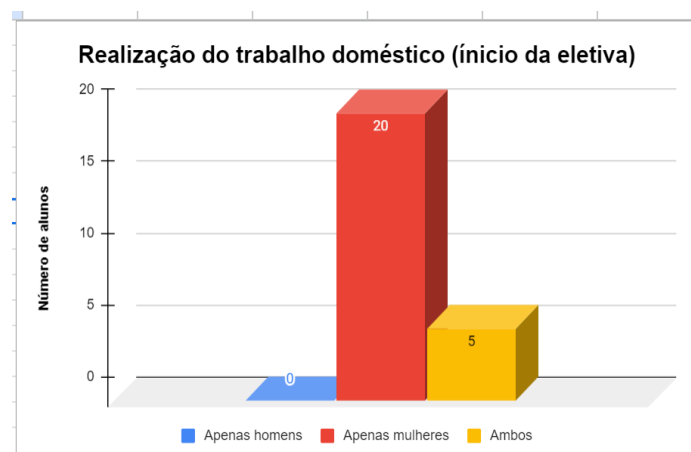


Tabela 7 – Entendimento sobre a realização do trabalho doméstico (início da eletiva).

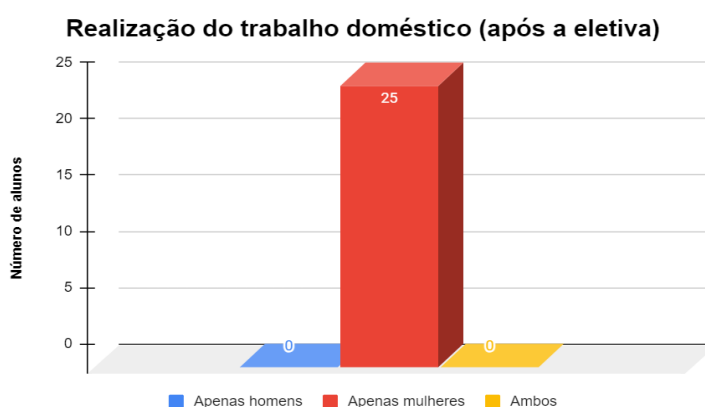


Tabela 8 – Entendimento sobre a realização do trabalho doméstico (após a eletiva).

As tabelas 7 e 8 ilustram as percepções dos educandos sobre a responsabilidade pelo trabalho doméstico, considerando sua perspectiva inicial e após as aulas que abordaram a atribuição de responsabilidades de acordo com o gênero no contexto sociocultural. A questão proposta investigou qual gênero é considerado responsável pelas atividades domésticas na sociedade. Na Tabela 7, observa-se que, inicialmente, havia um consenso entre os alunos de que o trabalho doméstico é uma responsabilidade predominantemente atribuída às mulheres, enquanto os homens não são tradicionalmente associados a essa função. No entanto, após as aulas que discutiram a distribuição de tarefas com base em gênero, a Tabela 8 revela uma mudança na compreensão dos alunos, evidenciando a percepção de que o trabalho doméstico é geralmente associado exclusivamente às mulheres, refletindo as desigualdades de gênero que perpetuam essa divisão.

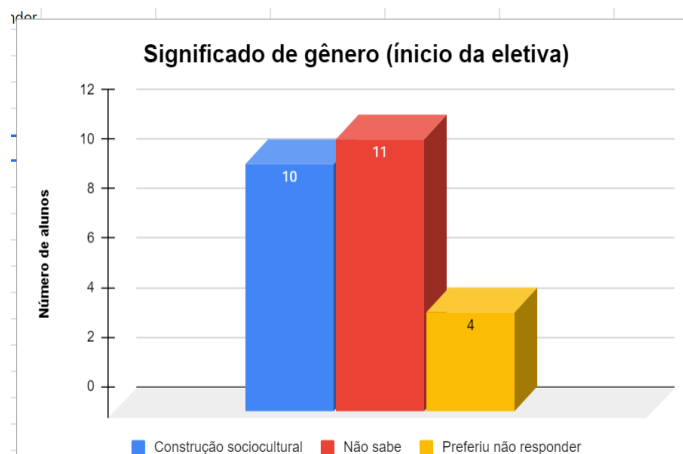


Tabela 9 – Entendimento sobre o significado de gênero (início da eletiva).

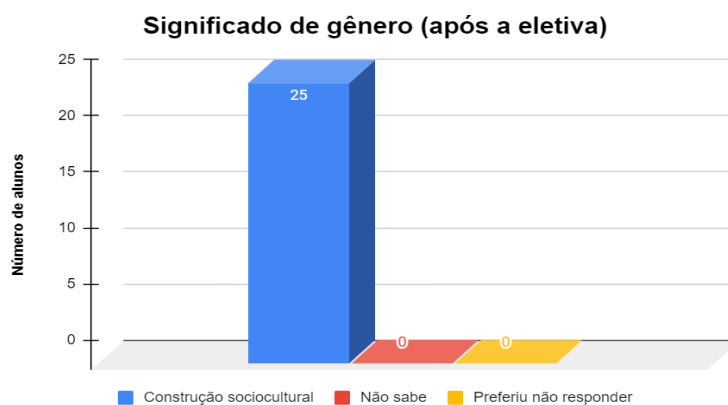


Tabela 10 – Entendimento sobre o significado de gênero (após a eletiva).

As tabelas 9 e 10 analisam a percepção dos educandos sobre o conceito de gênero e como esse entendimento se manifesta em suas interações cotidianas. A Tabela 9 reflete a visão inicial dos estudantes sobre o conceito de gênero, com a maioria indicando desconhecimento sobre o tema. Em contraste, a Tabela 10, elaborada após a exposição aos conteúdos que abordam gênero sob as perspectivas biológica e sociocultural, demonstra uma evolução significativa no entendimento dos alunos, evidenciando que passaram a compreender os significados simbólicos e as implicações do gênero no contexto social.

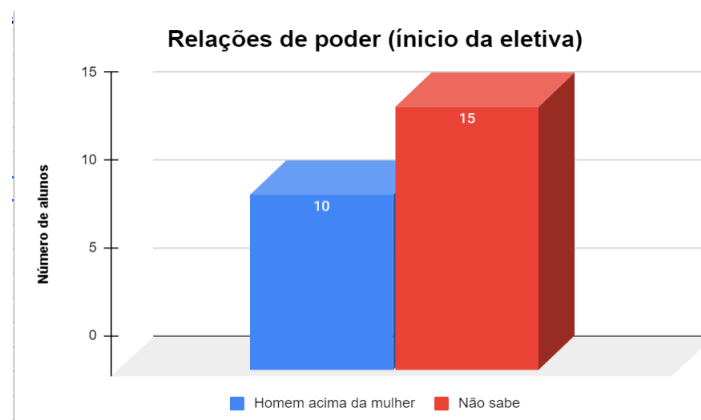


Tabela 11 – Compreensão sobre as relações de poder (início da eletiva).

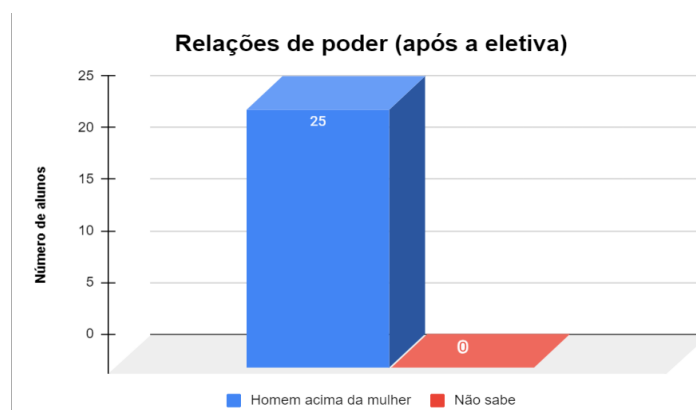


Tabela 12 – Compreensão sobre as relações de poder (após a eletiva).

As Tabelas 11 e 12 apresentam uma análise das percepções dos estudantes sobre as relações de poder no contexto de gênero, destacando como as dinâmicas sociais e culturais influenciam o entendimento dessas relações. A Tabela 11 mostra respostas iniciais que refletem concepções ligadas ao machismo e ao patriarcado, enfatizando a visão tradicional sobre a posição social atribuída à mulher e o que os alunos entendem sobre essa questão. Já a Tabela 12 revela que, após as discussões em aula, os estudantes demonstraram uma compreensão ampliada das relações de poder associadas ao gênero, reconhecendo como a estrutura social influencia a posição da mulher na comunidade e na sociedade.

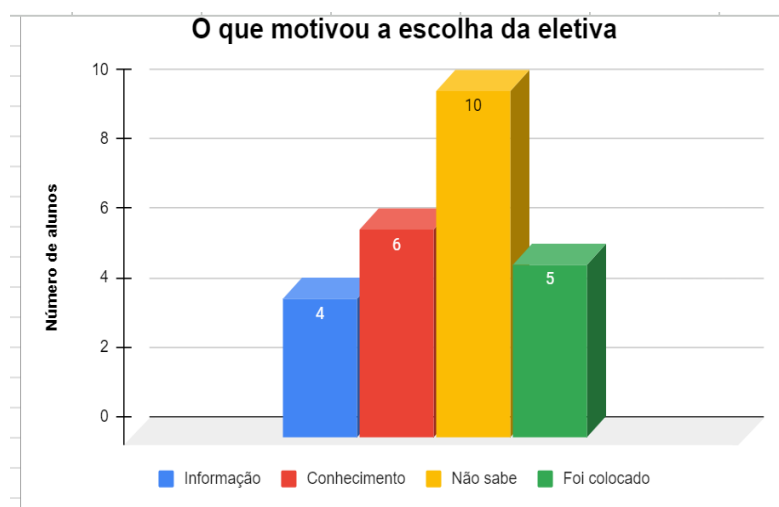


Tabela 13 – Por que escolheram a eletiva?

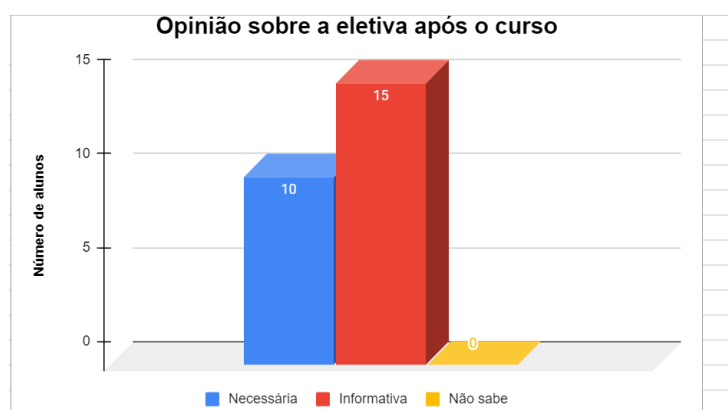


Tabela 14 – O que acharam da eletiva?

As Tabelas 13 e 14 apresentam os resultados referentes à percepção dos educandos sobre os motivos pelos quais escolheram a disciplina eletiva e suas impressões iniciais sobre o conteúdo e a proposta pedagógica. A Tabela 13 revela que, no momento inicial, um contingente significativo de alunos não soube responder claramente as razões de sua escolha pela eletiva, indicando uma possível falta de clareza sobre os objetivos da disciplina. Já a Tabela 14 evidencia uma evolução na compreensão dos educandos sobre o propósito da eletiva, apontando que, ao longo das aulas, os estudantes passaram a identificar aspectos específicos que consideraram relevantes, como a importância dos temas abordados para sua formação pessoal e social.

A análise do entendimento dos estudantes, realizada antes e após a eletiva sobre gênero, enfatiza a importância de informar e conscientizar a geração que está em formação para assumir papéis de adultos na sociedade. A introdução de conceitos como respeito, compreensão, liberdade, e a rejeição à violência baseada em escolhas sexuais e de gênero representa um

avanço significativo para o fortalecimento das relações interpessoais e para a promoção de um ambiente mais inclusivo e acolhedor.

Os gráficos apresentados destacam a importância da informação e da formação na adaptação às novas perspectivas dos indivíduos, no respeito às transformações culturais dos grupos sociais e no reconhecimento da liberdade de escolha de identidade. A visualização desses dados em formatos quantitativos reflete a influência das informações sobre o cotidiano dos indivíduos em uma sociedade marcada por mudanças culturais contínuas, ressaltando como o acesso ao conhecimento impacta as relações interpessoais e a percepção das diversidades identitárias.

A informação atua como uma ferramenta educacional fundamental para desafiar e desconstruir paradigmas perpetuados por grupos resistentes à promoção da inclusão e à melhoria das condições de vida de outros membros da sociedade. A análise de cada pergunta do questionário, comparando as percepções dos estudantes antes e após a eletiva, evidencia o impacto significativo das discussões e aprendizagens na evolução pessoal e interpessoal dos alunos. Esses resultados destacam como a eletiva contribuiu para ampliar a compreensão e o respeito às diversidades, promovendo um ambiente mais inclusivo e reflexivo no contexto escolar.

5 A IMPORTÂNCIA SOCIOCULTURAL DO PROJETO NA ESCOLA PESQUISADA

O Capítulo 5 examinará as características do entorno da escola, focando na comunidade em que ela está inserida. Este capítulo buscará compreender as atitudes dos estudantes em relação ao tratamento das relações de gênero, com especial atenção à representação e ao tratamento dos alunos e alunas LGBTQI+.

A análise revelará uma comunidade escolar que, ao mesmo tempo em que é eclética, apresenta desafios significativos no que diz respeito ao tratamento das pessoas que não se conformam com os padrões normativos de gênero estabelecidos pela sociedade. Serão investigadas as dinâmicas sociais e as percepções dos alunos sobre gênero e sexualidade, evidenciando as complexidades e as problemáticas enfrentadas por esses indivíduos no ambiente escolar e na comunidade em geral.

O capítulo destacará como essas atitudes e comportamentos refletem as normas sociais mais amplas e como a escola pode atuar para promover um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

5.1 Como é a Comunidade Entorno da Escola

Os dados apresentados neste capítulo foram extraídos de fontes disponíveis nos sites da Prefeitura de Recife e dos censos realizados em 2010. A escola em questão está localizada no bairro Brasília Teimosa, situado na zona sul do Recife. Este bairro, originalmente uma colônia de pescadores, passou a se caracterizar como uma área urbana devido a uma ocupação iniciada em 1947, conhecida como o Primeiro Areal Novo.

Brasília Teimosa é uma comunidade que tem uma história distinta de resistência e batalha pela preservação do seu espaço. Grandes empresas e pequenas empresas enfrentam desafios significativos em desafios na região, como conflitos territoriais. Essa a dinâmica de ocupação e resistência moldou a identidade da comunidade, identidade que influencia as relações sociais e a forma como as questões de gênero são tratadas no bairro.

Este capítulo discutirá como essas características históricas e sociais afetam o ambiente educacional e como os alunos — especialmente aqueles que se identificam como LGBTQI+ — são tratados e representados.

Os dados empregados na análise da dinâmica de representação quantitativa da pesquisa foram extraídos do censo realizado em 2010 pela Prefeitura do Recife.

Brasília Teimosa

Localização: RPA: 6, Microrregião: 6.1, Distância do Marco Zero (km)¹: 2,33

Área Territorial (hectare)²: 61

População Residente: 18.334 habitantes

População por sexo		%
Masculina	8.571	46,75
Feminina	9.773	53,25

Figura 3 – Censo.

Fonte: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/brasil-teimosa>.

De acordo com o censo de 2010, a comunidade de Brasília Teimosa apresenta uma prevalência de mulheres em comparação com homens, indicando que muitas das unidades familiares na região são lideradas por mulheres. Esta informação é relevante para compreender a dinâmica familiar e o papel predominante das mulheres na estrutura familiar local.

No contexto de apoio social, o bairro abriga o Centro de Mulher Pernambucana Júlia Santiago, uma instituição voltada para a assistência e proteção de mulheres em situação de risco. O centro realiza ações preventivas contra a violência, atendendo mulheres, crianças, adolescentes e pessoas LGBTQIA+. Este centro é crucial para o suporte e a promoção da segurança e dos direitos dos grupos vulneráveis na comunidade.

Embora a comunidade enfrente desafios típicos de áreas periféricas, ela demonstra um compromisso contínuo em melhorar suas condições internas e promover o bem-estar dos seus residentes. A área é servida por várias instituições educacionais, incluindo escolas de ensino fundamental e médio, e passou por transformações significativas, como a conversão de uma Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) em Escola Técnica Estadual (ETE).

Brasília Teimosa se destaca na história de Recife devido à sua resistência e luta por educação e cultura popular. A força do conselho de moradores e o engajamento da comunidade evidenciam a importância do bairro como um espaço de resistência e avanço social, refletindo um esforço coletivo para enfrentar desafios e fomentar a melhoria das condições educacionais e sociais.

5.2 Características da Comunidade Escolar da Instituição Educacional Trabalhada

O ambiente escolar é composto por um corpo docente com características variadas, refletindo uma ampla gama de idades e experiências. Na escola em questão, o grupo docente é composto por um total de 22 professores, incluindo tanto contratados quanto efetivos. Este grupo é diversificado em termos de faixa etária, abrangendo desde jovens adultos (27 a 30 anos) até profissionais da terceira idade (60 a 65 anos). Por questões de confidencialidade, não serão apresentados os números exatos referentes a cada faixa etária.

A maioria dos professores possui formação nas áreas de Ciências da Natureza e Linguagem, enquanto a representação de professores das Ciências Humanas é menor. Essa diferença na formação acadêmica reflete, em parte, as abordagens e perspectivas diversas sobre o tratamento de questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Observou-se que alguns professores, particularmente aqueles da faixa etária mais avançada, enfrentam dificuldades significativas em reconhecer e respeitar o nome social dos estudantes, bem como as suas escolhas de gênero e sexualidade. Em casos em que os alunos haviam formalmente adotado nomes sociais com a devida autorização dos pais, houve episódios de desrespeito, com os estudantes sendo chamados pelo nome civil em vez do nome social. Esta situação revela a necessidade de formação contínua e sensibilização dos docentes sobre questões de gênero e respeito à identidade dos alunos, para promover um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso.

No entanto, os professores mais jovens mostraram uma atitude mais receptiva em relação ao uso dos nomes sociais solicitados pelos alunos. No entanto, alguns desses professores expressaram receios quanto a possíveis repercussões legais, caso os pais dos alunos não tivessem autorizado formalmente o uso do nome social. Como resultado, muitos optaram por utilizar apenas o sobrenome dos alunos, com o objetivo de evitar possíveis conflitos legais e administrativos.

Embora essa abordagem tenha sido motivada por intenções de precaução, ela acabou perpetuando o constrangimento dos alunos e a invisibilidade de suas lutas por reconhecimento e respeito. A hesitação dos docentes em adotar plenamente o nome social solicitado pelos

alunos evidencia a necessidade urgente de diretrizes mais claras e de um suporte institucional robusto. É crucial que se estabeleçam políticas e práticas que assegurem que todos os alunos sejam tratados de maneira equitativa e respeitosa, em conformidade com sua identidade de gênero e escolhas pessoais.

5.3 Núcleo de Estudo de Gênero (NEG): Só É para Estudantes?

O projeto Núcleo de Estudo sobre Gênero foi concebido com o objetivo de promover a conscientização dos estudantes acerca das questões de gênero. Contudo, o impacto desejado vai além do público primário, que são os alunos em ambiente escolar, e busca também alcançar o público secundário, ou seja, aqueles que já se encontram fora do sistema educacional formal há algum tempo. A proposta da eletiva é criar um ambiente que não apenas atenda às necessidades dos estudantes atuais, mas também tenha o potencial de influenciar e transformar a perspectiva das gerações que não estão mais inseridas no contexto escolar, incluindo aqueles que não ingressaram no ensino superior.

Este segmento do capítulo foi elaborado com a intenção de refletir sobre estratégias eficazes para atingir essas gerações fora do ambiente escolar. A mudança cultural necessária para combater a violência de gênero e promover o respeito pela diversidade não deve se limitar ao espaço acadêmico. Assim, torna-se imperativo desenvolver abordagens que permitam estender o alcance das iniciativas educacionais para além das paredes das instituições de ensino, a fim de promover a transformação social e a preservação da vida através da mudança de atitudes em relação à violência de gênero.

A introdução de consciência sobre a promoção da paz e o respeito entre as pessoas deve ser realizada de maneira gradual dentro da comunidade. A proposta da eletiva é fomentar um ciclo de aprendizado onde os estudantes, ao absorverem os conceitos sobre respeito e igualdade, possam transmitir esse conhecimento para suas famílias. Contudo, a implementação desse ciclo enfrenta desafios significativos, especialmente considerando que a cultura brasileira frequentemente adota uma abordagem educacional parental que não valoriza a voz das crianças e adolescentes.

Enquanto a escola procura evidenciar o papel transformador dos jovens como agentes de mudança social, a sociedade muitas vezes contradiz esse princípio ao não reconhecer a importância da escuta ativa dos jovens. Promover a participação dos jovens não deve ser

confundido com permissividade, mas deve ser compreendido como um meio de incentivá-los a ser ouvidos e, ao mesmo tempo, a ouvir e respeitar os outros. Esse processo de dar voz aos jovens é crucial para construir uma cultura de respeito e igualdade, contribuindo assim para uma transformação social mais ampla.

O Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) foi desenvolvido com o objetivo de ser aplicado no ambiente educacional, proporcionando conhecimentos e reflexões sobre questões de gênero. No entanto, esse modelo pode ser adaptado para atender às necessidades específicas das populações nas quais é implementado. A adaptação envolve a construção de mecanismos colaborativos com os grupos comunitários para promover a paz e a convivência social harmoniosa em suas comunidades e bairros.

A flexibilidade do Núcleo de Estudo de Gênero (NEG) permite que ele seja ajustado conforme as características e demandas locais, facilitando a integração dos princípios de igualdade e respeito no cotidiano da comunidade. Essa abordagem não só contribui para a formação de uma cultura de paz, mas também fortalece o engajamento comunitário na promoção de mudanças sociais significativas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desta intervenção pedagógica, no formato de uma eletiva, foi criar um ambiente relaxado e educacional para informar os alunos e desafiar paradigmas estabelecidos ao longo dos anos sobre o estudo de gênero. O objetivo era demonstrar que o estudo de um tema relevante para a construção social e biológica dos indivíduos pode promover uma maior consciência sobre as relações coletivas. A eletiva buscou resgatar e atualizar conceitos que, embora já conhecidos, necessitavam de uma abordagem renovada devido às transformações sociais e culturais que ocorreram ao longo do tempo.

O estudo de gênero revelou que muitas portas, antes fechadas ou obscurecidas, puderam ser abertas, modificadas e esclarecidas durante o processo educacional. Ao proporcionar um espaço para a reflexão e o debate, a eletiva permitiu que os estudantes desenvolvessem uma percepção mais crítica e informada sobre questões de gênero. Cada aluno teve a oportunidade de buscar respostas para suas perguntas, alcançando um entendimento mais profundo sobre o tema.

Dessa forma, a eletiva atingiu seu objetivo inicial de transmitir conhecimento sobre gênero e promover uma maior compreensão entre os estudantes. O processo educativo mostrou-se eficaz em fornecer as ferramentas necessárias para a construção de uma consciência crítica e respeitosa em relação às questões de gênero, refletindo uma possibilidade da intervenção pedagógica ter sido produzida.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.
- ANDRADE, Carolina Riente de, BARROS, Amon Narciso de. **Gênero e Educação: delimitação de espaços e construção de estereótipos**. CONTRAPONTO – Volume 9 nº 2 – pp. 90 - 103 - Itajaí, mai/ago, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. ed.4, 1970.
- BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção primeiros passos: 328.
- BUTLER, Judith. **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. Feminismo como crítica da modernidade: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher**, 1987.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. ed.1. 2018.
- BRETON, David L.A. **Sociologia do Corpo**. 2.ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000
- CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2003.
- CORRÊA, Mariza. **Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal**. cadernos pagu, p. 13-30, 2001.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista brasileira de educação, p. 40-52, 2003.
- DE ALMEIDA, Jane Soares. **As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade**. Série-Estudos-Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, 2011.
- DUPIM, Priscila Nazaré Miranda, TAVARAYAMA, Rodrigo. **A importância da antropologia cultural para a prática pedagógica e formação da identidade da criança: estudo de caso em uma escola de educação infantil**. NucZleus, v.16, n.2, out. 2019.
- FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. cadernos, p. 9-79, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade, volumes I, II e III**. 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1971.
- GREENSON, R. R. **A transvestite boy and a hypothesis**. *International Journal of Psychoanalysis*. v. 47, p. 396-403. 1966.
- GREENSON, Ralph. **Des-identificação em relação à mãe: sua especial importância para o menino**. In: Breen, Dana (org.). **O enigma dos sexos**. p. 263-269. Rio de Janeiro: Imago. 1998.

HEILBORN, Maria Luiza; RODRIGUES, Carla. **Gênero: breve história de um conceito. APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 20, 2018.

HOOKS, Bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo, RIBEIRO, Paulo de Carvalho Ribeiro. **Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero**. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 30, n.3, p. 409 – 425, set-dez/2018.

LEAL, Nathalia Costa et al. **A questão de gênero no contexto escolar**. *LEOPOLDIANUM*, v. 43, n. 121, p. 95-104, 2017.

LIMA, Tatiane. **Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior**. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, p. 70-87, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Emile. **Ciertas formas primitivas de clasificación. Institución y Culto. Obras II**, 1971.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986

MONEY, John. **Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: psychologic findings**. 1955.

MONEY, John. **Gender role, gender identity, core gender identity: usage and definition of terms**. *J. Am. Acad. Psychoanal*, 1973.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram**. 2008. Disponível em: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=161&cod_boletim=9&tipo=Artigo Acesso em: 26 abr. 2023.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. *Educação & Sociedade*, v. 23, p. 15-35, 2002.

ORSATO, Andréia; FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Relações de gênero no ensino de sociologia do IFSul**. *Retratos da Escola*, v. 12, n. 22, p. 87-99, 2018.

PERNAMBUCO. **Envio de Relatório referente aos trabalhos da Secretaria da Mulher para o Enfrentamento da Violência Contra a Mulher.** 2012.

PROVENZI, Júlia. **Ausência da perspectiva transgênero na educação reforça preconceito contra população LGBTQIA+.** 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ausencia-da-perspectiva-transgenero-na-educacao-reforca-preconceito-contra-populacao-lgbtqia/> Acesso em 20 jan. 2023.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.** In: Revista de educação e Realidade n. 2;v. 15. Porto Alegre (5-22), 1990.

SECRETARIA DA MULHER. Disponível em: <http://www2.secmulher.pe.gov.br/web/secretaria-da-mulher/instituicao#:~:text=A%20SecMulher%2DPE%20foi%20criada,denomina%C3%A7%C3%A3o%20de%20Secretaria%20da%20Mulher.> Acesso: 20 de Dezembro de 2023.

SECRETARIA DA MULHER DO GOVERNO DE PERNAMBUCO 8 de março – **Anuário da Secretaria da Mulher – Ano 11: 10 anos de políticas públicas para as mulheres em Pernambuco** / Secretaria da Mulher do Governo de Pernambuco– Pernambuco: Secretaria da Mulher do Governo de Pernambuco, 2017. 250 p.

SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL. Disponível em: <https://www.sds.pe.gov.br/noticias/77-geral/7470>. Acesso: 20 de abril de 2024.

SEPULVEDA, Denize. **Gêneros e sexualidades [livro eletrônico] : noções, símbolos e datas** / Denize Sepulveda, Renan Correa e Priscila Freire. — Rio de Janeiro, RJ: Ed. dos Autores, 2021.

SILVA, Silas Veloso de Paula. **Ensino de sociologia em tempos de guerra à “ideologia de gênero” (ou da ideologia de “guerra ao gênero”): caminhos possíveis em meio aos novos campos minados na educação.** 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

SILVA, Tássia Maria Barbosa da; FERREIRA, Aurino Lima. **Era uma Vez Transexuais na Escola: da rejeição à luta.** 2016.

SILVINO, Dariana Maria; HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. **A Importância Da Discussão de Gênero nas Escolas: uma abordagem necessária.** VIII Jornada Nacional de Políticas Públicas. Maranhão, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Benedito Leite de. **A construção do pânico moral sobre a chamada “ideologia de gênero ” nos sites de movimentos cristãos (neo)conservadores.** 2018. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

STOLLER, R. The mother's contribution to infantile transvestic behavior. International Journal of Psychoanalysis, 1966, p. 384-395.

STOLLER, R. A further contribution to the study of gender identity. International Journal of Psychoanalysis, 1968, p. 220-226.

STOLLER, R. A experiência transexual. Rio de Janeiro: Imago. 1982.

STOLLER, R. Masculinidade e Feminilidade: apresentações de gênero. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins. Identidades docentes e relações de gênero. In: Escritos sobre educação, Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira, n.1, dezembro, 2002.

TEIXEIRA, Raniery Parra. “Ideologia de gênero”? as reações à agenda política de igualdade de gênero no Congresso Nacional. 2019.

VIANNA, Cláudia Pereira et al. Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais. 2016.

ZAGANINI, Geralda de Paula. Intervenção Pedagógica nas aulas de sociologia acerca da mulher negra e do racismo no Brasil. 2020.

APÊNDICE A – Produção do plano de aula e sequência didática

Disciplina: Eletiva de estudo de Gênero: um espaço de informação e aprendizado
Professora: Gabriela Aquino
Tempo de aula: 50 minutos
Tema: Gênero
<p>Justificativa: A necessidade de se ter a construção de respeito entre as pessoas e as suas diferenças, com isso ocorre a importância de trabalhar com o estudante o significado real do que é gênero, fugindo do achismo e do pré-conceito por algo que não se conhece.</p> <p>Autores a ser trabalhado para essa temática são: Marília Pinto de Carvalho com o seu trabalho “O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009)”; Anne Fausto-Sterling mostrando a necessidade de enxergar o gênero como um fator social e não só biológico “Dualismos em duelo”, 2002; Luiz Antonio guerra com o seu trabalho “Sexo, gênero e sexualidade”.</p> <p>Concepção da educação: trabalhar a compreensão dos estudantes sobre a construção social do gênero a partir dos indivíduos.</p> <p>Metodologia: uso de produção artística, análise de produção audiovisual sobre o tema trabalhado, debates e produção escrita.</p> <p>Técnica pedagógica: escuta ativa; ouvir o que o educando tem a falar sobre cada tema trabalhado e produzir um material prático sobre o seu entendimento.</p> <p>Concepção de avaliação: Observando como o estudante desconstrói os seus preconceitos e desenvolver o respeito para com outro independente do seu gênero.</p>
Objetivo do Projeto Didático: Analisar como as quebras de paradigmas podem produzir indivíduos produtores de uma sociedade mais consciente das suas ações.
<p>Sequência Didática por aula:</p> <p>Aula 1 e 2</p> <ul style="list-style-type: none"> • Tema: O que é gênero e sexualidade? • Objetivo da aula: Compreender o que é gênero Biológico e Social. • Avaliação Diagnóstica: Desenvolver com educação relações de respeito entre indivíduos e quebras de paradigmas. • Introdução do Tema: A relação de como o conceito de gênero é visto pelos alunos por conta das suas construções sociais em relação à instituição familiar, produzindo educandos com pensamentos e atos desrespeitosos para com indivíduos que não configure a norma do que é gênero para a sua sociedade. Observando eles que a anatomia do corpo biológico nem sempre responde perguntas sobre gênero deixando lacunas sobre o entendimento do ser humano incompleto; observando que as construções socioculturais dos humanos que direciona a sua forma de ser e de entender as transformações e compreendendo o diferente como algo normal se não ferir as leis civis de convivência. • Atividade: Debate e produção de trabalho descritivo demonstrando como o educando entende sobre: o que é gênero? qual seu ponto de vista?; e o que mudou sobre o sentido de gênero depois dessa aula?.

- **Produto:** Demonstrar ao alunado que podemos aprender e desaprender determinados paradigmas.
- **Avaliação:** Trabalhos desenvolvidos através de produção descritiva (oral ou escrita).
- **Materiais:** Papel ofício, cartolina ou papel pautado/almaço.

Referências:

- CARVALHO, Marília Pinto de. O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPEd (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, p. 99-117, 2011.
- FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. cadernos pagu , p. 9-79, 2002.
- GUERRA, Luiz Antonio. Sexo, gênero e sexualidade. **Info Escola**. Disponível em< <https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/>>. Acesso em, v. 21, n. 10, 2019.

Sequência Didática por aula:

Aula 3 e 4

- **Tema:** A influência da sociedade na construção do gênero: quem disse o que era ser mulher e homem?
- **Objetivo da aula:** Analisar como a partir da concepção sociocultural dos indivíduos podemos classificar o que seria homem e mulher; e como essa percepção pode mudar através da compreensão do indivíduo nas relações interpessoais.
- **Avaliação Diagnóstica:** Desenvolver com educação relações de respeito entre indivíduos e quebras de paradigmas.
- **Introdução do Tema:** Os indivíduos tendem a compreender o gênero no primeiro momento a partir das classificações familiar desenvolvida por anos de distinção entre o que é homem e o que é mulher. No momento que os indivíduos começam a interagir com outros grupos sociais e tendem a quebrar seus dogmas adquiridos pela influência familiar fortalecendo preconceitos e desrespeito a tudo que seja novo ou ao contrário daquilo que foi ensinado se compreende como essas crenças e informações são passadas de formas prejudicial ao convívio pacífico entre pessoas. No momento que se obtém conhecimento para poder criticar e construir seus próprios pensamentos, percepção de mundo, o indivíduo pode criar caminhos do qual a violência não tenha passagem e a ignorância seja diminuída nos espaços público e privado da vida das pessoas.
- **Atividade:** Debate e produção de trabalho descritivo demonstrando como o educando entende sobre: Como o gênero é construído?; A partir de que percepção de mundo os gêneros são divididos e classificados?; E como podemos acabar com o preconceito pela diferença?...
- **Produto:** Construindo com o educando formas de interagir com respeito com pessoas diferentes dele.
- **Avaliação:** Trabalhos desenvolvidos através de produção descritiva (oral ou escrita).
- **Materiais:** Papel ofício, cartolina ou papel pautado/almaço.

Referências:

- BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção primeiros passos: 328.
- BRETON, David L.A **Sociologia do Corpo**; 2.ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann.- Petrópolis,RJ: Vozes,2007.
- HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. **São Paulo: WMF Martins Fontes**, 2013.

Sequência Didática por aula:

Aula 5 e 6

- **Tema:** Quem disse o que eu devo usar: a performance do corpo.
- **Objetivo da aula:** Observar junto ao educando como a classificação de como o corpo deve ser reforça as vestimentas. Descrevendo na modelagem daroupa o que deve ser roupa de menina e roupa de menino.
- **Avaliação Diagnóstica:** Analisar como a sociedade foi se desenvolvendo e a necessidade de permanecer no controle do corpo em relação à vestimenta e a forma de gesticular.
- **Introdução do Tema:** A compreensão sobre a forma como usamos as nossas roupas e fazendo a performance corporal retrata dentro da sociedade quem somos na classificação de gênero dentro da comunidade. O menino que anda com o corpo mais solto e gosta de cores quentes como o rosa tende a ser visto como alguém que perdeu a sua origem, ou seja, deixou de ser homem. O mesmo ocorre com as meninas que andam com o corpo mais rígido e preferem cores mais frias como azul, perdem na concepção social a sua feminilidade. A sociedade tende a classificar a vestimenta dizendo que roupa tal é para mulher e roupa tal é para homem, sendo observada através do corte da roupa e até a posição dos botões da blusa. Na blusa masculina os botões ficam do lado direito e no da mulher fica do lado esquerdo, caracterizando a partir da vestimenta e da forma como vai ser abotoado o que é de mulher e o que é de homem. A necessidade de uma sociedade, comunidade e cultura de se afirmar através do seu corpo como se divide o gênero e a sexualidade na sua realidade e verdade, acaba impedindo os indivíduos de se acharem na sua concepção do seu eu.
- **Atividade:** Debate e produção de trabalho descritivo demonstrando como o educando entende sobre: Quem me vestiu?; O que eu gosto e o que me foi imposto? Como devo agir corporalmente para reforçar o meu gênero e sexualidade?.
- **Produto:** Construindo com o educando formas de interagir com respeito com pessoas diferentes dele.
- **Avaliação:** Trabalho feito em grupo e cada grupo descreve o que é na sua concepção roupa de mulher e roupa de homem, e como cada gênero deveria se comportar.
- **Materiais:** DataShow, notebook, papel, quadro branco.

Referências:

- Weil, Pierre. Roland, Tompakow. O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 2015.
- BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**, ed.1.2018.
- De BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**.ed.4, 1970.

Sequência Didática por aula:

Aula 7 e 8

- **Tema:** A minha voz é instrumento de luta?
- **Objetivo da aula:** Identificar a importância de ser escutado e poder lutar por seus direitos.
- **Avaliação Diagnóstica:** Demonstrar aos estudantes o quão importante é as lutas de gênero e movimentos representativos através da voz e das músicas.
- **Introdução do Tema:** Ouvi as reivindicações de um grupo de pessoas que são colocadas à margem da sociedade por conta de suas escolhas, tende ser algo trabalhoso e complexo. O gênero e a sexualidade, por mais que seja regido pela construção cultural e social de um povo, é a partir dele, que as regras e normas adotadas pela comunidade podem ser medidas nas relações sociais que estão sendo desenvolvidas nesse espaço. Dá margem a políticas públicas de inclusão e aceitação das diferenças do outro, construindo nesse ambiente uma solidariedade coletiva e respeito entre indivíduos. Analisamos quanto a música pode ser uma ferramenta de luta por conta da forma como ela toca as pessoas de várias formas, fazendo com que compreenda de forma positiva o significado do direito à vida.
- **Atividade:** A sala foi dividida em grupos e cada grupo deverá trazer uma música que relatasse as lutas contra a violência entre gênero como qualquer movimento em relação aos problemas enfrentados por conta do gênero e da sexualidade.
- **Produto:** Desenvolvendo, com os estudantes, formas de respeitar a fala dos movimentos anti-machista e busca do direito à vida e ao corpo.
- **Avaliação:** Na aula anterior foi pedido que na aula seguinte, que seria essa, que os alunos trouxessem uma música que representasse uma denúncia e/ou demonstrasse as lutas cultural entre gêneros e da sexualidade.
- **Materiais:** Datashow, notebook, som, papel, caneta e quadro

Referências:

- SEPULVEDA, Denize. **Gêneros e sexualidades [livro eletrônico] : noções, símbolos e datas** / Denize Sepulveda, Renan Correa e Priscila Freire. — Rio de Janeiro, RJ: Ed. dos Autores, 2021.
- DOMENICI, Catarina Leite. **A performance musical e o gênero feminino. Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas.** Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 89-109, 2013.

Sequência Didática por aula:

Aula 9 e 10

- **Tema:** Relações de poderes entre os gêneros.
- **Objetivo da aula:** Compreender as relações de poderes que ocorrem dentro da sociedade a partir da dominação de um gênero sobre o outro, e que na maioria das sociedades e a mais comum é o gênero masculino subjugando os demais gêneros existentes dentro da sociedade.
- **Avaliação Diagnóstica:** Construir com os estudantes a reflexão sobre a transformação da sociedade a partir da cultura que determina as ações dos indivíduos em grupo.
- **Introdução do Tema:** Um momento de reflexão sobre as formas culturais que as pessoas tende a obedecer para se adequar a sua comunidade, e a partir de tudo que foi trabalhado em relação de como cada indivíduo tem que agir perante a sociedade de cultura binária, onde só é aceitado dois gêneros como verdadeiros. Como a relação de poder em relação ao subjugar um indivíduo a outro indivíduo, sabendo que pessoas devem ser tratadas de formas iguais independente do gênero e sexualidade.
- **Atividade:** Os alunos foram divididos em grupo e cada grupo levantaria um problema específico que cada gênero enfrenta na sociedade. Grupo 1: pesquisa sobre o homem e a relação ao machismo tóxico; Grupo 2: pesquisa sobre o patriarcado e a mulher; Grupo 3: pesquisa o machismo e a comunidade LGBTQIAPN+; Grupo 4: pesquisa matriarcado versus patriarcado; Grupo 5: pesquisa mulher e o movimento feminista.
- **Produto:** Construir com os educandos uma reflexão sobre a nossa construção sociocultural que nos induz a determinados posicionamentos em relação aos poderes entre gêneros causando problemas de submissão entre indivíduos a partir das relações cotidianas de cada um.
- **Avaliação:** Cada grupo que pesquisou sobre os temas levantados teria que trazer uma reflexão sobre: o que acharam?; como resolveria o problema, caso tenha percebido?; como eles resolvem de forma proativa essas relações dentro da sociedade do qual eles estão inseridos?; como cada um do grupo observou essas relações?.
- **Materiais:** Papéis, cartolina, canetas coloridas, lápis, borrachas, hidrocor, régua e lápis de cor.

Referências:

- BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção primeiros passos: 328.
- FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Revista de Administração Pública, v. 44,p. 367-383, 2010.
- SILVA, Silas Veloso de Paula. **Ensino de sociologia em tempos de guerra à “ideologia de gênero”(ou da ideologia de “guerra ao gênero”): caminhos**

possíveis em meio aos novos campos minados na educação. 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

- **SILVINO, Dariana Maria; HENRIQUE, Tázia Renata Peixoto Godim. A Importância Da Discussão de Gênero nas Escolas: uma abordagem necessária.** VIII Jornada Nacional de Políticas Públicas. Maranhão, 2017

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E SOM

Eu, _____,
nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de
identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº
_____, residente à Av./Rua
_____, nº. _____, município de
_____/Pernambuco. AUTORIZO o uso da imagem do
meu/minha filho(a) _____, em
todo e qualquer material entre imagens de vídeo, fotos e documentos, para serem
utilizados no **Trabalho Final do Curso de Mestrado**, intitulado “**Gênero e Educação**”
e também nas peças de comunicação que será veiculada nos canais do MEC e da
FUNDAJ. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem acima mencionada em todo território nacional, das seguintes formas: (I) home
page; (II) mídia eletrônica (vídeo-tapes, televisão, cinema, entre outros).

Fica ainda **autorizada**, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a
cessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de
remuneração.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima
descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem
ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

_____, dia ____ de _____ de 2023.

(Assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO

Compreensão do que é gênero

1.Nome: _____

2.Idade: _____

3.Qual seu gênero:

☐ cisgênero

☐ Transgênero

☐ Não – binário

☐ Preferi não responder

4. Sem ajuda, explique com as suas palavras qual a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual?

5. Na sua perspectiva como ocorrem a divisão de trabalho no ambiente doméstico em relação ao homem e mulher?

6. Para você, o que significa gênero?

7. Na sua visão o que seria identidade?

8. Você poderia explicar com as suas palavras sobre o que seria relações de poderes?

9. Como você se enxerga em relação ao seu gênero?

Anexo I



COORDENAÇÃO GERAL DE ENSINO MÉDIO E PROFISSIONAL - CGEMP

ESCOLA:

TÍTULO DA ELETIVA: Estudo de Gênero um espaço de aprendizado

Nome e formação do Professor regente:

Professora: Gabriela Brígido de Aquino

Formada em Ciências Sociais – Licenciatura;

Especialização em Neuropsicopedagogia Institucional e Especialização em Antropologia Cultural e Social;

Mestranda em Ensino da Sociologia.

Interdisciplinaridade:

- (EM13CHS503HI15PE) Analisar e compreender as relações de dominação e resistência, evidenciando conflitos e negociações existentes entre diferentes grupos sociais, culturais, territoriais, religiosos, étnicos raciais, de gênero, de orientação sexual, de idade, comparando os diferentes contextos históricos.
- (EM13CHS103HI03PE) Problematicar e contextualizar construções discursivas naturalizadas tais como democracia racial e de gênero, meritocracia, entre outras, por meio de elementos da pesquisa histórica (construção e operacionalização de categorias de análise, crítica de fontes e interpretação) de modo a se posicionar, autonomamente, frente aos desafios contemporâneos.
- (EM13CHS503SOC11PE) - Compreender as consequências provocadas pelo patriarcalismo, dentre elas a desigualdade entre gêneros e os fenômenos violentos naturalizados nas relações de poder, de forma a desnaturalizar as violências e as estruturas sociais da desigualdade.
- (EMIFCHS03PE) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisa em fontes confiáveis, temas relativos à condição da mulher em diferentes contextos históricos, sociais, econômicos, filosóficos, políticos e/ou culturais, no Brasil e no mundo, desenvolvendo a criticidade e

intervenções práticas em relação a cenas do cotidiano.

- (EMIFCHS08PE) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para Compreender as emoções como parte de um complexo comunicativo e sociocultural importante na construção das relações sociais e individuais, considerando a situação/opinião/sentimento do/a outro/a, agindo com empatia, flexibilidade e resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.
- (EM13CHS302SOC07PE) - Identificar e caracterizar questões relativas à exclusão e à inclusão precária dos povos indígenas, afrodescendentes e quilombolas nas políticas públicas brasileiras, a partir de indicadores econômicos, políticos, sociais, culturais e educacionais.

Ementa:

Desenvolver a compreensão dos indivíduos sobre a construção sociocultural das relações de gênero e a forma como a sociedade enxerga o conceito de gênero na sua concepção de informação. Analisando a necessidade de se ter um desenvolvimento social em relação às formas de tratamento dos indivíduos que não se comportam com o gênero normativo da sociedade vigente. Compreendendo como o “achismo” e o pré-conceito pode ser algo prejudicial ao desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, prejudicando o reconhecimento social do gênero.

Objetivos:

- Analisar como as quebras de paradigmas podem produzir indivíduos produtores de uma sociedade mais consciente das suas ações;
- Compreender o que é gênero Biológico e Social;
- Analisar como a partir da concepção sociocultural dos indivíduos podemos classificar o que seria homem e mulher;
- Observar junto ao educando como a classificação do corpo reforça as vestimentas;
- Identificar a importância de ser escutado e poder lutar por seus direitos.

Conteúdos:

- O que é gênero e sexualidade?

- A influência da sociedade na construção do gênero: quem disse o que era ser mulher e homem?
- Quem disse o que eu devo usar: a performance do corpo.
- A minha voz é instrumento de luta?
- Relações de poderes entre os gêneros.
- Qual cor o meu gênero se adequa?
- Quem disse qual gênero e sexo devo ser classificado?
- Somos livres para ser quem somos?
- Liberdade: o que significa essa palavra?
- Quem somos para nós mesmos?

Competências e Habilidades:

- (EM13CHS503HI15PE) Analisar e compreender as relações de dominação e resistência, evidenciando conflitos e negociações existentes entre diferentes grupos sociais, culturais, territoriais, religiosos, étnicos raciais, de gênero, de orientação sexual, de idade, comparando os diferentes contextos históricos;
- (EM13CHS103HI03PE) Problematicar e contextualizar construções discursivas naturalizadas tais como democracia racial e de gênero, meritocracia, entre outras, por meio de elementos da pesquisa histórica (construção e operacionalização de categorias de análise, crítica de fontes e interpretação) de modo a se posicionar, autonomamente, frente aos desafios contemporâneos.
- (EM13CHS503SOC11PE) - Compreender as consequências provocadas pelo patriarcalismo, dentre elas a desigualdade entre gêneros e os fenômenos violentos naturalizados nas relações de poder, de forma a desnaturalizar as violências e as estruturas sociais da desigualdade.
- (EMIFCHS03PE) Selecionar e sistematizar, com base em estudos e/ou pesquisa em fontes confiáveis, temas relativos à condição da mulher em diferentes contextos históricos, sociais, econômicos, filosóficos, políticos e/ou culturais, no Brasil e no mundo, desenvolvendo a criticidade e intervenções práticas em relação a cenas do cotidiano.
- (EMIFCHS08PE) Selecionar e mobilizar intencionalmente conhecimentos e recursos das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para Compreender as emoções como parte de um complexo comunicativo e sociocultural importante na construção das relações sociais e individuais, considerando a situação/opinião/sentimento do/a outro/a, agindo com empatia, flexibilidade e

resiliência para promover o diálogo, a colaboração, a mediação e resolução de conflitos, o combate ao preconceito e a valorização da diversidade.

- (EM13CHS302SOC07PE) - Identificar e caracterizar questões relativas à exclusão e à inclusão precária dos povos indígenas, afrodescendentes e quilombolas nas políticas públicas brasileiras, a partir de indicadores econômicos, políticos, sociais, culturais e educacionais.

Estratégias metodológicas:

Analisando textos e vídeos para assimilar como a sociedade se modifica em relação aos gêneros não normativos e como podemos trabalhar para quebrar paradigmas e dogmas sociais construídos na formação social dos indivíduos.

Debates e análise dos temas a partir das perspectivas do alunado sobre o assunto levantado em aula e como ele (a) se posicionaria com o seu conhecimento prévio; e após o debate como a sua visão ficou, se permaneceu ou mudou algo.

Recursos Didáticos:

- Datashow;
- Notebook;
- Som;
- Cartolina;
- Seminário;
- Artes.

Formas de Avaliação:

Apresentação de trabalho visual, seminário e trabalho escrito.

Culminância: Apresentação de trabalho visual com apresentação de um dos temas trabalhos.

Referências Bibliográficas

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção primeiros passos: 328.

BUTLER, Judith, **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. ed.1.2018.

BRETON, David L.A. **Sociologia do Corpo**. 2.ed. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann.- Petrópolis,RJ: Vozes,2007.

CARVALHO, Marília Pinto de. **O conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED**. (1999-2009). Revista Brasileira de Educação, v. 16, p. 99-117, 2011.

De BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**.ed.4, 1970.

DOMENICI, Catarina Leite. **A performance musical e o gênero feminino**. Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas. Goiânia/Porto Alegre: ANPPOM, 2013. p. 89-109, 2013.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Dualismos em duelo**. cadernos pagu , p. 9-79, 2002.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. **As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas**. Revista de Administração Pública, v. 44, p. 367-383, 2010.

GUERRA, Luiz Antonio. **Sexo, gênero e sexualidade**. Info Escola. Disponível em< [https://www. infoescola. com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/](https://www.infoescola.com/sociologia/sexo-genero-e-sexualidade/)>. Acesso em, v. 21, n. 10, 2019.

HOOKS, Bell et al. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

SEPULVEDA, Denize.et al. **Gêneros e sexualidades [livro eletrônico]: noções, símbolos e datas.** 2021.

SILVA, Silas Veloso de Paula. **Ensino de sociologia em tempos de guerra à “ideologia de gênero”(ou da ideologia de “guerra ao gênero”): caminhos possíveis em meio aos novos campos minados na educação.** 2022. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

WEIL, Pierre. ROLAND, Tompakow. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal.** 2015.

ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DE VÍDEO 26 DE OUTUBRO DE 2023 FINAL DA ELETIVA 2023.2

Entrevistadora: Esse é Maria (nome fictício), está certo? A gente está começando a fazer uma entrevista para um documentário que vai ser entregue para a culminância 2023.2. A gente vai ver como é que ela iniciou, de um jeito, na eletiva, ressaltando que é a segunda vez que ela participa de uma eletiva de estudo de gênero.

O nome da eletiva é Estudo de Gênero, um espaço de formação e aprendizado. E a gente vai escutar um pouco sobre ela. Qual a sua idade, Maria?

Maria: 16 anos.

Entrevistadora: E a gente vai vendo o que você falou no início da eletiva desse semestre e como é que você vê hoje. Por exemplo, uma das perguntas que foi dita foi que, sem a ajuda, você explicasse com as suas palavras qual é a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. Você disse que a identidade de gênero é como a que vive ou expressa no acordo com o dito gênero e a orientação é que determina em quais condições você sente a atração por outra pessoa.

Maria: Eu fui criada, né, para ser uma menina. Só que, conhecendo um pouco sobre o que é gênero e como isso é uma construção social, é uma coisa que hoje não faz muita diferença para mim. Eu me vejo, assim, como uma menina, mas não me faz muita diferença, sabe?

Entrevistadora: Então, você se considera sem gênero?

Maria: Sim.

Entrevistadora: Você mudaria alguma coisa da sua palavra? Acrescentaria mais alguma coisa?

Maria: Não, vou entrar pensando da mesma forma.

Entrevistadora: Certo. O que a eletiva fez para você? Como é que você poderia me dizer em relação a isso? Identificar o que é identidade de gênero e orientação sexual.

Maria: Pô, eu entrei na eletiva porque foi um assunto que me chamou atenção e já era um assunto que eu sabia um pouco. Então, eu entrei, mas para reforçar uma ideia que eu já tive e até acrescentar algumas coisas. Tipo, eu tenho muitas informações sobre gênero e da história, por exemplo, e coisas que a senhora falou, que eu não sabia.

Entrevistadora: Certo. O que é que você poderia dizer sobre essa história que foi dita na eletiva? Mais sobre como surgiu essa divisão de gênero e como ao longo da história isso influenciou por exemplo, na opressão das mulheres, por serem mulheres.

Maria: Por exemplo, por que homens estão mais presentes em tais coisas, por que o papel social deles é para estar nesses lugares. Enfim, coisas assim.

Entrevistadora: Outra pergunta que a gente fez sobre a questão da divisão de trabalho no ambiente doméstico em relação a uma mulher. Você disse que era de forma desequilibrada. Como você poderia descrever esse desequilíbrio? A partir do que a gente estudou ou você viu dentro da eletiva?

Maria: Bom, a partir do que a gente estudou, assim, quando a gente fala de essa divisão de identidades domésticas, é sempre, você não tem como falar disso sem ver na prática, ver como isso funciona no cotidiano de uma família. Então, falando de mim, por exemplo, eu fui ensinada desde pequena a fazer coisas de casa, coisas domésticas.

E hoje em dia, por exemplo, eu fui ensinada algumas coisas porque minha mãe só tinha meu irmão na época. Ele também teve que ajudar ela com as coisas domésticas. Mas hoje em dia, a gente dividindo uma mesma casa, a gente vê que, sabe, meu irmão não é tão cobrado assim como eu e minha irmã mais nova, que também está aí na mesma, sabe, sobre as identidades domésticas.

Entrevistadora: Então, você vê que é desequilibrado essa cobrança das identidades domésticas em relação aos gêneros?

Maria: Exato.

Entrevistadora: E o que você diria para fechar essa sua entrevista sobre a eletiva? Como é que você enxerga a eletiva de estudo de gênero?

Maria: De forma boa até, né. Tem as aulas com pensamentos e debates, né; onde as pessoas falam o que elas pensam sobre. Me irrita um pouco. Mas é bom porque você vai adquirindo um repertório sobre isso.

Porque, por exemplo, você fala sobre qualquer tipo de... algum debate social, sobre questões sociais. Não tem como você estudar só um lado, sabe? Não só um lado que defende que construção de gênero é uma coisa social, ou construção social, que não sei o que. Você deve também ter que ver o outro lado, o que seria mais conservador, assim, né?

Entrevistadora: E para você? O que é que você vai levar na eletiva de estudo?

Maria: Hum.... Que pessoas ignorantes existem. Né? Teve certos momentos na eletiva que eu me deparei com gente que eu achava que era mentira. Eu achava que não existia. Tipo assim, não é possível que uma pessoa pense assim. Não é possível. Me deparei um pouco com esse tipo de situação. Mas é bom porque eu achei me preparar mais.

Porque no futuro eu vou me deparar com pessoas assim. E presenciar isso na eletiva foi, de certa forma, uma boa. Certo.

Entrevistadora: Obrigada, Maria.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: Esse é João (nome fictício). Ele também faz parte da eletiva. E a gente vai ver como é que ele pode nos dizer que a eletiva proporcionou a ele. Quantos anos você tem, João?

João: Tenho 16 anos.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

João: Cisgênero.

Entrevistadora: Você aprendeu isso na eletiva ou já sabia?

João: Eu aprendi isso na eletiva. Eu pensava que gênero era a questão de hétero, homossexual, lésbica, essas coisas assim.

Entrevistadora: Deixa eu te fazer uma pergunta. Uma das perguntas que a gente falou sobre, se você entendia a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual. O que você poderia me dizer sobre isso?

João: você escolher orientação sexual é a sua sexualidade, já a identidade gênero, que é o gênero que eu sou, que é homem. Eu achava que gênero em si era essa questão, você é homem, você é mulher, você é trans, mas na verdade é cisgênero, você se identifica com... É um negócio assim, você se identifica com o seu gênero. Ah, e basicamente não mudou muita coisa não, orientação sexual. Obviamente é a sua sexualidade e é o gênero que você se identifica.

Entrevistadora: Certo. Algo mudou através disso? Você hoje consegue identificar e entender as identidades e as suas orientações?

João: Então, tinha muita coisa realmente que eu não sabia sobre gênero e algumas dessas coisas assim se mudam e com a eletiva eu comecei a entender mais.

Entrevistadora: Certo. E o que a eletiva lhe proporcionou?

João: Proporcionou... foi legal para mim, pela interação com os colegas, com os amigos meus próximos que foram para a eletiva, minha interação também com a professora, professora ótima, explicando tudo direitinho. Foi bom.

Entrevistadora: E o que você pode ter tirado desse estudo de gênero? O que você tirou para o seu cotidiano?

João: Eu estou olhando para a câmera.

Entrevistadora: Não tem problema nenhum. Mas se você quiser olhar só para mim, está tudo bem. Então, tipo assim, o que isso lhe proporcionou realmente para a eletiva no seu cotidiano em relação ao outro que é diferente na questão da sua construção de gênero e na sexualidade?

João: Na minha questão pessoal não mudou muita coisa porque eu sei a minha sexualidade, sei minha identidade também de gênero, mas agora acho que em olhar algumas coisas mudou, em olhar algumas situações, em olhar algumas pessoas, inclusive tem pessoas lá na eletiva que são transgêneros que eu não sabia que se chamavam também com outro nome, né? Tem dois alunos lá, ou três, que tem o nome de batismo e tem o nome social, né?

Entrevistadora: Isso. E o que é que a eletiva de estudo de gênero, trouxe para você?

João: Então, trouxe uma visão, de alguns parâmetros, de algumas coisas, uma visão nova em alguns aspectos.

Entrevistadora: Isso lhe ajudou?

João: Não é que me ajudou, é que me ajudou a enxergar algumas coisas de outra forma.

Entrevistadora: Você tinha preconceito ou coisa parecida em relação ao gênero diferente que não se fez de uma forma antiga?

João: Preconceito eu não tinha não, mas algumas coisas eu não entendia ou até errava e outros viam como preconceito.

Entrevistadora: Então hoje você consegue identificar as nomenclaturas?

João: Consigo.

Entrevistadora: Está certo. Obrigada João.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: Pedro (nome fictício), participante também da eletiva de estudo de gênero. Quantos anos você tem?

Pedro: 16.

Entrevistadora: Qual seu gênero?

Pedro: Cis.

Entrevistadora: o que fez você participar da eletiva? O que trouxe você a participar dessa eletiva?

Pedro: Aprendizado. Acho que sempre manter mais conhecimento e ver se você erra alguma coisa. Sempre vou aprender, foi para aprender.

Entrevistadora: O que a eletiva lhe proporcionou em relação a você entender o que é gênero e sexualidade? Ou você já sabia disso? Você já sabia a diferença?

Pedro: Acho que eu não sabia exatamente a diferença. Me ajudou a diferenciar um pouco os termos.

Entrevistadora: Ou seja, hoje você entende que gênero seria o quê?

Pedro: Gênero, gênero é como a pessoa se identifica em relação a... com quem ela vai se relacionar.

Entrevistadora: Gênero é uma identidade ou opção?

Pedro: Identidade.

Entrevistadora: Certo, é assim mesmo. Então, tipo, quando você fala sobre gênero, você consegue identificar rapidamente o que seria?

Pedro: Sim, sim. Eu acho que eu consegui identificar.

Entrevistadora: Como? Como você poderia me explicar sobre isso? O que é gênero realmente?

Pedro: Acho que gênero é como, assim, não sei se está com a palavra aí, mas eu vou ter que... Gênero é como a pessoa se vê em relação à sociedade. Como ela se encontra, se identifica.

Entrevistadora: E a sexualidade? Você acha que é opção ou identidade?

Pedro: Não, sexualidade eu acho que... É opção. Opção, porque... Certo. Não, a sexualidade é opção.

Entrevistadora: E o que o estudo de gênero, a eletiva, lhe proporcionou de conhecimento? O que você poderia dizer sobre a eletiva em si? Com sua experiência.

Pedro: Minha experiência é muito boa. Muito boa.

Sempre aprendendo, sempre aprimorando. Conhecendo, ver se você não está falando nenhum termo errado. Sabe? Em relação a tudo.

Entrevistadora: A gente abordou sobre gêneros, identidade, sobre a sociedade em geral. E sempre em conhecimento a mais. O que você diria de importante? Se a eletiva é importante ou não? O que você diria? Classificaria o nível de importância. Ou seja, onde você classifica o nível de importância dessa eletiva nas escolas? O que você diria? De 0 a 10, 10.

Pedro: Eu acho que é totalmente importante. Eu acho que... Sempre é bom as pessoas entenderem, sabe? A sociedade está mudando e é bom ter alguém nas escolas, principalmente porque o povo passa muito tempo aqui. Para explicar. Explicar. Redirecionar.

Entrevistadora: Eu só queria agora terminar com a sua experiência.

Pedro: O quê?

Entrevistadora: A sua experiência.

Pedro: Em relação a quê?

Entrevistadora: A eletiva. Foi boa?

Pedro: A minha experiência foi ótima. Não foi de brincadeira, à parte. Mas sim. Muito boa a eletiva. Acho que devia ser... Não digamos uma matéria, mas acho que podia ter um espaço sempre para as pessoas... para falar sobre esses assuntos. Sociedade muda. Identidade.

Entrevistadora: Obrigada, Pedro.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: o nome do entrevistado é Bruno (nome fictício). Qual a sua idade?

Bruno: 16.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

Bruno: Masculino.

Entrevistadora: Gênero?

Bruno: Sim.

Entrevistadora: A gente perguntou já sobre o significado de identidade de gênero e a intenção sexual. Você falou que gênero é quando uma pessoa se vê e a intenção sexual é pelo que a pessoa se atende. Você aprendeu isso na letiva ou você já veio com essa construção, esse histórico de conhecimento?

Bruno: Já vim com isso antes. Sim.

Entrevistadora: você conseguiria explicar o que é relações de poderes entre os gêneros?

Bruno: Não sei.

Entrevistadora: E se eu dissesse assim para ti, como que você enxerga a relação entre os gêneros? Como é que você enxerga essas relações?

Bruno: Como assim?

Entrevistadora: Como é que você, Bruno, consegue enxergar as relações entre as pessoas que são diferentes das regras imposta pela sociedade? Você conseguiria reconstruir uma ideia sobre essas relações?

Bruno: Eu acho que ainda não. Ainda não.

Entrevistadora: E o que motivou você a entrar na eletiva?

Bruno: o que me motivou a entrar na eletiva foi porque me identifiquei com o tema, também fui muito ligada a pautas sociais como essas e também com o incentivo dos meus amigos.

Entrevistadora: Você poderia me dizer como foi a sua experiência na Letiva?

Bruno: Bom, de início, né? Eu gostei do tema abordado das aulas, por mais que teve algumas desavenças com alguns alunos que me fizeram quase querer desistir da eletiva, mas eu persisti. Mas, no geral, eu gostei da eletiva.

Entrevistadora: O que é que você vai levar da eletiva? O que você conseguiu de novo na eletiva?

Bruno: Bom, eu vi que tem pessoas que têm pensamentos diferentes do meu que pode ser melhorado ou fica por isso mesmo. E eu tenho que aprender a respeitar isso. E também vi várias outras coisas, outros assuntos que eu não sabia tanto, sabia um pouquinho ou nem sabia, mas aprendi bastante.

Entrevistadora: E o que seria esse que você não sabia muito, mas aprendeu?

Bruno: Por exemplo, eu me lembro até hoje dá aula da senhora sobre vestimentas, ou algum tipo assim, vestimentas da mulher. E eu simplesmente amei essa aula.

Entrevistadora: Quem foi que te vestiu?

Bruno: Sim, quem foi que te vestiu? Simplesmente amei essa aula. Eu amava as roupas femininas. Simplesmente amava. Adorava o jeito dela, o bordado, as roupas exageradas, tanto. Eu amava a roupa feminina. E eu já tentei vestir roupas femininas do armário da minha mãe, só que ela acabou me pegando fazendo isso, né, e rolou uns probleminhas. E essa aula me atingiu muito pessoalmente.

Entrevistadora: Como você recomendaria a eletiva para alguém?

Bruno: Bom, eu recomendaria que, tipo assim, é uma eletiva que estuda o social. Então você tem que entrar nela sabendo que lá dentro possa ter pessoas que tenham pensamentos diferentes dos seus, ideologias diferentes das suas, e que você não vai poder interferir muito nisso. Então você já tem que entrar sabendo disso, como respeitar e ser respeitado. E isso é uma parte boa também, porque você aprende novas visões das outras pessoas. Porque tem pessoas que passam por umas situações que você não passa, e você pode aprender com a situação que essa outra pessoa está passando. Então eu acho essa parte muito legal.

Entrevistadora: Está certo. Obrigada, Bruno.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: o nome do entrevistado é Eduarda (nome fictício). Qual a sua idade?

Eduarda: Tenho 16 anos.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

Eduarda: Feminino.

Entrevistadora: Gênero...

Eduarda: Sim, gênero.

Entrevistadora: Uma pergunta que eu queria fazer. O que significa gênero para você?

Eduarda: Eu acho que é basicamente o nosso gênero biológico. Sabe? O que a sociedade impõe na gente. Se você é feminino ou masculino.

Entrevistadora: Então o gênero para você é biológico?

Eduarda: Isso.

Entrevistadora: E o que foi estudado na questão do significado de gênero na eletiva?

Eduarda: Que não existe apenas os gêneros que a gente conhece e também o patriarcado muitas vezes pela parte das mulheres e tal.

Entrevistadora: Na sua visão, o que seria a identidade de gênero?

Eduarda: Eu acho que é uma relação interpessoal da pessoa. Quando ela se conhece realmente. Porque a sociedade impõe o gênero para você quando você nasce como feminino ou masculino. E a pessoa, a identidade de gênero, eu acho que é quando a pessoa realmente se conhece se ela é feminina, masculino ou outro.

Entrevistadora: A biologia é isso? Consegue identificar essa identidade de gênero?

Eduarda: Eu não me lembro. Desculpa.

Entrevistadora: Eu estou perguntando o que você acha.

Eduarda: Eu acho não muito. É meio apagado, como se não existisse.

Entrevistadora: Se eu dissesse para você que identidade de gênero é uma construção social você entenderia assim?

Eduarda: Sim.

Entrevistadora: O que motivou você a participar da eletiva de gênero?

Eduarda: Porque eu já sabia como funcionava por conta da eletiva passada, mas eu acabei me interessando porque é um assunto que eu gosto muito de debater e eu queria ter mais argumentos.

Entrevistadora: Como foi a sua experiência na eletiva?

Eduarda: Eu achei muito legal porque muitas aulas tiveram debates que foram saudáveis e não tóxicos assim, sabe. Não tiveram brigas por conta disso e eu acho que eu aprendi muito com isso.

Entrevistadora: Tem alguma aula em específico que você lembra, que você gostou mais?

Eduarda: Eu gostei quando a senhora passou a atividade da música para gente falar sobre as mulheres, sabe. E o empoderamento das mulheres e tem muitas outras coisas, né. Que foi as músicas de LGBT, que ia mais, etc. Uma música que luta por um, né.

Entrevistadora: Exatamente. Então, obrigada, Eduarda.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: Silva (nome fictício). Também faz parte da eletiva de gênero. Quantos anos você tem?

Silva: Tenho 16.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

Silva: Sou hétero. Não, hétero não. Desculpa, sou mulher.

Entrevistadora: O que é que você entende sobre gênero? No início da pergunta, se você entendesse o que é a diferença entre identidade e a identidade pessoal, você disse que a identidade de gênero é como a pessoa se identifica e a discussão é como você se atrai. Teve alguma modificação sobre esse pensamento?

Silva: Não.

Entrevistadora: Deixa eu te fazer outra pergunta. O que te atraiu para a eletiva de gênero?

Silva: Eu já tinha feito parte da eletiva no semestre passado. E eu me interessei muito. Eu gostei muito. Eu gostei da culminância no final. E realmente não tem muito o que falar. Eu gosto da turma. Eu gosto que realmente é muito calma as aulas. E é um assunto que eu gosto de praticar.

Entrevistadora: Como foi sua experiência nessa segunda vez da eletiva?

Silva: Foi boa, mas acho que passa muito rápido. Eu não sei se foi porque teve poucas quintas, mas foi bem mais rápido do que a do semestre passado.

Entrevistadora: O que você poderia me dizer mais sobre a eletiva? e, Qual foi a aula que você mais gostou?

Silva: Não me lembro não.

Entrevistadora: Mas o que você poderia me dizer sobre participar da eletiva? Como é que você poderia dizer às pessoas o quão importante ou não a eletiva de gênero em alguns espaços?

Silva: Eu acho que é muito importante, principalmente porque tem muita gente na sala que não tinha muita informação sobre e quis participar. Não sei se posso ficar falando, tipo, acho que fulano da sala fazia piada com as meninas e meninos homossexual e transgênero da escola. Mas depois que ele fez parte da eletiva ele melhorou.

Entrevistadora: Você acha que a eletiva de gênero conscientiza?

Silva: Conscientiza.

Entrevistadora: Conscientiza de que forma?

Silva: Como eu disse, conscientiza as pessoas. É porque todo mundo, para de julgar, e acaba tendo uma noção. Então, conscientiza nisso. A pessoa tem que ter uma noção em relação a tudo. Tem que estudar para ver que realmente não tem essa necessidade de julgar. Porque a gente tem a cabeça muito fechada em relação a tudo. Acho interessante.

Entrevistadora: Então, obrigada, Silva.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: seu nome é Adriana (nome fictício), também participante da eletiva. Qual o seu nome?

Adriana: Tenho 17 anos.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

Adriana: Sou homossexual.

Entrevistadora: Eu queria te fazer umas perguntas para você. No início da eletiva, fiz uma pergunta a você, se entendia sobre a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, e você disse que não compreendia direito. E hoje, você conseguiria responder? O que é gênero e orientação sexual?

Adriana: Identidade de gênero, eu acredito que seja como a pessoa se identifica. E orientação sexual eu acho que é o que a pessoa se interessa e por quem senti atração.

Entrevistadora: Então, hoje você consegue identificar, a partir da eletiva, o que seria identidade de gênero e orientação sexual. E o que te chamou a atenção para participar da eletiva?

Adriana: É porque é um assunto que é um pouco delicado. A gente tem que tomar cuidado para não entrar em polêmica com essas coisas. E me interessei também para saber mais um pouco sobre o assunto, para não ficar tão perdida. Porque no começo eu não entendia nada. Então, foi bom ter entrado também.

Entrevistadora: E você poderia me dizer a sua experiência com a eletiva?

Adriana: Foi boa, eu consegui aprender mais um pouco sobre gênero e sexualidade. Foi uma experiência boa.

Entrevistadora: Está certo. E o que você poderia dizer sobre a eletiva de gênero?

Adriana: É uma eletiva que ajudou bastante os alunos que estão nela para aprender mais sobre esse assunto. Porque não só eu, mas também tem outros alunos lá que não entendiam muito bem sobre o assunto. Então, foi uma experiência boa, não só para mim, mas para eles também, para eles ficarem mais ligados sobre esse assunto de gênero.

Entrevistadora: Certo. Obrigada, Adriana.

Vamos para o próximo entrevistado!

Entrevistadora: nome da entrevistada vitória (nome fictício). Qual a sua idade?

Vitória: Tenho 16 anos.

Entrevistadora: Qual o seu gênero?

Vitória: Assim... Eu ainda estou me descobrindo, mas eu acho que talvez eu me identifique mais como pansexual.

Entrevistadora: Qual foi o motivo da eletiva?

Vitória: Eu entrei na eletiva porque eu acho que é uma coisa importante a gente aprender sobre gênero, sobre o que é, o que significa, como isso acontece na sociedade. Eu acho que isso é importante. E para eu também, como eu estou me descobrindo, estou procurando me descobrir. Eu acho uma coisa importante eu entrar nessas eletivas, entrar em conversas sobre esse assunto.

Entrevistadora: Qual a sua experiência com a eletiva?

Vitória: Ultimamente, eu tenho tido uma experiência um pouco... Foi boa, eu aprendi algumas coisas, mas também a experiência com os alunos em si não foi boa.

Entrevistadora: Por quê?

Vitória: Porque eu acho que quando uma pessoa entra em uma eletiva é para aprender.

Entrevistadora: Certo. Obrigada, Vitória.